

Coleção Teatro Baiano

Protago nistas Norddes tinos

Deolindo Checcucci



Protago
nistas
Norddes
tinios

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora
Dora Leal Rosa

Vice-Reitor
Luiz Rogério Bastos Leal

EDITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora
Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial
Alberto Brum Novaes
Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Ninõ El-Hani
Cleise Furtado Mendes
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
José Teixeira Cavalcante Filho
Maria Vidal de Negreiros Camargo

Coleção **Teatro** Baiano

Protago nistas Nordes tinos

Deolindo Checcucci



Salvador
2012

©2012 By Deolindo Checcucci.
Direitos de edição cedidos à Edufba.
Feito o depósito legal.

Projeto Gráfico
Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Gabriela Nascimento

Editoração Eletrônica
Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Thiago Vieira

Revisão
Cora Lima

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Checcucci, Deolindo.
Protagonistas nordestinos / Deolindo Checcucci. - Salvador : Edufba, 2012.
295 p. il. - (Coleção teatro baiano)

ISBN 978-85-232-0749-6

1. Teatro brasileiro - Brasil, Nordeste. I. Título. II. Série.

CDD - 792.09813

Editora filiada à



Edufba
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina - 40170-115
Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6160 / 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

SUMÁRIO

O Voo da Asa Branca ou Luiz Gonzaga, o Rei do Baião / 7

Maria Quitéria / 55

Raul Seixas / 119

Irmã Dulce / 189

A Mulher de Roxo / 259

M U S I C A L E M U M A T O D E D E O L I N D O C H E C C U C C

O VOO DA ASA BRANCA OU LUIZ LONZAGA, O REI DO BAIÃO



**Prêmio
Copene
de Teatro**

coelba
Grupo IBERDROLA

FAZCULTURA
PROGRAMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

**GOVERNO
DA BAHIA**
SECRETARIA DA FAZENDA
SECRETARIA DA CULTURA
E TURISMO

VIDA DE GONZAGÃO RENDE AULA ALEGRE SOBRE BRASIL*

O espetáculo baiano que está abrindo a temporada do “EnCena Brasil” é uma festa para apresentar a vida de Luiz Gonzaga, o grupo e seu diretor acertam, principalmente porque fazem o que sabem, e o fazem com amor. Luiz Gonzaga nasceu em Pernambuco e seu imenso sucesso foi todo baseado em sua permanente ligação com suas raízes culturais, que ele divulgou e tornou realmente populares por todo o País. Assim sendo, nada melhor para contar sua história do que a opção pela forma épica do cordel, que não é usada como falsa busca de ingenuidade, mas como a linguagem ideal para expressar tudo o que uma considerável pesquisa levou o diretor Deolindo Checcucci (mestrado em teatro nos EUA) a conceber e estruturar sobre a vida do Rei do Baião.

O texto não só dramatiza com ilusória facilidade a vida de Luiz Gonzaga desde a infância, como evoca com segurança e eficiência o mundo em que cresceu e os mundos que mais tarde veio a integrar; isso ligado ao uso de toda uma série de canções muito bem selecionadas cria um todo coeso, que revive um Brasil que passamos a compreender um pouco melhor graças ao espetáculo.

Em um palco vazio, a cenografia de *O Voo da Asa Branca* é composta por dois grupos sucessivos de grades, facilmente manipuladas pelo elenco: as toscas, de madeira, são o Nordeste formador, as leves, de metal, criam a cidade grande (mas ainda não tão ameaçadora). Dois bois, um maior e um menor, falam junto com imagens de santos e alguns outros acessórios de um mundo amoroso e ingênuo (ao qual não faltam Lampião e conflitos locais). Os figurinos são de muito bom gosto, com cores fortes e desenho simples, mas expressivo. Tudo na encenação tem um limite exato, que a deixa sempre dentro do âmbito das possibilidades e do conhecimento do elenco, que canta, toca e dança a fim de contar sua história com alegria e amor.

Não temos indicação de nomes dos componentes do elenco, mas é preciso dizer que há uma organicidade total em seu trabalho, e que tudo funciona muito bem. É muito raro se ter uma aula de Brasil a um só tempo tão informativa, eficiente, agradável e alegre. Parabéns ao grupo que se apresenta só até domingo no Teatro Glaucete Rocha. O espetáculo precisa ser visto.

Bárbara Heliadora

* Texto publicado no jornal *O Globo* de 29 de março de 2001, no Segundo Caderno, coluna Teatro – Crítica. Atualizado pela nova ortografia.

O VOO DA ASA BRANCA

Texto e direção de Deolindo Checcucci

Em um mundo globalizado e dividido em blocos, a noção de identidade (regional, grupal, pessoal) cresce em valor e importância, como marca ou caráter definidor, em meio à pluralidade e diversidade humanas.

Identidade: é o que primeiro nos ocorre ao ver o belo espetáculo da Bahia, pois a “nordestinidade”, que o personagem central retratado assume dicidamente em certo momento de sua história/vida, parece ter sido igualmente assumida pelo autor/diretor e bem absorvida por todo o elenco: o universo cultural nordestino aí está por inteiro, no colorido visual dos figurinos, nos tipos, na expressão dos corpos e dos gestos, nas vozes, na linguagem e, obviamente, na música – que é o próprio “falar” de Luiz “Lua” Gonzaga.

Coerência, outra marca: a despretensão e simplicidade aparentes não escondem os cuidados com os detalhes que dão à escrita cênica unidade e coerência. Os exemplos seriam multiplicáveis: as toscas grades de troncos naturais movidas em constante jogo cênico, e que na cidade se tornam metálicos gradis de desenho estereotipado; a bem orquestrada interpretação que, mesmo com alguns destaques, tem no conjunto uma alegria – que os atores parecem viver na cena – uma leveza e espontaneidade, uma comunicabilidade imediata, direta, que contagiam o espectador e fazem de *O voo da Asa Branca* um espetáculo para todos os gostos.

Um voo, realmente. Que, com o olhar preso, nós, os espectadores, acompanhamos, desejando que este vôo leve o grupo cada vez mais alto e mais longe.

Maria Helena Kühner
Escritora e Dramaturga.

O Voo da Asa Branca ou Luiz Gonzaga, o Rei do Baião

Musical em um ato de Deolindo Checcucci

Para meu pai Deolindo e minha mãe Edite. Com eles, aprendi a gostar de "Lua".

PERSONAGENS

Santana

Luiz

Lampião

Januário

Filha do Coronel Alencar

Nazarena

Dona Vitalina

Seu Antônio

Seu Raimundo

Zé de Elvira

Soldado

Domingos

Português

Xavier

Ari Barroso

Zélia da Silva

Rapaz 1

Rapaz 2

Augusto (o empresário)

Jornalista

Aurora Miranda

Carmem Miranda

Soldado 1

Soldado 2

Ator 1

Ator 2

Ator 3

Ator 4

Ator 5

CENOGRAFIA

Ao acender a luz, um sanfoneiro, acompanhado de zabumba e triângulo, toca “BAIÃO”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Enquanto tocam, os atores cantam e dançam, ao mesmo tempo em que passam um bumba-meu-boi, uma burrinha, um palhaço em perna de pau, boiadeiros, banda de pífanos, bonecas de pano, carregadas pelos atores, que servem como par para a dança e cangaceiros.

“Eu vou mostrar pra vocês / Como se dança um baião / E quem quiser aprender / É favor prestar atenção / Morena chegue pra cá / Bem junto ao meu coração / Agora é só me seguir / Pois eu vou dançar o baião / Eu já dancei balanceio / Xamego, samba e xerém / Mas o baião tem um quê / Que as outras danças não tem / Quem quiser é só dizer / Pois eu com satisfação / Vou dançar cantando o baião / Eu já dancei no Pará / Toquei sanfona em Belém / Cantei lá no Ceará / E sei o que me convém / Por isso eu quero afirmar / Com toda convicção / Que sou doído pelo baião.”

(A música e a coreografia terminam com um boiadeiro cantando um aboio, montado em uma burrinha. Atores falam após a passagem do boiadeiro)

Ator 1

Neste mundo de meu Deus
Tem gente de todo jeito
Cada um dá o que tem
Conforme seja o sujeito
Uns nascem pro conformismo
Outros querem seus direitos

Ator 2

Foi no sertão nordestino
Na terra dos coronéis
Que apareceu um menino
Cujo nome era Luiz
Apelidado de Lua
Pois assim o povo quis

Ator 3

Na roça, ele trabalhava
Ouvindo o assum preto cantar
E enquanto ele capinava
Pensava também em voar
E nos caminhos do mundo
O seu canto espalhar

Ator 4

Lua desde pequenino
Queria ser seu senhor
Comandar o seu destino
Com harmonia e amor
Sua vontade maior
Era ser um cantador

Ator 5

Em casa, sua mãe Santana
O menino assuntava
E consigo mesma pensava

Santana

O pai vive a fazer forró
Não quer saber de mais nada
Esse vai ser lavrador
Senão eu fico amuada

(Corta para a casa de Luiz que conversa com a mãe, Santana)

Santana

Ô filho, que é que você tanto faz na oficina de seu pai?

Luiz

Mãe, veja bem, eu te ajudo na roça. Mas o que eu gosto mesmo é de ajudar pai a consertar a sanfona, pois eu também quero ser sanfoneiro.

Santana

Ah, é? Eu já tinha percebido! Não é nenhuma novidade!

Luiz

Pois é. Eu adoro quando tem forró e vejo o pai lá tocando polca, valsa, xote, baião. Ou então, quando a senhora termina a reza e o forró começa com o povo todo dançando!

Santana

(Com ironia) É mesmo?

Luiz

Ora mãe!... Tem coisa melhor? Oxente, mãe não me encare com esse rabo de olho! Você mesmo disse que a gente tem que lutar pelo que quer! E eu quero ser sanfoneiro!

Santana

É... O que não tem remédio, remediado está! Vê o que eu trouxe pra você lá da feira.

(Dá um par de alpercatas para ele)

Luiz

Mãe, um par de alpercatas!

Santana

Eu também tô fazendo umas calças pra você. Acho que você não tá mais em idade de usar calças curtas.

Luiz

(Beijando a mãe). Obrigado, mãe!

Santana

Olha, amanhã a gente tem que ir cedo pra a roça pra plantar o milho pro São João.

Luiz

Claro, mãe. A gente levanta com o sol e sai.

Santana

Tá certo.

(Sorri e beija o filho)

Luiz

Bença, mãe!

(Beija a mão da mãe)

Santana

Deus lhe abençoe e lhe dê uma boa noite.

Luiz

Vai dar, sim.

(A mãe sai)

Luiz

(Pegando as alpercatas e calçando). Menino, olha só que bonito! Deixe eu botar no pé. *(Olha o céu)*. Ih menino, hoje tem lua cheia! *(Calça as alpercatas. Tenta andar)*. Não! Tá apertada! A luz da lua tá dando um brilho legal no couro! Mas, tá apertada! Se eu sair com ela, vai ser calo pra todo lado! Amanhã tem forró, e eu vou fazer bonito com minhas alpercatas. Diz que sebo de vela ajuda! Deixa eu ver se acho uma pra passar no couro.

(Sai)

(Os atores narram)

Ator 1

Em mil novecentos e vinte
Era assim que se criavam
Os meninos no sertão
Pá, enxada, céu aberto,
Terra, foice, plantação!
Coisa que se passava de geração a geração.

Ator 2

Colégio era coisa rara,
Privilégio de patrão
E não mudou muito não!
Coronel ainda é quem manda,
Já que a propriedade
Continua em sua mão.

Ator 3

Mas, quem nasce com visão,
Já se põe a imaginar,
A caminhos inventar,
E assim era nosso irmão
Ouvinte atento do vento,
Passando pela caatinga
Como se fosse canção.

Ator 4

Seguindo os carros de boi,
Rangendo pelas estradas,
Ouvindo o coro das gias,
Quando na noite chovia,

O carcará animado,
Com seu canto desalmado,
Quando uma presa fazia.

Ator 5

Era pois da natureza
Que vinha sua inspiração,
Mas também das cantorias,
Das rezas à Virgem Maria
Que corriam no sertão
Nos dias de oração.

(Corta para grupos de rezadeiras puxadas por Santana. Elas cantam)

“Abris a porta do céu / Quero entrar no seu jardim / Eu peço a Nossa Senhora / Pra abrir a porta pra mim”

(Passam em procissão com o andor da Virgem e saem. Atores dão continuidade à narração)

Ator 1

O pai tocava sanfona,
Na roça a mãe trabalhava,
O menino muito esperto,
Tudo via e escutava,
Era na feira, então,
Que sua imaginação se soltava.

Ator 2

Foi na feira que ele soube
De muita estória fantástica,
Que seu olho arregalava!
Tinha sempre um contador
A historiar sem pudor
Tudo que ali se passava.

Ator 3

E foi assim que Luiz
Conheceu muito à vontade
As proezas de Bocage
A esperteza de João Grilo
As aventuras de Malazarte.

Ator 4

Ouvindo tantas estórias,
Queria fazer a sua,
Queria aventura, estrada,
Se imaginava no mundo,
Igual a seus camaradas.

Ator 5

Certo dia, ele escutou
Uma história que marcou
Pra sempre seu coração,
Era a história de um cabra,
Cujo nome era Virgulino,
Apelido Lampião.

(Os atores cantam)

“É lampa, é lampa, é lampa, / É lamparina, é Lampião, / Seu nome é Virgulino, / Apelido Lampião”. / “O fuzil de Lampião / É coberto de metá, A bala que sai de dentro / Cantano “Mulé Rendá” / “Olê, mulé rendêra... / Lê mulé rendá...”, / “Tu m’insina fazê renda, / Qu’eu t’insino a namorá, / Chorou por mim num fica, / Saluçou vai no borná”.

(Continuam a narração após o canto)

Ator 1

No estado de Pernambuco,
No sertão de Vila Bela,
Foi que nasceu Lampião,
Com sua luz amarela,
Daí veio o desespero,
É o maior cangaceiro,
Que apresentamos na tela.

Ator 2

Naquele tempo existia
Coronéis de “carta branca”,
Que contra a lei do País
Puxavam a maior carranca.
Naquele tempo, no Norte,
Só triunfava o mais forte
No manejo da alavanca...

Ator 3

Também tinha cangaceiros
 Nesse solo nordestino:
 Casemiro, Né Pereira
 E o grande Antônio Silvino,
 E devido esse ambiente
 Deu fogo ao adolescente
 Ao gênio de Virgulino!

Ator 4

Virgulino aos 10 anos
 Era esperto e diligente,
 Frequentou humilde escola,
 E era muito inteligente.
 Dizia seu professor:

Professor

Este cabra é um terror,
 Vai assombrar muita gente!

Ator 5

Manoel Lopes, seu tio,
 Lhe tinha bastante amor
 E dizia:

Tio

Este menino
 Deverá ser um doutor.

Ator 1

Ele dizia altaneiro:

Lampião

Eu quero ser é vaqueiro,
 Nasci pra ser montador!

(Ator caracterizado de Lampião entra e diz o “poema de Lampião”)

“Por minha infelicidade
 Entrei nesta triste vida,
 Não gosto nem de contar
 A minha história sentida,
 A desgraça enche o meu rosto,

Em minha alma entra o desgosto,
Meu peito é uma ferida"
Quando me lembro, senhores,
Do meu tempo de inocente,
Que brincava nos serrados,
Do meu sertão sorridente,
Magoado desta paixão,
Sinto que meu coração
Bate e chora amargamente...
"Meu pai e minha mãe querida
Quiseram me ensinar,
No seu colo carinhoso,
Ela ensinou-me a rezar,
E, à luz dos pirilampos,
Ele ensinou-me nos campos
Eu, menino, a trabalhar".
"Cresci na casa paterna,
Quis ser um homem de bem,
Viver de meus trabalhos
Sem ser pesado a ninguém,
Fui almocreve na estrada,
Fui até bom camarada
E tive amigos também".
tive também meus amores,
Cultivei a minha paixão,
Amei uma flor mimosa,
Filha lá de meu sertão,
Sonhei de gozar a vida
Bem junto a prenda querida,
A quem dei meu coração..."
"Hoje sei que sou bandido,
Como todo mundo diz,
Porém já fui venturoso,
Passei meu tempo feliz,
Quando no colo materno
Gozei o carinho eterno
De quem tanto bem eu quis!"
"Meu rifle atira cantando

Em compasso assustador,
 Faz gosto brigar comigo,
 Porque sou bom cantador,
 Enquanto o rifle trabalha,
 Minha voz, longe, se espalha,
 Zombando do próprio horror".
 "Nunca pensei que na vida
 Fosse preciso brigar,
 Apesar de ter intriga,
 Gostava de trabalhar
 Mas hoje sou cangaceiro,
 Enfrentarei o balseiro,
 Até... alguém me matar..."

(O ator que faz Lampião sai e entra o narrador)

Ator 1

Ouvindo aquelas histórias,
 Luiz ficava intrigado
 O que era um cangaceiro?
 Por que era tão malvado?
 Perguntava o menino,
 Apesar de admirado!

(Corte para Januário e Luiz Gonzaga. O pai conserta uma sanfona)

Luiz

Pai, o que é que deixou o Lampião amuado?

Januário

Olhe, meu filho, dizem que os Ferreira, lá da fazenda Ingazeira, perseguiram os pais de Lampião por causa de um chocalho. E nessa perseguição terminaram acabando com eles. Lampião, ainda moleque, ficou de coração travado. Daí se juntou com os irmãos e resolveu se vingar. Entrou no cangaço e vive por aí afora a tirar de quem tem. É um homem revoltado. Tem lá suas razões.

Luiz

Mas por que ele não foi à Justiça e apelou para a lei?

Januário

Luiz, você ainda é novo. Um dia você vai entender que a lei é para os mais fortes. Quem é pobre como nós tem que comer calado. Do contrário, o couro come, e nem roça, nem roçado!

Luiz

Eu queria conhecer de perto esse tal de Lampião!

Januário

Esquece disso, menino! Cangaceiro e polícia não tem muita diferença não. Uns, matam por conta própria, outros para o patrão.

Luiz

Então tem diferença, pai. Os cangaceiros querem viver como todo mundo que se diz de bem. Com casa, comida, dinheiro. Mas se a lei é só para os mais fortes, como é que ficam os mais fracos?

Januário

Não é porque eu não tenho que eu vou sair por aí afrontando todo mundo com um parabelo na mão.

Luiz

Mas, e o governo tá aí pra quê? Devia repartir melhor pra ninguém ficar de fora.

Januário

Devia, mas não faz.

Luiz

É. Quer dizer então que os Alencar são diferentes?

Januário

São sim. A gente trabalha pra eles, mas tem nosso roçado, nossa casa. Quem sabe, mais adiante a gente junta um dinheiro e compra um pedaço de terra maior.

Luiz

Então, não é só cangaceiro que briga! Doutor também vive brigando! Os Sampaio e os Alencar não são inimigos?

Januário

São, sim. Os Alencar eram donos da maior parte das terras aqui. Os Sampaio chegaram e compraram muitas terras que pertenciam aos Ferreira. E aí começaram a se desentender. Começaram a controlar os políticos para beneficiar as terras deles. Foi a conta para os Alencar começarem a briga.

Luiz

Beneficiar como?

Januário

Abrir açude, principalmente. Pode ver que água não falta em casa de doutor. A seca aqui podia acabar se usassem o dinheiro pra beneficiar todo o mundo. Mas não, só tem açude nas fazendas dos doutores.

Luiz

Eu não quero ficar por aqui. Meu destino é ser viajante. Conhecer outros lugares, outras pessoas. Tocando, cantando e dançando por essa vida afora!

Januário

Você quer ser livre!

Luiz

Voar como a asa branca!

Januário

Sem nada pra lhe prender! Aí vai ser difícil ser doutor!

Luiz

Eu não quero ser doutor. Eu quero mais. Eu quero é ser sanfoneiro. Como o senhor!

Januário

Você leva jeito pra a coisa. Se essa é a sua vontade, assim seja! Dá uma olhada nesta sanfona. Vê se está afinada!

(Santana entra e vê o filho tocando)**Santana**

É. Esse aí tá no seu jeito.

Januário

Ele vai me acompanhar nos bailes.

Santana

E quem vai pra a roça comigo?

Januário

Leva o Zé com você.

(Corte para atores que narram)**Ator 1**

O nosso esperto Luiz,
Simpatia irradiava,
Sempre alegre e divertido,

Ele a todos conquistava
E assim ele vivia,
Conquistando quem chegava.

Ator 2

Com a sua simpatia
Conquistou os Alencar,
E como acompanhante,
Com o doutor foi trabalhar,
Andando Nordeste afora,
Aprendendo a se virar.

Ator 3

Com a filha do doutor
Aprendeu o beabá
Para muitos efe e erre
Para outros fê e rê
O certo é que o garoto
Podia agora escrever

(Entra filha do Coronel Alencar e mostra um abecê onde ela vai marcando as letras com um papel furado em forma oval)

Filha

E então Luiz, que letra é esta aqui?

Luiz

A

Filha

E esta?

Luiz

C

Filha

E esta?

Luiz

F

Filha

Esta?

Luiz

M

Filha

Agora vamos soletrar. B + A

Luiz

Ba

Filha

B + O

Luiz

Bo

Filha

M + A

Luiz

Ma

Filha

Repita o abecê todo

Luiz

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z.

Filha

Para aprender melhor faça as ligações das vogais com as consoantes.

Luiz

Tá certo! Ba, be, bi, bo, bu

Ma, me, mi, mo, um

Da, de, di, do, du

La, le, li, lo, lu

(Entram acordes. Luiz e os atores cantam o ABC DO SERTÃO, de Zé Dantas e Luiz Gonzaga)

“Lá no meu sertão/ Pro caboclo ler / Tem que aprender um outro ABC / O jota é ji o ele é lê / O esse é si, mas o erre tem nome de rê / Até o ipsilon lá é pissilone / O eme é mê e o ene é nê / O efe é fê, o gê chama-se guê, / Na escola é engraçado / Ouvir-se tanto ê / A, bê, cê, dê, fê, guê, lê, mê, nê, pê, quê, ré, tê, vê e zê.”

(Corte para Santana, Luiz e Januário que se preparam para a festa de São João)

Santana

Ô Luiz, tome aqui esta canjica pra comadre Joana!

Luiz

Espera um pouco, mãe. Deixa eu terminar uns acordes pra uma música que eu fiz pra festejar São João!

Santana

Além de tocador, você agora também é poeta?

Luiz

Oxente! Eu invento. Quem inventa faz qualquer coisa. Ah! Dona Maria mandou umas tangerinas pra pendurar na árvore!

Santana

Eu ganhei uns fogos do cumpadre João! Leva umas pamonhas pra ele! Tá aqui, ó!

Luiz

Eta, que o São João vai ser bom esse ano!

Santana

Você tá é animado!

Luiz

Ô mãe, quem não se anima com São João? Só quem já perdeu a alegria.

Santana

Mas não se esqueça de deixar as encomendas com o pessoal.

Luiz

Certo mãe, eu já vou!

(Sai. Entra Januário com uma bacia cheia de água)

Santana

Que é isto, Januário?

Januário

É pra adivinhação! Se depois de meia-noite você olhar e não ver a sua cara na água, é porque não vai tá vivo ano que vem.

Santana

Oxente! Deixa de agouro, homem de Deus. Jogue esta água fora! Nunca gostei desta adivinhação. Gosto mais da faca na bananeira. Foi enfiando a faca na bananeira que eu li o seu nome, e tudo começou. E a gente tá junto até hoje.

Januário

Pois é minha flor. (*Abraça ela*). Eu vou lá fora preparar a fogueira!

Santana

Faça uma boa fogueira, porque quando ela tiver em brasa, Miguel e Anunciação vão ser nossos cumpadres. Já tá tudo combinado.

Januário

Deixe comigo. Eu escolhi bem a madeira. Tem mais gente querendo ser cumpadre e cumadre.

Santana

Deixa eu ver se a canjica já está no ponto!

(Entra Luiz e todo o elenco cantando e dançando SÃO JOÃO NA ROÇA, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Alguns atores cumprimentam-se como “compadre” e “comadre” enquanto dão as mãos para pular a fogueira)

“A fogueira tá queimando / Em homenagem a São João / O forró já começou/ Vamo gente / Rapa pé nesse salão / Dança Joaquim com Raqué / Luiz com laiá / Dança Janjão com Zabé / E eu com Sinhá / Traz a cachaça, Mané / Eu quero ver / Quero ver paia voar.”

(Ao terminar a música, fica de fundo a sanfona e a zabumba, enquanto o poeta narra)

Asa branca a toda hora
Azul afora voava,
Luiz olhava pra ela
E então se perguntava,
Onde vai a asa branca,
Como será sua estrada?
Pensava também na águia,
Assim como na galinha,
Que em vez de voar, ciscava.
Na sua imaginação,
Ele então se perguntava:
Por que uma ave voa
Enquanto outra só cava?

Luiz

(Dirigindo-se à plateia)

Foi estudando lá em Exu que eu conheci Nazarena. Nunca tinha visto uma menina vestida de farda de colégio! Me apaixonei na hora!

Nazarena

(Entrando). Você é Luiz, o sanfoneiro?

Luiz

Eu mesmo.

Nazarena

Filho de seu Januário!

Luiz

Isto. Meu pai mesmo é quem toca. Eu estou começando!

Nazarena

Eu vi você tocar outro dia. E gostei!

Luiz

Então dê uma prova!

Nazarena

Como assim?

Luiz

Venha me ouvir tocar hoje à noite.

Nazarena

Onde?

Luiz

Aqui mesmo no pensionato. Dona Vitalina gosta quando eu toco.

Nazarena

Vou falar com o pai e a mãe. Você sabe. Eles não gostam que eu saia sozinha.

Luiz

Você diz que vai estudar com uma colega!

Nazarena

Tá bom! *(Ela sai. Entra dona Vitalina)* Você não me engana. Está de olho na menina, não é?

Luiz

Ora, dona Vitalina, eu endoidei quando vi Nazarena vestida naquela farda!

D. Vitalina

Cuidado que o pai desta garota é meio brabo!

Luiz

Como assim?

D. Vitalina

Ela é da família Olinda. É branca. E seu Raimundo, o pai dela, não vai gostar muito de ver a filha de amizade com um filho de lavrador sem futuro e ainda por cima, negro!

Luiz

Que é isto, dona Vitalina?

D. Vitalina

Que é isto? Não se engane. Aqui só tem valor quem é branco, tem dinheiro e estuda pra ser doutor! E estudo não é muito bem o seu forte!

Luiz

A senhora sabe que eu tenho de ajudar meus pais na roça! Se eu tivesse mais tempo, eu me dedicava mais. Esse vaivém pra lá e pra cá atrapalha.

D. Vitalina

(Estendendo a mão). Morde aqui pra ver se sai leite. Ora, garoto, você gosta mesmo é de tocar esta sanfona e namorar.

Luiz

Bem, lá isso é verdade!

(Luiz e atores entram cantando “CINTURA FINA”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Luiz dança com Nazarena)

“Minha morena, venha pra cá / Pra dançar xote, se deite em meu cangote / E pode cuchilá / Tu és muié, pra home nenhum / Botá defeito, por isso satisfeito / Com você vou dançá / Vem cá cintura fina, cintura de pilão / Cintura de menina, vem cá meu coração / Quando eu abraço essa cintura de pilão / Eu fico frio, arrepiado, quase morto de paixão / E fecho os óio quando sinto teu calor / Pois seu corpo só foi feito / Pros cuchilo do amô”.

(A música fica mais baixa enquanto um ator narra e os músicos saem)

Ator 2

E o namoro rolou firme,
Entre os dois enamorados,
Luiz pensava em noivar,
Pois estava apaixonado,
Só que o pai da menina
Foi logo cortando o babado,
Proibindo Nazarena
De encontrar o seu amado.

(Entra o pai e leva Nazarena)

Luiz

(Só em cena) Não. Isto não vai ficar assim. Eu peço ele! E vai ser lá na feira. Ele está lá todo sábado! Mas tem que ser tudo longe da mãe, que é pra não dar confusão!

(Banda de pífanos entra e atores agem como feirantes, vendendo frutas, objetos de artesanato, fífós, flores de papel etc.)

Luiz

(Aproximando-se de um vendedor) Ô, seu Antônio, quanto é esta faquinha?

Seu Antônio

Dez réis.

Luiz

Toma aqui. *(Pega e se dirige a outro feirante)*. Me dá uma lapada de cana. Eu preciso de uns goles de cachaça para enfrentar aquele cabra! *(Bebe e dirige-se ao pai de Nazarena com a faca na mão, enquanto os feirantes fazem uma roda e olham assustados)*. Ô seu Raimundo, o senhor me conhece?

Seu Raimundo

Conheço sim, você é Luiz, o filho de Januário.

Luiz

É verdade que o senhor andou aí me descompondo, dizendo que eu sou um sanfoneirozinho de merda, sem talento para casar com sua filha?

Seu Raimundo

(Percebendo que ele está bêbado). Ora, Luiz, conversa desse pessoal. Eu sou amigo de seus pais. Não vai atrás desse povo, não.

Luiz

Agora, de qualquer jeito, me respeite que eu sou de família e posso não ser branco e ter dinheiro como o senhor, mas sou gente como qualquer filho de Deus.

Seu Raimundo

Oxente, Luiz. Tô lhe desconhecendo! Não vê que isto é fuxico de quem não tem o que fazer?

Luiz

Pois tá certo! Estamos entendidos. *(Seu Raimundo sai. Ele continua a andar pela feira e conversa com um amigo)*. Seu Raimundo afrouxou. Ficou com medo de mim: tá pensando que aqui não tem macho! Ora, pois!

(Entra a irmã de Luiz)**Irmã**

Mãe tá chamando lá na feira das cordas. *(Ele sai)*.

Ator 3

Santana levou tudo embora,
Tudo em cima de um jumento,
Chegando em casa ao marido
Narrou todo o acontecimento,
Chamou o menino num quarto
E então foi logo dizendo:

Santana

Então, tu agora é valente, anda armado e tudo? Quer até matar homem. E bebeu, hein? Pois vamos ver se tu é valente mesmo!

Ator 3

Com a corda que trouxe da feira,
Santana deu seu recado
Marcou pra sempre o menino,
Que saiu de casa amuado,
Foi pra um pé de umbuzeiro
E lá ficou arretado.

Luiz

(Fala pra si mesmo). Hoje eu não volto pra casa. Vou passar a noite aqui. Eu tô desmoralizado! O povo aqui fala que nem papagaio! Nazarena vai saber da pisa que eu levei. Eu tenho que dar no pé. Se eu continuar aqui vai ser difícil me arranjar na vida.

(Entra seu amigo, Zé de Elvira, um tangedor de burro)

Zé de Elvira

Tá amuado, homem de Deus?

Luiz

Tô sim. Não dá mais pra viver neste sertão. Eu tenho que ir embora. Há de haver um lugar onde gente seja gente, independente de cor, de raça ou de posses. Se eu continuar por aqui, vou viver engolindo sapo! Essa é uma terra que tá sempre ardendo. Onde falta de tudo. Principalmente água, feijão, oportunidade. Ficar aqui é viver calado. Vendo os coronéis na abundância, enquanto a gente se acaba pra garantir o pão. Gente sem teto, sem pouso, feito galinha ciscando terreiro. E se alguém diz o contrário é tido como bandido, bandoleiro, jagunço. Deve haver algum lugar onde se possa dizer não.

Zé de Elvira

Eu entendo você, irmão. E é bom que você se decida agora, antes de qualquer acomodação. Por enquanto, você é jovem. Tem ousadia, força, coragem. Precisa de ajuda?

Luiz

Preciso sim.

Zé de Elvira

Eu vou levar uma carga de farinha pra o Crato amanhã. Se você quiser, vem comigo!

Luiz

Eu vou sim!

Atores

Ficou tudo combinado,
Luiz voltou para casa,
Dizendo que ia pro Crato
Pra tocar lá numa festa o seu querido baião.
Levava a sanfona nas costas
E a menina Nazarena dentro do seu coração.

(Atores cantam ASA BRANCA, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

“Quando oiei a terra ardendo, / Qual fogueira de São João, / Eu perguntei a Deus do céu, ai / Por que tamanha judiação... / Que braseiro, que fornáia, / Nem um pé de prantação, / Por farta d’água perdi meu gado / Morreu de sede meu alazão... / Inté mesmo a asa branca / Bateu asas no sertão / Entonce eu disse, adeus, Rosinha, / Guarda contigo meu coração... / Hoje, longe muitas légua, / Numa triste solidão, / Espero a chuva cair de novo / Pra mim vortá pro meu sertão... / Quando o verde dos teus óio / Se espaiá na prantação / Eu te asseguro, num chore não, viu / Que eu vortarei, viu, meu coração...”

(Enquanto cantam, fazem uma coreografia onde Luiz vai passando como se estivesse indo embora. Terminada a música e a coreografia, o ator narra)

Ator 3

Luiz deixou seu sertão,
Seguindo sua vocação,
No Exército se alistou,
Por um tempo ali ficou
Um ano então se passou
E Luiz assim pensou:

Luiz

(Aparece vestido de soldado. Fala para o público). E agora, o que é que eu faço da vida? O serviço militar eu já cumpri. Posso voltar para casa ou me engajar no Exército por mais algum tempo. Se eu ficar, posso pedir transferência e servir em outros lugares. Conhecer este país e descobrir outras terras. É isso. Eu vou me engajar e continuar como soldado. *(Sai).*

Ator 1

Luiz então se engajou.
 Foi em casa onde encontrou
 Januário amuado
 O sanfoneiro queria
 Luiz de volta a seu lado,
 Luiz então lhe abraçou
 E pra o pai assim falou:

Luiz

Ainda vou ser homem, pai, pode ficar sossegado!

Januário

Homem não foge como você está fugindo!

Luiz

Eu não estou fugindo, pai. Eu estou buscando qualquer coisa melhor pra mim e pra nós todos.

Januário

Eu acho que é covardia. Mas, se esta é a sua vontade, vá lá e faça direito.

Luiz

Fique tranquilo, pai. O Exército exige muita disciplina. Mas isto eu já aprendi com a mãe. Eu vou me sair bem por lá!

Januário

Está bem, meu filho. *(Os dois se abraçam. Luiz fala).*

Luiz

Dê um abraço pra mãe e todo o pessoal. Até mais ver.

Januário

Até mais.

(Luiz canta “TOQUE DE RANCHO”, de Luiz Gonzaga e J. Ferreira, com atores caracterizados como guardas do Exército que dançam a música)

“O batalhão tá me chamando / Estou aqui, seu coroné / Recruta tá tocando o rancho / É o primeiro toque que aprende no quarté / No tempo certo fiz o meu alistamento / Tou aqui senhor sargento / Pra fazer a inspeção / Quero servir ao Exército brasileiro / Quero ser logo o primeiro / A entrar no batalhão.”

(Ao terminar, um ator fala)

Ator 2

No seu tempo de Exército,
Luiz enfrentou muitos levantes
De um povo dividido
Entre a aspiração popular
E o poder dominante,
Ninguém ficou acomodado,
Naquele Brasil errante.

Luiz

(Luiz e um soldado dialogam). Eu não entendo muito bem essas ordens que vêm lá de cima.

Soldado 1

O País todo está lutando por mudanças. O nosso presidente, Getúlio Vargas, quer acabar com as oligarquias.

Luiz

O que é isso?

Soldado 1

Acabar com esta história de ter um governo onde o poder fica em mãos de pequenos grupos.

Luiz

Como aqui no nosso sertão.

Soldado 1

Pois é. Dar mais oportunidade a todos.

Luiz

E ele conta com o apoio do povo?

Soldado 1

Tem sempre alguém do contra. Aqueles que se dão bem mesmo. Dentro do Exército tem gente que discorda. Tem muito tenente querendo mudança. E tem muito dono de fazenda contratando jagunço e cangaceiro sem-vergonha pra defender as propriedades deles.

Luiz

Quer dizer que o homem quer acabar com os coronéis?

Soldado 1

Pois é. Ele quer acabar com os grandes proprietários e proteger a organização da pequena propriedade.

Luiz

Como assim?

Soldado 1

O trabalhador que cuida da roça vai receber lotes, onde pode plantar e construir com as próprias mãos sua casa.

Luiz

É. Só assim acaba esta miséria toda!

Soldado 1

E aí o Exército entra para garantir a ordem! O homem quer mudar a cara do País. Dar mais chance ao trabalhador, garantir seus direitos.

Luiz

Tomara que ele consiga!

Ator 3

E assim o nosso Lua
 Dez anos viveu no Exército.
 Percorreu muitas estradas,
 Sentou praça o necessário
 Andando pra todo lado.
 Mas finalmente decidiu
 Que tocar era seu legado.

Luiz

Eu não saí de casa pra ficar num quartel. Quero voltar pra minha música! Quando eu ouço os programas de rádio fico todo animado. Me imagino lá também, tocando minha sanfona e animando a moçada. Vou ver se Domingos me consegue uma sanfona. Tenho que recomeçar a tocar. Viver sem música é como viver sem ar. (*Domingos entra*). Ô, meu irmão, onde é que você comprou sua sanfona?

Domingos

Eu tenho um amigo, Carlos Alemão, que é fabricante de sanfona.

Luiz

Então me leva lá! Eu preciso de uma. E uma das boas! Que meu negócio é tocar.

Domingos

Amanhã mesmo!
E assim o nosso Lua
Conseguiu o que queria
Com a sanfona em sua mão
Irradiando alegria
Foi logo convidado
Pra tocar na freguesia.

(Ele toca uma música de Antenógenes Silva, enquanto o ator faz a narração)

A esta altura da vida,
Lua já tinha passado
Por Ceará, Pernambuco
E muitos outros estados.
Achava-se agora em Minas,
Mas já tinha articulado
Ir pro Rio de Janeiro
E lá começar seu reinado.

(Luiz toca o chorinho "CORTA-JACA, de Chiquinha Gonzaga. Cenas de rua do Rio de Janeiro. Pessoas que passam. Cavalheiros, meninos, malandros. Clima de final dos anos 40. Após a passagem dos transeuntes, o palco fica só com Luiz que continua tocando)

(Entra um soldado que fala pra ele)

Soldado 2

Oi rapaz, e tu toca sanfona? Tem um lugar aí, o mangue, que com esse fole dá pra você ganhar dinheiro. Tem um bocado de bar com música ao vivo. Enquanto seu navio não chega, você pode ganhar uma boa grana.

Luiz

Eu tô com esta passagem de navio pra Recife, e uma passagem de trem pra Exu. Algum dinheiro para as despesas e esta ordem de permanência aqui no quartel até chegar o navio. Mas se alguma coisa acontecer de bom, eu fico é aqui mesmo. Meu tempo de Exército acabou. Dez anos de Exército é o limite de serviço pela lei. Voltar pra Exu só mesmo pra rever o pai, a mãe, a família. Mas, isto pode ser depois. Se eu tiver uma chance, eu fico por aqui.

Soldado 2

Pois o manguê é pertinho daqui. Vai lá que você vai fazer sucesso.

Luiz

Obrigado, meu amigo. Quem sabe pode dar certo!

Soldado 2

Vai sim. É garantido. Eu não vou com você que eu estou de plantão hoje.

Luiz

Eu vou. Amanhã eu digo como foi.

Soldado 2

Boa sorte. *(Sai)*.

Luiz

E agora, Lua? O que é que você faz do seu destino? O sertão tá lhe esperando com tudo que você conhece. A terra ardendo, o assum preto, o pasto, o jumento, o carro de boi, as cantorias, o forró. Mas você sabe bem que não tem futuro. Voltar é renunciar a tudo que foi sonhado! Não desista! Enfrenta essa selva desconhecida onde você chegou! Você tem tudo garantido para voltar: dinheiro e passagem até Exu. Não. Enfrente o inferno. Você não é um cabra macho? Um cabra da peste? Então prove a si mesmo! Fique. Continue a voar como a asa branca. Ainda não é hora de pouso. Descubra a Cidade Maravilhosa!

(Cena de rua, marinheiros, soldados, mulheres, mendigos, ladrões de carteiras, músicos diversos, inclusive sambistas. Luiz está numa esquina com sua sanfona e uma latinha. Ele continua tocando o chorinho. Algumas pessoas passam e deixam moedas em sua latinha)

Português

(Entrando). Ô rapaz, vem tocar cá dentro, no meu bar, vem. Tem muita gente parando para escutar teu acordeon. *(Luiz sai com o português)*.

Ator 1

E foi assim meus amigos,
Que o Luiz foi ficando.
Uma lua nova surgia,
No seu caminho, meu mano.
Lua que muito em breve
Lhe deixaria brilhando.

(Luiz conversa com Xavier, um músico)

Luiz

O amigo então toca violão e guitarra?

Xavier

É sim. Deixei a Marinha e agora faço o que gosto de verdade, que é tocar. Adoro acompanhar um fado. Tenho tocado na rádio Vera Cruz e também dou aulas de violão.

Luiz

E tu vem de onde?

Xavier

Sou da Bahia.

Luiz

Terra boa! Terra de Castro Alves!

Xavier

É. A Bahia é muito boa. Mas aqui tem mais oportunidades. De vez em quando eu vou pra lá matar as saudades. E você, pensa em voltar pra Pernambuco?

Luiz

Por enquanto, não. Só tenho agora a sanfona pra me sustentar, e ela tá dando pra o sustento com o que faço na praça, além do mais tenho feito muitas amizades.

Xavier

O amigo tá morando onde?

Luiz

Por enquanto, no quartel. Eu estava aguardando o navio que deveria me levar de volta pra Pernambuco. Mas, já que eu decidi ficar, tenho que encontrar um quarto pra alugar se quiser ficar por aqui.

Xavier

O amigo pode ficar em minha casa. Sou casado com uma portuguesa, a Leopoldina. A casa é pequena, mas por enquanto dá pra você se arranjar.

Ator 2

Luiz assim se enturmou

E ficou pela cidade.

A todos ele encantou

E em muito pouco tempo
 Com sua sanfona charmosa,
 O nordestino ganhou
 A Cidade Maravilhosa.
 O programa de calouros
 Com o grande Ari Barroso,
 Era passagem e conquista
 Para todos que queriam
 Ter a sua grande chance
 E seguir carreira de artista.

(Clima de programa de auditório. O compositor e apresentador Ari Barroso chama uma candidata)

Ari Barroso

E o nosso “Calouros em Desfile” continua. Agora minha querida plateia, vamos chamar a candidata a cantora, Zélia da Silva. *(Entra a mulher)*.
 E então dona Zélia, está pronta para mostrar seu talento?

Zélia da Silva

Pronta mesmo, não. Eu estou muito nervosa. Mas vou tentar.

Ari Barroso

E o que é que a senhora vai cantar?

Zélia da Silva

Eu vou cantar um sambinha.

Ari Barroso

Vocês estão vendo? O brasileiro é assim. Se vai cantar um tango, o cara enche a boca e diz, “eu vou cantar um tango”. Se é um bolero, “vou cantar um bolero”. Mas, se vai cantar um samba, o sujeito diz: “Vou cantar um sambinha”... tudo bem. E qual é o “sambinha” que a senhora vai cantar?

Zélia da Silva

“Aquarela do Brasil”.

Ari Barroso

Ah sei, Dona Zélia. Atenção, maestro! Pode começar.

(Entram os acordes e Zélia da Silva começa a cantar muito desafinada)

“Brasil, meu Brasil brasileiro / Meu mulato isoneiro Vou cantar-te nos meus ‘velsos’...”

(Soa o gongo)

Ari Barroso

A senhora pode cantar nos seus “velsos”, mas nos meus versos, não!
Continuando o nosso desfile de calouros, convidamos o candidato
Luiz Gonzaga.

(Ele entra e toca um samba. O gongo não toca)

Ari Barroso

O rapaz tem talento. Se treinar mais um pouquinho pode levar um 5.
Mas hoje ele só leva um 3.

Ator 1

A sanfona do Luiz
Tinha um tom de nordestino,
Por mais que ele insistisse
Não dava pra disfarçar
Que daquele instrumento
O sotaque ia ficar.

Luiz

(Meio desanimado).

Quando eu toco, falo, faço arranjo, é tudo com meu sotaque. O meu
sotaque não me permite cantar valsa, bolero, samba. A minha sanfona
é parecida comigo.

Ator 5

Luiz tentara de tudo
Para se adaptar,
Valsa, polca e mesmo tango
Ele tentava tocar.
Nessa sua divisão,
Não ficava lá nem cá.

(Luiz toca uma valsa vienense para um grupo de estudantes cearenses num bar. O pessoal interrompe e reclama)

Rapaz 1

Ô, Luiz, toca umas coisas lá da tua terra. Do Nordeste.

Luiz

Eu lá só tocava aquelas coisas de pé de serra.

Rapaz 2

Mas é isso mesmo que nós queremos, rapaz!

Luiz

Tá certo. Então vamos lá.

(Luiz começa a tocar e cantar “NO MEU PÉ DE SERRA”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

“Lá no meu pé de serra / Deixei ficar meu coração / Ai, que saudades tenho / Eu vou voltar pro meu sertão / No meu roçado trabalhava todo dia / Mas no meu rancho tinha tudo o que queria / Lá se dançava quase toda quinta-feira / Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira / O xote é bom / De se dançar / A gente gruda na cabocla sem soltar / Um passo lá / Um outro cá / Enquanto o fole tá tocando, / Tá gemendo, tá chorando, / Tá fungando, reclamando sem parar.”

(Ao terminar de cantar, fica só a sanfona enquanto o ator narra)

Ator 3

O bar então, nesta noite,
De gente ficou lotado,
Todo mundo que passava
Queria ouvir o tocado.
A fama do nosso Lua
Se espalhou pra todo lado.
Tanto assim que um empresário
Se apressou a procurá-lo.

Augusto, o empresário

O senhor é Luiz, o sanfoneiro?

Luiz

Sou sim.

Augusto, o empresário

Meu nome é Augusto. Eu trabalho numa gravadora, a Victor, e nós temos interesse em gravar um disco com você.

Luiz

É tudo que eu quero. Dá para tocar umas coisas lá do Norte?

Augusto

Você sabe, o povo quer ouvir o que é conhecido.

Luiz

A gente mistura. Quando eu toco as coisas do Norte aqui nos bares, o pessoal se anima todo.

Augusto

Tá certo. Vamos arriscar.

Ator 4

Em seu primeiro disco gravado,
Começava o seu reinado,
Pois com o disco lançado,
O Lua foi projetado,
Sendo logo entrevistado
E passando seu recado.

Luiz

Eu vou tocar e cantar o que sei. Vou reinventar as músicas que meu pai
Januário tocava nos forrós. O canto dos boiadeiros, dos vaqueiros do
sertão, a alegria das festas de São João, o swingue do baião.

Jornalista

Mas Luiz o que é mesmo o baião?

Luiz

É um termo que os repentistas nordestinos usam que é sinônimo de
rojão. É tocado na viola, quando o repentista quer testar a afinação
do instrumento e esperar a inspiração. Ele introduz o verso, ou então
pontua o final de cada estrofe. E é usado para o repente ou pra o
desafio.

Jornalista

E “repente” e “desafio”? Que é isso?

Luiz

É uma espécie de disputa musical. Sentam dois cantadores e começam
a se desafiar, tirando versos, improvisando tudo na hora.

Jornalista

Dizem que você é o sanfonista de melhor classe dos últimos que
apareceram na rádio Carioca. O que você acha de todo esse sucesso
que você vem fazendo?

Luiz

Eu fico satisfeito. Agora, eu posso ajudar minha família que está lá no
sertão, carecendo de tudo. Foi uma longa caminhada. Mas, tá valendo!
O povo achava graça quando eu tocava minhas músicas nos cabarés,
nas calçadas. Eu espalhei alegria e quem espalha alegria e graça é
sempre bem-sucedido! Agora, eu posso falar do Norte à vontade.

Ator 5

Mas nem tudo era vitória
Nas gravadoras e rádios
Pois o empresariado
Implicava com a voz de nosso Lua
Por ela ser diferente
Dos padrões recomendados

(Corte para diálogo entre empresário e Luiz)**Empresário**

O diretor de programação diz que tocar sanfona, tudo bem!
Mas cantar, não!

Luiz

Por que não?

Empresário

Veja bem, o seu sotaque, seu jeito de cantar não se encaixam bem para o ritmo de um samba, imagine um bolero, uma valsa, um chorinho.

Luiz

Crioulo aqui só faz samba. Eu não sou do samba. Então eu não posso cantar! Pois eu vou cantar do meu jeito! E arranjar um parceiro para botar letra nas minhas músicas.

Ator 2

E assim o nosso Luiz
Procurou um bom parceiro
Para suas composições
Miguel Lima foi o primeiro
A compor com o sanfoneiro
Futuro Rei do Baião
As coisas lá do sertão.

Ator 4

Ao definir seu estilo
A todos Luiz encantou
E todas as gravadoras
Ele logo conquistou,
E assim outros letristas
O cantor surpreendia
E como parceiros ganhou.

Ator 1

Um desses, Humberto Teixeira
 Muita poesia botou
 Nas rimas lá do sertão
 Que o sertanejo Luiz
 Trazia em seu matulão
 E também no coração.

(Luiz canta “QUI NEM JILÓ” de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)

“Se a gente lembra só por lembrar / O amor que a gente um dia perdeu / Saudade inté que assim é bom / Pro cabra se convencer / Que é feliz sem saber / Pois não sofreu / Porém se a gente vive a sonhar / Com alguém que se deseja rever / Saudade, entonce aí, é ruim / Eu tiro isso por mim, / Que vivo doído a sofrer / Ai quem me dera voltar / Pros braços do meu xodó / Saudade assim faz roer / E amarga qui nem jiló / Mas ninguém pode dizer / Que me viu triste a chorar / Saudade o meu remédio é cantar / Saudade o meu remédio é cantar”.

(Ao terminar a música, entra o jornalista e fala)**Jornalista**

Então, Luiz, você conseguiu descobrir uma maneira de cantar e tocar seu Nordeste. O que é que falta agora?

Luiz

Um chapéu de vaqueiro. Igual ao de Lampião. O carioca tem camisa listada, baiano tem chapéu de palha, sulista tem as bombachas. Nordestino precisa de alguma coisa que pareça com ele. Um chapéu de coro igual ao de Lampião.

O destino dos nordestinos, aqui no Sul, é trabalhar em construção. Trabalho é trabalho. Eu também quero construir. Mas a minha construção é diferente. É com zabumba, triângulo, sanfona! O meu ritmo é o aboio, é tudo que soa no Nordeste. É o som do carro de boi a ranger na caatinga, do assum preto no seu canto de dor, misturado com o xote, o xaxado, o baião. E do jeito que eu tô aqui vestido, eu presto uma homenagem a um cabra da peste que foi Lampião. Recordação da minha infância no sertão de Pernambuco. Era bonito chegar nas feiras e ouvir falar dele. Todos corriam dele. Mas eu não! Eu admirava a coragem do cabra, enfrentando os coronéis que ainda mandam e desmandam por lá.

(Canta)

"É lampa, é lampa, é lampa, é lamparina, é Lampião, seu nome é Virgulino, apelido Lampião!"

(A música "VIDA DO VIAJANTE", de Luiz Gonzaga e Hervè Cordovil, é tocada pelo instrumental)

Ator 1

O nosso Luiz Gonzaga
Com sua voz percorreu
De ponta a ponta o país
Onde nasceu e cresceu
Tocando sua sanfona
E no tom que era o seu!

Ator 2

A história aqui contada
Fala de um povo, irmão
E nela fica bem clara
Que com determinação
A realidade é mudada
Trazendo a renovação.

Ator 3

Renovação que agora
Precisa de afirmação.
Por todo nosso país,
Tem muita gente sem chão
Em busca de moradia
Em busca de educação
E também de garantia
Pra viver sua paixão.

Ator 4

Viva o povo brasileiro
Viva a coragem, irmão
A descoberta da águia
Que a asa levanta do chão
Pois para tudo é preciso
Vontade, fé, decisão.

Ator 5

Que o voo da asa branca
Nos sirva como lição

Só com a terra dividida
Cada qual com seu quinhão
Podemos dizer com orgulho
Vivemos numa nação!

(Ao terminar a narração, Luiz e atores cantam “VIDA DO VIAJANTE”, de Luiz Gonzaga e Hervè Cordovil)

“Minha vida é andar / Por esse país / Pra ver se um dia / Descanso feliz / Guardando as recordações / Das terras onde passei / Andando pelos sertões / E dos amigos que lá deixei / Chuva e sol / Poeira e carvão / Longe de casa / Sigo o roteiro / Mais uma estação / Que alegria no coração / Minha vida é andar... / Mar e terra / Inverno e verão / Mostra o sorriso / Mostra a alegria / Mas eu mesmo não / Dá saudade no coração / Minha vida é andar...”

FIM



Foto 1 – Elenco do espetáculo *O Voo da Asa Branca*



Foto 2 – Raimundo Filgueiras e Vítório Emanuel



Foto 3 – Vítório Emanuel



Foto 4 – Elenco do espetáculo *O Voo da Asa Branca*



Foto 5 – Cristiane Mendonça, Cristiane Amorim, Eduardo Albuquerque, Mônica Gedione, Raimundo Filgueiras e Daniel Becker



Foto 6 – Cristiane Amorim, Tom Carneiro e Branco do Acordeon



Foto 7 – Elenco do espetáculo *O Voo da Asa Branca*



Foto 8 – Cristiane Amorim e Vítório Emanuel

REFERÊNCIAS

ALMIRANTE. *No tempo de Noel Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ASSIS, Ângelo. *Eu vou contar pra vocês*. São Paulo: Ícone, 1990.

CABRAL, Sérgio. *No tempo do Almirante: uma história do rádio e da MPB*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: o rei dos cangaceiros*. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DREYFUS, Dominique. *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Editora 34, 1996.

FERREIRA, José de Jesus. *Luiz Gonzaga: o rei do baião*. São Paulo: Ática, 1986.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Baião de dois: Zé Dantas e Luiz Gonzaga*, Recife: Massagana, 1988.

MORAES, Mário de. *Recordações de Ari Barroso*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1979.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Lampião: o rei do cangaço (Amôres e Façanhas)*. São Paulo: Prelúdio, 1959.

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI

Diretor

FELIPE ASSIS

Assistente de Direção

AMADEU ALVES

Diretor Musical

ANA RIBEIRO (Fonoaudióloga)

Preparadora Vocal (textos)

NETO COSTA

Preparador Vocal (canto)

EURO PIRES

Cenografia e Figurinos

LUCIANO REIS

Criação de Iluminação

CLÁUDIO JR.

Iluminador

ERI SOUZA E ANA PAULA BOUZAS

Coreografia

NAHUEL DE RENZO, LUIZ CESAR e MARCELO AMORIM SILVEIRA

Cenotécnicos e Contrarregras

ATELIER DORA MOREIRA

Confecção de Figurinos

GUILHERMINA BATISTA

Costureira

BASTIAN DEFIVES, DAYSE VASCONCELOS, ALICE RAMOS e SAMUEL FREITAS

Fotos

BELMIRO NETO

Projeto Gráfico

JOÃO SALDANHA

Assessoria de Imprensa

CÉLIA DOS HUMILDES

Diretora de Produção

CRISTIANE AMORIM / ISABELA MALTA / CRISTIANE MENDONÇA / DANIEL BECKER / MARCELO PRADDO

/ WIDOTO ÁQUILA / EDUARDO ALBUQUERQUE / HERALDO SOUZA / YAMI REBOUÇAS /

MÔNICA GEDIONE / RAIMUNDO FILGUEIRAS / RAIDEN COELHO / TOM CARNEIRO / VITÓRIO EMANUEL

Elenco

BRANCO DO ACORDEON / FABRÍCIO RIOS / NELSON JÚNIOR / ANDRÉ BORGES /

RAIDEN COELHO / HERALDO SOUZA

Músicos

TEXTO IDA VICENZIA DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO PARA MUSICAL DE OLINDO CHECCUCCI

Maria Quitéria



“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. A frase de Euclides da Cunha há de ser entendida em toda sua extensão: o sertanejo e a sertaneja. Maria Quitéria está aí para não deixar ninguém mentir. A heroína da Independência vale como paradigma da obstinação da fortaleza das muitas mulheres do seu imenso sertão. Fortaleza exercitada no cotidiano. Antes da guerra, durante a guerra, e até hoje.

Mas é dela que falamos. Dela, especificamente, dela em referência pessoal, biográfica. Nascer mulher em família patriarcal da caatinga era uma condenação à mesmice. Carregar cabaça d’água na cabeça, ralar mandioca, cozinhar bode, casar, parir e botar as filhas para fazer o mesmo que ela fez e a avó também.

Só que Maria Quitéria foi diferente. Uma diferença que apareceu aqui e ali que marcou para sempre. Da Donzela Teodora a Maria Felipa; de Joana d’Arc e Maria Ortiz, da Vila da Vitória, e ela própria, Maria Quitéria de Jesus. A história está contada. Fugiu, enganou, fingiu e viu-se na tropa. E estava lutando e estava, triunfante, entrando na capital da Bahia, no dia Dois de Julho.

Mas era mulher. A vitória, os desfiles, o encontro com o imperador, a medalha, tudo teve seu tempo. Até que chegasse o tempo da desilusão, o tempo do desengano, o tempo do esquecimento, o tempo da morte. Onde estão os restos de Maria Quitéria? Em que sítio de uma igreja que é consagrada a Sant’Anna?

Agora, a saga da vida e da morte da mulher-forte retorna à consciência de todos. Pela via do teatro, que é por definição onde se recupera a vida. A peça de Ida Vicenzia e Deolindo Checcucci, o elenco, o pessoal da produção e de apoio, nos devolvem Maria Quitéria. Sobretudo devolvem a Maria Quitéria o respeito, a gratidão, a admiração que lhe devemos.

Cid Teixeira

Conheço o trabalho de Ida Vicenzia e o admiro. Já dirigi um texto seu, apresentado na Casa de Cultura Estácio de Sá, o esquete Lorota Carlota!, que tinha diálogos ágeis, muito humor e enfocava essa mania carioca de malhar freneticamente em academia. Três mulheres enlouquecidas conversavam sem parar sobre os assuntos mais disparatados, enquanto tentavam entrar em forma. Também codirigi (e atuei) a leitura dramatizada do seu texto *Maria Quitéria*, realizada na Casa da Gávea. Nela fui “Gonçalo”, pai da protagonista. Espero ainda ter ocasião de ver a montagem em Salvador e lembrar as falas de meu personagem, que, aliás, gostaria de fazer em palco...

Quem sabe um dia? *Maria Quitéria* é a narração da vida de uma mulher, da infância até a morte. A autora resolve bem esta saga. Não é uma fácil missão, pois a heroína baiana apresenta idiossincrasias e sua trajetória é muito delicada. Trata da história do Brasil... e de guerra. Nas mãos de um autor menos cuidadoso poderia se transformar numa sátira rasgada, ou talvez numa narrativa escolar com mensagens edificantes. Ida Vicenzia, porém, consegue o tom exato para história tão singular. O carinho (e respeito) com que a autora gaúcha desenvolve os acontecimentos do séc. XIX revelam sua sensibilidade. Ida Vicenzia nos envolve e nos indica o surgimento de uma narradora que veio para ficar. Pela reação da plateia ao escutar a peça, na leitura da Casa da Gávea, tenho certeza de que sua montagem obterá ótimo resultado. Está de parabéns o teatro, o diretor de *Maria Quitéria*, Deolindo Checucci, que fez a sua adaptação para musical, os sete atores do elenco, encabeçado por Iamí Rebouças, grande atriz baiana que já esteve no Rio de Janeiro com um interessante monólogo, os músicos-compositores... e os próprios baianos, por verem sua heroína, a nossa heroína retratada tão digna e originalmente. Tenham todos um belo espetáculo.

Sérgio Fonta

Autor, ator e diretora teatral. Membro do Júri Shell de Teatro.

MARIA QUITÉRIA*

Abri uma janela na minha gripe *reforma da previdência* para ver a peça *Maria Quitéria* no Teatro Isba, a convite de Deolindo Checucci. Noite úmida, prenúncios de chuva. Um médico carioca garantiu-me que meu organismo é um barômetro: registra as variações do tempo, por menores que sejam, do vento que sopra para vergar ao furacão que galopa para arrasar. Antes que desembestem, antes que nuvens carregadas rasguem os ventres em chuveiradas batismais, os indícios já estão na minha fraca pessoa.

Fui – e não me arrependi, apesar do acréscimo de espirros. Melhor ter espirros no nariz do que esbirros nos calcanhares, concordam? Fui ver o soldado Medeiros, que se alistou para combater as tropas portuguesas do general Madeira e contribuiu para a independência da Bahia, melhor dizendo, do Brasil – porque foi aqui, no Recôncavo baiano, que o grito de Pedro I se fez ouvido e respeitado.

* Texto publicado no jornal *A Tarde*, de 19 de julho de 2003, no Caderno 2, coluna Conversas. Atualizado pela nova ortografia.

Duas vezes escrevi sobre Maria Quitéria, que me fascina pelo destemor, pelo exemplo prático de patriotismo, embora eu desconfie que, ao disfarçar-se de homem para entrar na infantaria, também ela queria libertar-se. Creio que as liberdades da mulher, aconselhadas pelo poeta Castro Alves numa *Carta às Senhoras Baianas*, politicamente atrevida para a época, remontam a Pirajá, a Cachoeira, a Heróica. No caso pessoal de Quitéria, ela se alforriava do jugo paterno de feição patriarcal, da mesmice da vida interiorana, da necessidade de criar acontecimentos para, protagonista deles, sentir-se mais viva.

Na tropa, Quitéria foi valente, sem deixar de ser mulher, ou talvez por ser mulher. Um dos meus textos que navega pela rede internética portuguesa, acessível ao universo da lusofonia, refere-se à batalha no Rio Paraguaçu, em que a heroína lutou com água até os seios. A atriz Iami Rebouças, que faz o papel-título, recita esse monólogo em que Quitéria sente a água subir pelas pernas, atingir-lhe os seios, enrijecer os mamilos.

O outro texto é também um monólogo resultante de sua condecoração, pelo imperador galante, no Rio de Janeiro. Quitéria sentiu vergonha de ver-se, de súbito, no centro do palco, em recepção formal – ela que fora uma tabaroa, quase uma mateira no Sítio Licorizeiro, em terras de Feira de Santana. Os textos foram introduzidos na peça de minha amiga Ida Vicenzia, gaúcha, com o seu consentimento, pela produção. Sem saber de nada, fui também encenado – logo eu, que às luzes da ribalta prefiro a discrição na quinta fila da plateia.

Vale a pena ver esta peça, se ainda estiver em cartaz, o que espero, por alguns motivos. Um deles, o de promover um resgate histórico. Quitéria, mais uma vez, foi pouquíssimo lembrada na festa do Dois de Julho. Tanto a história quanto os poderes públicos continuam a dever-lhe alguma compensação por seu sacrifício. Morreu esquecida, praticamente cega, em situação de pobreza lastimável, e até hoje não se sabe direito onde repousam os seus despojos. Foi heroína da Bahia e do Brasil e, no entanto, os maus fados a eclipsaram. Pois bem, a peça aproxima Maria Quitéria de Jesus Medeiros dos nobres sentimentos populares, e lhe reaviva a lembrança, e lhe glorifica os feitos militares.

O outro motivo é o próprio espetáculo, que me parece artisticamente bem administrado. A trilha musical de Checcucci, com direção de Roberto Mendes, imprime leveza à crônica de fatos históricos, trazendo-os, por assim dizer, para o proscênio desta nossa época, à medida que a alma coletiva é chamada a participar por suas criações folclóricas e movimentos de dança. Responsável também pela leveza de Maria Quitéria é um dos atores, Narcival Rubens, um grande intérprete característico, senhor de espantosa naturalidade em cena, vivendo Gonçalo de Almeida, o pai de Quitéria. A morena Iami reúne

na sua personagem as doses equilibradas de firmeza e feminilidade. É uma Quitéria alegre, solta, sem a aura trágica que cercou o soldado Medeiros nos seus últimos anos de vida.

Ida Vicenzia, que eu não via há muitos anos, partiu feliz para o Rio, no dia seguinte, levando ainda nos ouvidos os aplausos de uma plateia numerosa, que parece atestar a revivescência do movimento teatral em Salvador. O teatro recebeu grande impulso na época do reitor Edgar Santos e agora ensaia um retorno efetivo. Como disse o historiador Cid Teixeira, "O teatro é por definição onde se recupera a vida". É certo, graças a ele, Quitéria ficou mais viva, pelo menos na nossa consciência, mas depende da vontade dos governantes a sua justa entronização no altar dos heróis da pátria amada salve salve.

Hélio Pólvora.

Maria Quitéria

Texto de Ida Vicenzia

Adaptação para musical de Deolindo Checcucci

Músicas de Roberto Mendes

PERSONAGENS

Maria Quitéria

Luiz

Francisco

Teresa

Gonçalo

Medeiros

Jerônimo

Sebastiana

Tenente Lima

Soldado I

João José

Cabo

Comerciante

Comte. Falcão

Conselheiro

D. Pedro

Maria Graham

Ator

Atriz

CENOGRAFIA

A cenografia é constituída de oito biombos em forma retangular, com imagens de gravuras de cordel, que manipulados pelos atores, formam os ambientes necessários à ação. Os retângulos devem ser leves, feitos com tiras de elástico, tendo frente e verso para mostrar as figuras.

CENA 1
VILA DE SÃO JOÃO DAS ITAPOROROCAS

(Todo o elenco canta, enquanto arma o cenário)

Aconteceu na Bahia / Berço em que nasceu Maria / Que como muitas marias / No sonho acreditou / Imaginou ela um dia / Sem temor, sem covardia / Que o nosso país poderia / Viver em plena harmonia / Livre, independente / Afirmando com alegria / A força que contagia / E que chamamos amor / Quem vem lá? Sou eu / Quem vem lá? Sou eu / A cancela bateu / Cavaleiro, sou eu.

(Após a música, atores usam bonecos que falam, usando os biombos)

Quitéria

Ela passou por aqui! Eu vi! Anda logo, Luiz! Ô menino molenga! *(Sai de cena, correndo).*

Luiz

Espera, Quitéria! *(Olha)* Cadê a cutia? Não tem cutia nenhuma aqui! *(Sai de cena, desajeitado).*

Quitéria

Ah! Volta pra casa, vai. Não sabe nem pegar numa arma.

Luiz

Eu vou contar pro meu pai. Com essa já é três, só hoje.

Quitéria

Deixa que eu mostro, Teresa, como é que se faz! Cê tem que mirar no alvo e ó...

Francisca

(Assustada) Cruz credo! Não gosto nada disso! Vam'bora, Teresa! A mainha te chamando!

Teresa

Vá você, Francisca! Eu quero brincar com Quitéria.

Francisca

Brincadeira mais besta! Eu vou pegar é minha boneca de pano.

Quitéria

(Debochada). Mainha, mainha! *(Ri)*. Minha mãe é que não é!
(Desafiadora). Eu não tenho mãe, mesmo! Minha madrasta, isso é o que ela é!

(Continua atirando)**Teresa**

Em quem você está atirando? Nos índios?

Quitéria

Que índio que nada, Teresa! Não viu uma cutia ali, não?
(Continua atirando).

Francisca

(Em off). Vam'embora, Teresa! Mainha tá chamando!

Teresa

Não vi cutia nenhuma... *(Grita)*. Já vou! Você não vai, Quitéria? A mainha tá chamando.

(Quitéria sai de trás do biombo cantando)

No campo me solto / No vento me enlaço / Num voo me jogo / Em busca de um abraço / Ê, mãe, ê mãe / Teu canto, teu cheiro / Teu sorriso largo / Eu trago comigo / Comigo em pedaços.

CENA 2
FAZENDA SÃO JOAQUIM (1822)

Gonçalo

(Para Medeiros). Medeiros, mande entrar o enviado de D. Pedro. Vamos ver o que se passa na Corte!

(Entra Jerônimo, emissário de D. Pedro I)

Jerônimo

(Entrando). Jerônimo, um seu criado! *(Faz uma medida)*.

Gonçalo

(Exuberante). O emissário da Coroa! *(Indica uma cadeira)*. Esteja a gosto. Quais são as novas da Corte?

(Ao ouvir a exclamação do pai, Quitéria aparece na coxia, assustando Sebastiana, que quase derruba a bandeja)

Quitéria

O enviado da Coroa!

Sebastiana

Ai, que susto, menina!

Quitéria

Quieta! *(Se esconde na coxia)*.

Jerônimo

O senhor quer saber as novas do Rio de Janeiro ou de Salvador? Mas já deve saber as últimas de Salvador...

Gonçalo

Por favor, sou todo ouvidos. Cá em São Joaquim, as notícias demoram a chegar.

Jerônimo

Salvador está de luto!

Gonçalo

Que dizes, meu senhor, de luto?

Jerônimo

Pois é o que eu digo. Os soldados portugueses invadiram o Convento da Lapa, feriram o capelão Lisboa e a abadessa da Soledade, a sóror Joana Angélica! Toda cidade chora a tragédia. Manuel Pedro, o

grande comandante da Bahia, foi derrotado no Forte de São Pedro. O português, o general Madeira de Mello, já está dando as cartas! Tem ligação direta com Portugal! É a guerra!

(Quitéria dá um pulo, entusiasmada. Sebastiana estremece)

Sebastiana

Menina! (*Os homens nada percebem*).

Gonçalo

Que horror! E o que vão fazer os brasileiros?

Medeiros

(*Desolado*). A guerra!

Jerônimo

Sim. E estou aqui por ordem de D. Pedro para recrutar brasileiros.

Nós vamos botar esses portugueses pra correr. É o que espera Vossa Majestade.

Quitéria

(*Pulando*). Chegou a hora!

Sebastiana

Virge Nossa Senhora!

Gonçalo

(*Espantado*), Está lá? O que se passa, Bastiana?

Sebastiana

Nada não senhor. (*Quitéria se esconde*).

Gonçalo

(*Para Jerônimo*). Ora, pois, vão botar os portugueses pra correr? Eu sou português, o que dizes disso?

Jerônimo

(*Fazendo uma reverência*). Certamente o senhor já é mais brasileiro do que eu, senhor Almeida. Já está há tantos anos na terra, tem filhos brasileiros... Gosta daqui.

Gonçalo

Isto lá é bem verdade, gosto dessa terra. Gosto como se fora a minha própria pátria. Devo defendê-la.

Medeiros

Devemos defendê-la! É o que o Imperador espera de nós.

Gonçalo

Veremos o que fazer. Que o Imperador conte conosco!

Jerônimo

Estamos buscando auxílio para a guerra na Bahia. Os ingleses devem cooperar conosco.

Gonçalo

Ah! Os ingleses. Ora pois, sempre os ingleses! (*Controla-se*). Pois bem, senhor emissário, faremos o possível para servir o Imperador. (*Para Bastiana*): Sebastiana, pode servir os refrescos!

Sebastiana

Sim, senhor. (*Começa a servir, fazem um brinde com água de coco*).

Gonçalo, Jerônimo e Medeiros

Ao Imperador!

Jerônimo

Contamos com o senhor, seu Almeida. Aguardaremos notícias suas. Estamos precisando de voluntários.

Gonçalo

Farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Jerônimo

(*Dão-se as mãos*). Muito obrigado. Devo ir agora.

Medeiros

Eu o acompanho.

(Saem os dois, Quitéria entra pela outra porta, estabanada)

Quitéria

Por favor, papai! Eu ouvi tudo! Eu também quero lutar!

Gonçalo

(*Para o público*). E essa, agora?

Quitéria

Sei lidar com arma, eu, eu... posso ser o primeiro voluntário!

Gonçalo

Que conversa é essa, minha filha? (*Olha para a porta, cauteloso*). Quem foi que disse que alguém, aqui nessa casa, vai lutar? Isso é assunto lá deles!

Quitéria

O senhor não vai mandar nenhum voluntário para a guerra?

Gonçalo

Quem, posso saber? O Medeiros? Eu preciso do Medeiros por aqui. Os meus escravos? Nem pensar. Preciso deles para a colheita do algodão! Só se o Imperador vier aqui, em pessoa, levá-los a cabresto! Eu não permitirei ninguém se matando por aqui, era só o que faltava!

Quitéria

Pois eu irei assim mesmo! Eu não vou pra morrer, eu vou pra libertar meu país dos portugueses, só isso. (*Num ímpeto*). Eu sou do Recôncavo. Eu quero lutar.

Gonçalo

Quem a ouve falar! Nem pensar. Guerra é lá coisa para mulher? Onde já se viu?

Quitéria

Eu sei atirar melhor do que muito homem!

Gonçalo

Nem pensar, já falei! Ora pois, que ideia mais maluca essa de ir para a guerra! Ainda bem que o meu genro não vem com essa conversa. Ele tem os miolos no lugar, lá isso tem!

Quitéria

Um frouxo, isso o que ele é! Um covarde! Só de ouvir falar nele sinto vontade de vomitar!

Gonçalo

Isso lá são maneiras de se falar? (*Escandalizado*). E se trata de uma donzela! Ai, que falta faz tua mãe! (*Pausa*). Você não ouve a sua madrasta, mas eu dou um jeito em você! A partir de amanhã mesmo acabo com essas histórias de andar a cavalo correndo campo afora, feito um homem! A partir de amanhã mesmo você vai começar a trabalhar em assunto de mulher, como sua irmã Teresa. Vai fiar, tecer, tomar conta da casa.

Quitéria

Nem pensar! Tomar conta da casa? Não nasci para isso, meu pai! Eu quero lutar, defender meu país! Dom Pedro já deu o grito de independência no Sul, agora é a vez da Bahia.

Gonçalo

Passa! Ora pois! Você já foi longe demais com essa sua mania de guerra, minha filha. Vá cuidar de seus afazeres. Vá ajudar Sebastiana, se não tem nada para fazer de teu, vá cuidar de teu enxoval, que está bem precisada! Ainda não apareceu o noivo, mas isso eu arrumo, ah! se arrumo. Um bom marido para você.

Quitéria

Não precisa arrumar, papai! Eu já escolhi. Quero me casar com o Gabriel. Mas não agora... *(Pausa)*. Agora eu tenho muita coisa para fazer, e vou fazer! *(Sai, desafiadora)*.

Gonçalo

(Sozinho). Já sei! Queres ir para a guerra! Ah, minha pequenina Quitéria *(Falando para o alto)*. Que devo fazer? Me diz, é tua filha. Que faço?

Esta nossa menina só me tem dado desgosto, Maria!... E a novidade de se casar com este... este tal de Gabriel?! Um sertanejo. Bronco e fedorento! Eu cá fiz dinheiro para entregar as minhas filhas para qualquer um?! Ainda bem que este é um problema pra depois.

(Suspira). Ao menos foi o que ela disse. Não ouviste?

Agora esta menina com mania de guerra. Pois a mim pouco se me dá que o governo seja português ou brasileiro... são todos iguais! Se eu cá não me meto com eles, poucos motivos terão para se meterem comigo. Comigo... e com o meu algodão!

"Botar os portugueses para correr!..." "Defender os brasileiros, papai!"

Mandar um filho para a guerra. Eu bem que gostaria de ter filhos homens crescidos, sim. Mas bons gajos para me ajudarem na lida da fazenda. E não para mandá-los para a guerra. Luiz seria o mais velho dos homens... mas este não vingou, infelizmente. *(Anda de um lado para o outro)*. E agora está esta menina a querer defender os brasileiros.

(Explode). Estou pouco a importar-me com quem ganhe esta guerra.

O que quero é vender o que planto. Esta é a minha guerra!

(Para Sebastiana, gritando). Sebastiana!

Sebastiana

Sim, padrinho!

Gonçalo

Traz o meu cobertor, estou com frio. *(Sozinho)*. Ah, Quitéria, minha filhinha... *(Pai amoroso)*. Não tem um pingão de juízo na cabeça, esta nossa menina, Maria. *(Para o alto)*. Um pingão de juízo. *(Resmungando)*.

Sebastiana

(*Entrando*). Aqui está, padrinho.

Gonçalo

(*Ajudando Sebastiana a colocar o cobertor sobre as pernas*). Bastiana...
Vê se cuida da minha filhinha Quitéria. Ela está muito agitada com essa mania de guerra.

Sebastiana

Deixa comigo, padrinho. E o senhor também se cuide, Virge Nossa Senhora. (*Sai*).

CENA 3

(Dois atores cantam uma embolada, enquanto arrumam o cenário para a próxima cena)

*Tá embolado / E eu ficando aperreado / Essa história de reinado / Vai dar muita confusão /
Português é muito bravo / Mas o Brasil é o meu chão / Tá embolado / Nesse Brasil revoltado /
Querendo cantar de galo / Venho dar o meu recado / Vida de colonizado / É obedecer reinado
/ Tudo mais é descartado / Vê se aprende a lição / Tá embolado / Mas eu vou desembolar /
Basta de exploração / E de tanta imposição / Chega de levar no bolso / Ouro, prata e algodão
/ Nosso país independente / Depende de nós, irmão / Tá embolado / Vai ficar mais embolado
/ Um povo mal-educado / Aspirando a ser nação / Índio, negro iletrado / Tão pensando que
reinar / É que nem fazer pirão / Tá embolado / Pé-de-chumbo insaciado / Quando aqui vocês
chegaram / O país era habitado / Por gente pra todo lado / Cada qual com o seu quinhão / Tá
embolado / Seu sujeito malcriado / Não esqueça que a gente / Ensinou a seus cumpadres / A
andar em procissão / Cantando as ladainhas / Pra trazer a salvação / Tá embolado / Você tá
é enrolado / Ao falar em salvação / Usando o nome de Deus / Para maltratar o irmão / Pé-de-
chumbo não confunda / Duas coisas tão distintas / Como Deus e exploração / Tá embolado
/ Mas eu vou desembolar / Me arranhar, me libertar / Só pra ver no que vai dar.*

CENA 4
CASA DE TERESA

(Essa cena é feita com jeito de conspiração, às vezes quase à meia voz)

Quitéria

Tenho que conseguir fugir daquela casa. Tecer e bordar, ah! Tudo o que eu quero é salvar o Brasil dos portugueses! (*Tom*). Teresa, onde você está? Sou eu, Quitéria, vim fazer uma visitinha.

Teresa

(*Entrando*). Quitéria! Que surpresa, a essa hora! (*Se abraçam*). O que foi, minha irmã, que cara é essa?

Quitéria

Você nem sabe o que aconteceu!

Teresa

Fala logo, pelo amor de Deus!

Quitéria

São os portugueses, eles querem acabar com o Brasil.

Teresa

Lá vem você com essa história de português. Não esqueça que nosso pai é português...

Quitéria

Não é dele que eu falo! Ele já é brasileiro, está tanto tempo aqui! (*Incerta*). Ao menos trabalha com os brasileiros... Eu falo é dos portugueses que querem aprisionar o Brasil. Você não entende? Eles não são nossos amigos, Teresa, não gostam de nós. Nosso pai devia é estar revoltado com eles. Com essa exploração. Tudo o que ele planta, metade é pra Coroa! Ele devia estar revoltado!

Teresa

Também não é assim, Quitéria! Eles não cobram mais dízimo da Coroa. Agora a gente é um reino, esqueceu? Agora não dá mais para voltar atrás.

Quitéria

Mas é isso o que eles estão querendo, voltar atrás.

Teresa

Por que você diz isso? Ninguém vai querer ser colônia de Portugal novamente, e ter que dar cinquenta por cento de tudo o que é nosso para eles! Painho já sofreu tanto por causa disso! Nós nem éramos nascidas quando ele começou a trabalhar aqui. Era fogo! Lembra quando ele contava as suas histórias?

Quitéria

Lembro! Hoje ele nem fala mais nisso. As pessoas esquecem rápido o que é ruim... Ele esqueceu tudo o que já passou! Agora não quer lutar contra os portugueses...

Teresa

Ainda bem que nosso pai tem juízo!

Quitéria

Mas eu não esqueço! Eu quero lutar! Eu quero é que esses malditos portugueses pés-de-chumbo, que não gostam do Brasil, fiquem bem longe daqui. O que há de errado nisso?

Teresa

Você não pode levar as coisas assim, a ferro e a fogo, Quitéria. Tenha paciência, com jeito o painho se deixa levar.

Quitéria

Com jeito, com jeito!... Leva muito tempo esse jeito. Eu quero já! Agora! Eu preciso lutar! Nada de ter paciência, tudo do que eu preciso, Teresa, é de um mosquetão para caçar aqueles pés-de-chumbo! Se eu conseguir um, eles vão se ver comigo! Fiar e tecer (*dá uma risada*), só na cabeça do nosso pai!

Teresa

Ele só faz isso para te proteger, minha irmã. Ele sabe como você é!

Quitéria

Ele que fique com suas histórias, eu preciso salvar o Brasil! É urgente! É tudo ou nada! Os pés-de-chumbo estão fazendo misérias em Salvador! Você não sabe, você não estava lá em casa. Eu ouvi o emissário do Imperador. Eles estão matando os brasileiros em Salvador. Você quer isso para nós? É preciso que alguém faça alguma coisa! Teresa, você me empresta a farda do Medeiros? Empresta?

Teresa

A farda do Medeiros?! Quitéria! Eu quase joguei fora outro dia! (ri). O Medeiros não quer ver essa farda nem pintada.

Quitéria

Eu não disse? Ele é um frouxo!

Teresa

Ah! Quitéria, não fala assim... (Tom, chamando Quitéria). Vem cá, vamos procurar essa tal farda, vem!

Quitéria

Eu não! Vai você, Teresa. Não quero perturbar o sono dos meninos. Vai, mas não demora!

Teresa

Eu já volto. (Sai).

Quitéria

Eu não posso ficar assim, parada! Nem pensar! (Tom). Só quero ver a farda do Medeiros! Como é que eu fazer pra carregar aquele ridículo capacete de plumas? Meu Deus!... Mas eu dou um jeito, ah, se dou! (ri).

(Teresa voltando com a farda do Medeiros)**Teresa**

Achei! Aqui está a farda do Medeiros, Quitéria. Eu nem me lembrava, fiz esse pacote há anos! Do jeito que você fala em lutar! Desde pequena que eu ouço isso, já esqueceu? Eu sabia que mais cedo ou mais tarde você viria com essa história.

Quitéria

Eu sabia que você ia me apoiar, minha irmã! (Examina a farda). Ué! Cadê o capacete?

Teresa

Sei lá! Você quer o capacete? Depois eu procuro!

Quitéria

Não tem tempo, não, Teresa! Tem que ser agora!

Teresa

Calma, Quitéria, eu já encontro o capacete! Pelo amor de Deus! Tenha cuidado! (Num repente). Eu também, se não fosse casada, eu iria com você. Verdade! Mas tenho que cuidar dos meus filhos.

Quitéria

(*Carinhosa*). Eu sei, Teresa. Eu sei que você é valente e sabe atirar muito bem! Agora, só mais uma coisa. Quero que você corte meus cabelos. Quero estar igualzinha a um rapaz amanhã. Depois eu boto um lenço, e papai nem desconfia de nada. Nadinha! Amanhã eu vou com ele para a feira de Cachoeira. Vou ajudar a vender algodão!

Teresa

O Medeiros está na Corte, não pode ir com ele, mas por que painho vai levar logo você?

Quitéria

Acho que está precisando de gente. Os escravos estão na plantação. Só vai o Joaquim, com os cavalos. E nós dois...

Teresa

Ele deve estar danado da vida por ter que levar uma mulher. (*Ri*). Trate de ajudá-lo direitinho. E tenha cuidado! Não deixe que ele perceba nada. (*Pausa*). Como é que você vai fazer para conseguir se alistar? Estou tão curiosa!

Quitéria

Sei lá! Eu dou um jeito. Digo pra ele que fiquei doente com a viagem, confesso a minha fraqueza, sei lá! Só sei é que vou me alistar!

Teresa

Tenha cuidado... e boa sorte, minha irmã! Vamos cortar logo esse cabelo!

Quitéria

Vamos, minha irmã.

Teresa

Ai, já sei onde coloquei o tal do capacete! (*Ri*). Está no corredor, servindo de pote pra goiaba.

(As duas saem, rindo)

CENA 5
RECRUTAMENTO

(Marcha militar)

Tenente Lima

(Entrando). É hoje que eu acabo com esse recrutamento! Pode passar, soldado!

Soldado I

(Entrando). Pronto, senhor!

Tenente Lima

Nome?

Soldado I

Wladimir se apresentando, senhor!

Tenente Lima

Nome completo!

Soldado I

Wladimir da Conceição Louvado, sim senhor!

Tenente Lima

Louvado?

Soldado I

Louvado, sim senhor, com a graça de Deus!

Tenente Lima

(Irônico). Deus não tem nada a ver com isso. *(Examina o soldado)*. Já serviu o Exército?

(João José entra de mansinho e fica na fila, esperando a vez)

Soldado I

Servi, não senhor.

Tenente Lima

Tem certeza que quer entrar para o Exército?

Soldado I

(Perfilado). Tenho, sim senhor!

Tenente Lima

É de onde?

Soldado I

Daqui de Cachoeira, sim senhor.

Tenente Lima

Está bem! Pode passar. Pelotão de Artilharia! O próximo!

João José

João José Luiz.

Tenente Lima

Só isso?

João José

Só, sim senhor!

(Quitéria entra, firme, e se coloca na fila, atrás de João José)

Tenente Lima

Nome do pai?

Soldado I

Ah, isso eu não sei, não senhor.

(Quitéria ri)

Tenente Lima

Tá rindo de quê?

Quitéria

Nada, não senhor.

Tenente Lima

(Com sadismo). Vai ter muito o que rir por aqui, soldado! Ah, vai ter mesmo, se vai...

Quitéria

Sim, senhor!

Tenente Lima

(Anotando). Pai ignorado. Sabe ao menos onde nasceu?

João José

Sou daqui mesmo, sim senhor, de Cachoeira.

Tenente Lima

Está bem, pode passar. Batalhão de Artilharia! Outro!

Quitéria

(Com uma continência). Soldado José Cordeiro de Medeiros se apresentando!

Tenente Lima

(Examinando). Esse veio até de penacho. Deve ser bom da luta! Veio de onde?

Quitéria

Daqui mesmo, sim senhor, de Cachoeira.

Cabo

Este povo de Cachoeira tá todo se alistando! Espero que sejam bons de briga! Pode passar, soldado! Batalhão de Artilharia! *(Pra coxia)*. Tem mais alguém por aí? Não tem mais ninguém? *(Não há resposta)*. Deve ser a feira, foi todo mundo pra feira. Eu também vou!

(Levanta-se, larga tudo e sai correndo)

FEIRA

(Ouve-se uma modinha ligeira. Pessoas passam, há uma movimentação de feira. Vendedores de cereais, flores. Flocos de algodão simbolizando o produto que Gonçalo vende. Soldados caminham, despreocupados, entre eles, Quitéria. Entram Gonçalo e o comerciante de algodão)

Comerciante

A quanto a saca do algodão, seu Gonçalo?

Gonçalo

Deixe-me ver... *(Desconversa)*. Pois é... A Quitéria não quis vir!

Comerciante

Do que o senhor está falando? Eu perguntei do algodão. Quanto?...

(Gonçalo interrompe)

Gonçalo

Pois ela disse que estava cansada...

Comerciante

Não quer vender? Tá bem! *(Se afasta, resmungando)*. Nunca vi um comerciante assim!

(Vai pra outra banca)

Gonçalo

(Pra plateia). Pá!... Mulher é bicho fraco mesmo! Minha filha, a Maria Quitéria, toda metida a valente, não aguentou o tirão!

Comerciante

(*Voltando*). Do que o senhor tá falando?

Gonçalo

(*Pro comerciante*). Ela queria fazer a guerra, pois! Soldado tem que ser é homem!

Comerciante

(*Bem macho*). Eu também acho! (*Pra plateia*). Nunca vi vender algodão assim. Esse homem deve ser maluco!

(Vendo soldados do outro lado da cena, Gonçalo cumprimenta-os, espalhafatoso, fazendo continência. Quitéria, que estava conversando com João José, disfarça. Gonçalo não reconhece Maria Quitéria).

Gonçalo

Boa-noite, soldados, tudo bem?

(Passa novamente pelos dois soldados)

Gonçalo

Boa-noite, soldados!

João José

Boa-noite, senhor!

(Quitéria disfarça, Gonçalo se afasta)

João José

Viu só aquele homem? Dizem que é poderoso, soldado Medeiros. Tem pra mais de três fazendas na região.

Quitéria

(*Divertida*). É mesmo?

João José

É o que se conta por aí.

Quitéria

(*Cutucando João*). Se tem filha, vai dar um bom sogro.

João José

Tem filhas, sim, mas estão todas casadas. (*Pausa*). Dizem que sobrou uma, mas é meio esquisita, gosta de andar no meio dos homens... Dar tiro!... (*Tom*). Dizem que é valente, mas homem nenhum quer chegar perto! (*Divertido*). Mulher assim é perigosa! (*Os dois riem*).

Quitéria

Ela deve ser uma peste!

João José

Eu é que não queria encontrar um diabo desses pela frente.

(Os dois riem).

Quitéria

(Animada). Soldado, tu não ouviu falar que vamos guerrear por esses dias?

João José

É. Parece que os tiros vão começar.

Quitéria

É o que se ouve falar aqui em Cachoeira. Mal posso esperar pra acabar com aqueles pés-de-chumbo!

João José

Eu também!

(Todo o elenco canta, enquanto muda o cenário para a próxima cena)

E a guerra se espalhou / Correndo pra todo lado / De ponta a ponta a Bahia / Ouvia os tiros trocados / Partindo de Cachoeira / Todo o esquema traçado / Logo, logo, minha gente / Passou lá por Santo Amaro, / São Francisco, Inhambupe, / Vila de Itapicuru / Mas não faltou nas batalhas / Reforços de Norte a Sul / Pernambuco, Paraíba, / Rio de Janeiro, Sergipe / Mais os irmãos de São Paulo, / Mesmo usando parabelo / Todo mundo se unia / Pra lutar com valentia / Contra Madeira de Mello.

CENA 6

QUITÉRIA E JOÃO JOSÉ

Quitéria

Tu ouviu só, soldado? Até parece que aqueles pés-de-chumbo não conhecem a gente...

João José

Por que você diz isso, Medeiros?

Quitéria

Eles pensam que vão ganhar a guerra!

João José

De onde você tirou isso?

Quitéria

Eles pediram reforço de Portugal.

João José

Não ouvi falar nada disso, não...

Quitéria

Eles vão ver o que acontece com quem se mete onde não é chamado!

João José

É isso mesmo, soldado! Eles que se metam conosco, pra ver o que acontece!

Quitéria

(Rindo) E o que acontece, soldado? Deixa de contar história. Tu morre de medo quando vê um pé-de-chumbo!

João José

Isso é o que nós vamos ver. Deixa essa guerra começar que eu mostro pra você, Medeiros!

Quitéria

(Maliciosa). Mostra o que, João? Você diz que é valente, mas na hora vem me pedir ajuda...

João José

O que é isso, soldado?

Quitéria

Isso o quê? Então eu não digo a verdade? O soldado João está sempre se escondendo do inimigo.

João José

(Contrariado). De onde você tirou isso? Diacho!

Quitéria

(Ri). Eu só estava brincando...

João José

Isso é lá jeito de brincar? Eu sou um soldado valente!

(Quitéria ri e abraça o amigo pelas costas. João José fica sem graça)

João José

(Afastando Quitéria). Diacho! Para com isso!

Cabo

O comandante está convocando para a Batalha de Pirajá!

Quitéria

É agora! É agora que a guerra vai começar! É pra já! (*Dá um grito e sai atrás do soldado*). Espera aí que eu vou também!

João José

O que é isso, Medeiros, vai fugir? Agora vamos ver quem tem medo de guerra!

(Quitéria volta, em guarda)

Quitéria

Atenção! Ouvi passos por aí, pode ser um pé-de-chumbo! (*Faz pontaria e atira*).

João José

Não vá com tanta sede ao pote, soldado, tem mais cuidado! Olha que esses filhotes do demo são traiçoeiros! Não vá bancar o herói. (*Pra si*). Já tem muito herói morto por aí. Tem cuidado, Medeiros! (*Luz em João José pensando em voz alta*). Oxente! Por que fiquei tão nervoso por causa do Medeiros? Até parece que o meu coração ia sair pela boca! Isso é lá coisa de homem? (*Gritando alto*). Toma cuidado, rapaz! Um pé-de-chumbo não vale a vida de um soldado!

Quitéria

(*Voltando*). Carece tomar conta de mim, não! Eu sei me cuidar sozinho!

João José

Tá bom... mas não vá bancar o valente, sem que nem porquê. Lembra que comandante esquece muito cedo do soldado. Só nos resta o ferimento, quando não vem coisa pior!

Quitéria

Cruz credo! Deixa de ser covarde, homem de Deus! Isso é coisa que se diga, numa hora dessas? Então aqueles homens esfomeados do Madeira oferecem algum perigo? Se eles atacarem é só por puro desespero. Essa batalha vai ser fácil. Cadê os homens? Soldados! Atenção, tem pé-de-chumbo por aqui! (*Arma o tiro*). Dessa vez é pra valer! (*Sai correndo. Ouve-se um estrondo! Sai fumaça da coxa, do lado em que Medeiros saiu. João José grita*)

João José

Mataram o Medeiros! Mataram o Medeiros! Um enfermeiro aqui, depressa!

Quitéria

(Surgindo da fumaça). Que mataram que nada, soldado! Não é qualquer miserável que vai acabar com o soldado Medeiros. Vamos em frente! Pirajá é nossa! *(Some na coxia, gritando):* Pirajá é nossa! Vamos em frente! Pirajá é nossa!

(João José fica e canta. O elenco muda o cenário para a cena seguinte)

De noite com a lua alta / Sua voz encanta e brilha / Num acalanto me embala / Abrindo inteira a ferida / Ardendo o ventre, a virilha / E quando me chama de amigo, / Vejo mais que um camarada / Viril, disfarço à vontade / Confuso, procuro a verdade / Sabendo que ela se parte / E o sangue a correr pelas veias / É como uma febre que arde, / Arde, arde.

CENA 7

QUARTEL

Tenente Lima

(O personagem bajula todo o tempo o comandante). Sim, meu comandante! O soldado Medeiros é muito valente, muito valente, meu comandante! Ele merece, ele merece!

Comte. Falcão

Eu que o diga, tenente Lima! Ele já fez dois prisioneiros do batalhão do moleirão do Madeira. O português Madeira de Mello, sim senhor! Pirajá foi uma batalha e tanto! O nosso comando estava nas mãos daquele francês, como é mesmo o nome?

Tenente Lima

Labatut! É o Labatut de quem o senhor está falando, meu comandante?

Comte. Falcão

Isso mesmo, do Labatut. Pois o homem ficou tão impressionado que já está pensando em promover o Medeiros.

Tenente Lima

Ele merece, meu comandante! Ele merece!

Cabo

(Entrando e perfilando-se). Está aí o homem, meu comandante!

Comte. Falcão

Um paisano? E o que ele quer, homem? Se alistar?

Cabo

(*Nervoso*). Ele diz que a filha dele está aqui no quartel.

Comte. Falcão

Como, aqui no quartel?! Não tem nenhuma mulher aqui no quartel, ora essa! (*Para o tenente*). O que ele quer dizer com isso?

Tenente Lima

Pois é... O que ele quer dizer com isso, não é, meu comandante?

Cabo

(*Sempre em continência*). Não sei, não senhor! Ele só disse que a filha dele está aqui no quartel.

Comte. Falcão

Filha dele? (*Para o tenente*). Isso só pode ser coisa do Madeira, para nos desmoralizar! Só pode ser coisa desse maluco que os portugueses nos impuseram. Por que ele não volta para Portugal? (*Para o cabo*). E o homem tem sotaque, cabo? O homem fala como gente do Madeira?

Cabo

Ele fala português de Portugal, sim senhor!

Tenente Lima

Só pode ser gente do Madeira, meu comandante!

(Os dois trocam um olhar)

Comte. Falcão

Isso só pode mesmo ser coisa de português!

Tenente Lima

Ora, vejam só uma coisa dessas!

Comte. Falcão

(*Para o cabo*). Pois mande entrar esse homem, não o faça esperar mais! O que está esperando? (*O cabo sai. Falcão para o tenente*). O Madeira é bem capaz disso. Mulheres no regimento!

(Entra o cabo, acompanhado de Gonçalo, o pai de Quitéria. Ele vem murmurando, furioso)

Gonçalo

Eu não quero assunto com esses milicos, ó pá! Mas levaram minha filha Quitéria! (*Vendo o comandante, fica nervoso e se atrapalha com o português*). C'os diabos! Pois já pra quatr'm'ses qu'a procuro!

Comte. Falcão

Perdão, não entendi direito o que o senhor falou.

Gonçalo

Perdi minha filha! Ela sumiu! Sumiu, senhor! Desde que essa guerra começou. Então eu pensei: ela atira bem, a danadinha! Deve ter ido procurar os soldados. Aí eu andei por tudo que é quartel, até que cheguei aqui.

Comte. Falcão

(Levantando-se). Comandante Falcão, para servi-lo! *(Estende a mão, Gonçalo não retribui ao cumprimento)*. Com quem tenho a honra de falar?

Gonçalo

(Sempre falando, não presta atenção no comandante). Até que hoje, de madrugada... Eu vi minha filha!

Comte. Falcão

(Sem entender nada). Mas por que o senhor acha que ele foi procurar os soldados?

Tenente Lima

É, por que teria ido procurar os soldados?

Gonçalo

(Continua, sem prestar atenção. Os dois oficiais se olham, estranhando a situação). Como eu ia voltar para casa sem ela? Pensei: ela atira bem, e quer lutar! Vão botá-la na Artilharia! Não é que eu estava certo? Ela está na Artilharia!

Comte. Falcão

Ela quem?

Tenente Lima

(Fazendo eco). Ela quem?!

Gonçalo

Fiquei rondando por aqui. Dia e noite... noite e dia! Até que a encontrei! Ela está aqui!

Comte. Falcão

E o que a sua filha estaria fazendo aqui no quartel, não é mesmo? *(Perdendo a paciência)*. Por favor, meu senhor! Essa é uma unidade séria, não estamos aqui para brincadeiras!

Tenente Lima

(Fazendo eco). É uma unidade séria!

Gonçalo

(Para si). Fiquei rondando, até que, de manhãzinha... vi a minha pequena Quitéria! Eu sei que era ela! Depois a perdi de vista.

Comte. Falcão

Deve ser algum engano, senhor... senhor?

Gonçalo

(Curva-se, cerimonioso). Gonçalo de Almeida, um seu criado.

Comte. Falcão

(Cortante). Pois, senhor Gonçalo, nós aqui não alistamos mulheres.

Tenente Lima

A única mulher que há aqui, meu senhor, é a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a nossa padroeira. É uma santa!

Gonçalo

*(Dirigindo-se ao **tenente**)*. Por favor, meu senhor! São coisas sérias! Ela é uma menina de respeito. De respeito! Fique sabendo! *(Para si)*. Bem que eu disse para o Medeiros que não ia adiantar nada! *(Para o **comandante**)*. Com licença, meu senhor. Já sei que não vai adiantar nada. Vou voltar para a minha casa. Com licença! *(Faz menção de sair)*.

Comte. Falcão

Espere! Ouvi o senhor falar em Medeiros? Que Medeiros é esse?

Gonçalo

É o meu genro, o Medeiros, José Medeiros.

(O comandante olha para o oficial que levanta as sobrancelhas. Depois, dirige-se para o cabo, que estava perfilado, ouvindo a conversa dos três)

Comte. Falcão

Cabo, traga o soldado Medeiros.

Cabo

Sim, senhor! *(Sai)*.

Comte. Falcão

É só para ser agradável com o senhor... Nós temos aqui um excelente soldado que, por coincidência, também se chama Medeiros. Só para tirar a teima – e por orgulho, pois me orgulho muito dele! – vou apresentar o meu Medeiros para o senhor.

(Entra Quitéria, vestida de soldado. Encaminha-se, resoluta, para o comandante)

Quitéria

Soldado Medeiros se apresentando, meu comandante!

(Gonçalo mal consegue disfarçar a alegria de rever a filha. O comandante e o oficial examinam curiosamente o soldado Medeiros/Quitéria, que se mantém em atitude rígida, em continência)

Comte. Falcão

*(Para **Gonçalo**).* Com sua licença, meu senhor, preciso falar com o soldado Medeiros. Queira nos aguardar na sala ao lado, por favor.

Gonçalo

Sim, senhor! *(Sai, acompanhado pelo **cabo**)*

Comte. Falcão

*(Para Medeiros/**Quitéria**).* Olhando bem, o senhor poderia ser uma moça disfarçada, soldado Medeiros! *(Para o **tenente**).* Esses adolescentes enganam bem, não é mesmo, tenente Lima?

Tenente Lima

Enganam, enganam muito bem, meu comandante!

Quitéria

Eu não sou nenhum adolescente, senhor!

Comte. Falcão

Ah! Não é um adolescente? *(Acusador).* E o que é, então? *(**Quitéria** não responde. Mantém a posição de sentido).* *(Indignado).* É inacreditável! O soldado Medeiros é uma mulher! Como vou resolver isso na tropa? Diga, tenente, como vou resolver isso na tropa?

Tenente Lima

É, como o senhor vai resolver isso na tropa, não é mesmo, meu comandante? Não quero nem pensar!

Quitéria

(Obstinada). Eu sou o soldado Medeiros!

Comte. Falcão

(Conciliador). Está bem, soldado Medeiros. Nós vamos resolver isso da melhor maneira possível. *(Desolado).* O senhor sabia que nós alistamos mulheres, não sabia? Não para servir como soldado, mas para o serviço geral... Por que não se alistou como uma mulher?

(Quitéria não responde)

Comte. Falcão

Que problema! O que me diz disso, soldado Medeiros? Vai ficar aí parado? Fale alguma coisa, se explique! É uma ordem!

Quitéria

(*Num ímpeto*). Eu quero lutar! Eu vim aqui para lutar! Não quero ficar empurrando canhões!

Comte. Falcão

Empurrando canhões?

Tenente Lima

(*Irônico*). Empurrar canhões é muito pesado para uma senhorita... Quem sabe o senhor não a conduz para a Infantaria, comandante? Seria uma solução. Lá não há canhões...

Comte. Falcão

Muito bem pensado, tenente Lima! Está aí uma boa sugestão. Pensarei nisso.

Quitéria

(*Novo ímpeto*). Mas é o que eu sempre quis, estar no meio da luta!

Comte. Falcão

O senhor é muito valioso para o nosso batalhão, soldado Medeiros. Depois de Pirajá, nós precisamos muito do senhor. (*Para si*). Nós vamos dar um jeito nisso.

Quitéria

(*Em posição de sentido*). Então posso ficar?

Comte. Falcão

(*Decidido*). Sim, pode ficar! Irá para o Batalhão de Caçadores. Lá o senhor poderá lutar à sua maneira, frente a frente com o inimigo. Não é isso o que o senhor quer?

Quitéria

Sim senhor, meu comandante!

Comte. Falcão

(*Sai Quitéria, o comandante Falcão dirige-se ao tenente Lima*). E agora? Só me faltava essa! Mandé entrar o senhor Gonçalo. (*Sai o cabo, entra Gonçalo*). Por favor, senhor, queira sentar-se.

Gonçalo

Estou bem assim. O que o senhor tem a dizer-me?

Comte. Falcão

Olhe, seu Gonçalo, o senhor viu o soldado Medeiros. Para nossa infelicidade, ele é uma mulher. Ms é maior de idade, o senhor está entendendo? É livre, pode fazer o que quiser. Ela quer ficar, quer lutar, eu não posso me opor. O Brasil, nesse momento, precisa de gente assim, valente que queira lutar. Se ela acha que pode ajudar melhor na tropa, que fique!

Gonçalo

(Surpreso). Então é isso que o senhor tem a me dizer?! Pois eu não aceito filha minha lutando igual a um homem! Não foi para isso que a criei. Na tropa! Igual a um homem! Não quero nem pensar!

(Sai, furioso. Entra o cabo)

Comte. Falcão

Chame o tenente Lima!

(O cabo sai)

Tenente Lima

(Entrando). O que aconteceu? O homem passou feito uma bala... se acertasse nos portugueses faria um estrago!

Comte. Falcão

Não é hora para brincadeiras, tenente. *(Como se fosse ideia dele)*. Ouça, acho que o melhor mesmo é mandar o soldado Medeiros para o Batalhão dos Periquitos! O que o senhor acha?

Tenente Lima

(Lisonjeado). Acho que o senhor pensou certo, meu comandante! A Infantaria é o lugar para o soldado Medeiros; chega de andar empurrando canhões! *(Rindo)*. Não fica bem para uma moça...

Comte. Falcão

Estive pensando, e acho que o melhor é, para nós, poder contar com o soldado Medeiros. Irá para o Batalhão dos Voluntários do Príncipe D. Pedro, o Batalhão dos Periquitos. Depois veremos o que acontece!

Tenente Lima

(Fazendo continência e se retirando). É pra já, meu comandante!

Quitéria

(Para o pai, Gonçalo). O senhor não sabe que tenho elogios na Ordem do Dia? Preciso corresponder, meu pai, continuar lutando!

Gonçalo

E quem se importa com essas coisas? Quem quer ver sua filha metida com a soldadesca? Pela última vez, Quitéria, largue essa loucura e volte pra casa!

Quitéria

Perdoe-me, pai, mas é impossível! Eu quero lutar e vou lutar! Não importa se como homem, ou como mulher. Eu fico!

Gonçalo

Então, adeus! Quando essa loucura acabar, não venha me procurar. Não me procure mais! Não tenho mais uma filha chamada Quitéria! (*Sai*).

(Sebastiana entra e canta. Enquanto ela canta, o elenco muda o cenário para a cena seguinte, num rio)

E Maria resistiu / Mais uma vez a Gonçalo / Lutando pelo seu sonho / De ver seu país libertado / Quando a força da mente / Move inteiro o coração / Não existe ameaça / Que desfaça essa união / Apesar de magoada / Com tudo que aconteceu / Maria continuava / Buscando o que era seu.

CENA 8

RIO

QUITÉRIA

(Texto de Hélio Pólvora)

Quitéria

Eu gostaria de entrar nua no rio, caso estivesse no sítio do meu pai. Mas estou aqui, entre homens, somos todos soldados e o banho no Paraguaçu é forçado. Os portugueses de uma canhoneira bombardearam Cachoeira, então um bando de periquitos, e entre eles eu e mais cinco ou seis mulheres, entramos no rio, de culote, bota e perneira, dólmen abotoado e baioneta calada. Queríamos que os agressores desembarcassem para o combate em água rasa da margem. E eles vieram aos brados. Traziam armas brancas. Alguns as mordiam com os dentes. O encontro deu-se num banco de areia, com água pela cintura. Senti quando a água fria subiu pelas pernas, abraçou as coxas e espalhou-se pelas virilhas. Um toque frio, desagradável. Com o

calor da luta, tornou-se morno. E houve um instante em que eu tinha água pelos seios. Senti que os mamilos se enrijeciam sob a túnica. Pensei outra vez no sítio, na rede em que costumava embalar-me. Ali tudo era cálido, os panos convidavam ao sono. Aqui, luta-se pela vida, pela nossa Cachoeira, pela Pátria. Mas uma voz secreta me sopra que também luto por mim. Estou guerreando, sim, para libertar Maria Quitéria de Jesus Medeiros da tirania paterna, dos sofridos afazeres domésticos, da vida insossa. Ah, eu combato com água no nível dos peitos, pela libertação da mulher, pela nova mulher que haverá de surgir. Minha baioneta rasga o ventre de um português que não quer reconhecer a independência do Brasil gritada, lá no Sul, pelo Imperador D. Pedro.

CENA 9

(Atores falam enquanto mudam o cenário para a cena seguinte)

Ator

Março de 1823. Quitéria assume o comando de Itapuã com a morte do comandante Aguiar. Faz prisioneiros nas forças do general português Madeira de Mello. É promovida a cadete.

Atriz

Abril de 1823. Quitéria comanda o Batalhão dos Voluntários do Príncipe na Batalha da Conceição.

Atriz

2 de Julho de 1823, o general Madeira de Mello é derrotado e foge para Portugal. Quitéria marcha à frente do Batalhão dos Voluntários do Príncipe D. Pedro em sua entrada triunfal em Salvador.

(Todos cantam)

Maria das Marias / Mariana, Maria não / Ê, Maria / Maria da Canção, ôia / Ainda Maria musa / Maria lusa / Maria dor / Menina Maria mora / No bico do beija-flor / Morena Maria mora, / Mora no endereço do amor / Maré cheia de marias é o mar / De Salvador / Maria que não tem roupa / Maria louca / Maria adé / Maria de romaria / Que mexe com a minha fé / Maria que eu amaria / Se não fosse outra mulher / Que também se chamaria, Maria / É Maria mas que não é / E tem Maria sonsa / Mulher onça / Mulher má / De fazer zombaria / De quase

nunca se dar / Maria anti-Maria / Mais Maria não há / Se houvesse eu chamaria, Maria / Vem Maria pra me amar, ôia / Maria das Marias / Mariana, Maria não / Ê, Maria / Maria da Canção, ôia.

(Atores saem, ficando um cabo e João José)

CENA 10

A REVELAÇÃO PARA JOÃO JOSÉ

Cabo

Olha só essa jogada! Já vão pra três as partidas que eu te ganho... nem tem graça!

João José

Eu sou bom de dama. Hoje é que meu santo não está me ajudando. Não sei por quê. Mas ainda vou virar esse jogo.

Cabo

Quer apostar?

João José

Aposta valendo dinheiro? Só seu eu fosse maluco. Não vê que eu estou perdendo?

Cabo

Aposta que vai virar o jogo, oras!

João José

E isso é lá aposta?

Cabo

Sei lá! Aposta que vai matar mais pés-de-chumbo do que eu!

João José

Essa é fácil! Aceito! Quantos pés-de-chumbo?

Cabo

Esta guerra já está ganha, homem! O Madeira já fugiu para Portugal. Dizem que levou nosso dinheiro. Eu também, ó, quero o dinheiro aqui na minha mão. Patacas reais pro soldado brasileiro. Então eu também não mereço?

João José

Só não aposto porque não tenho dinheiro. Mas ainda vou virar esse jogo! *(Faz uma jogada magistral)*.

Cabo

Caramba!

João José

Meu santo me ouviu! Agora, até que eu fazia uma aposta. *(Faz outra jogada boa)*.

Cabo

Aposta sem dinheiro? Nada feito! Tá querendo me enganar, é? Olha que eu posso te prender!

João José

Pra me prender só o comandante Falcão.

(Os dois riem. Entra Quitéria, com seu novo uniforme. Ela se encaminha para os dois)

João José

Cabo, olha lá o Medeiros! *(Levanta-se de um pulo, derrubando o tabuleiro de dama)*.

Cabo

Que Medeiros que nada, soldado! O que vem aí é uma mulher... Não vai te meter em encrenca! Mulher só dá confusão. Quem avisa amigo é.

João José

Não tá vendo que é o Medeiros?

Cabo

De saia? Essa é boa! *(Reconhecendo Medeiros/Quitéria)*. Mas não é que é mesmo o Medeiros? Diacho! Vam'bora, soldado. Eu já vi muita coisa na minha vida, mas essa agora! Co'os diabos!

João José

O que será que aconteceu?

Quitéria

(Aproximando-se). Pra que tanto espanto, cabo? Está tudo bem. Você querendo, pode ir embora, mas o soldado fica. *(Pra João José)*. É uma ordem!

Cabo

Sim, senhor alferes! *(Sai, coçando a cabeça)*. Caramba!

Quitéria

(Pra **João José**). Você não assistiu a minha promoção! Se tivesse assistido não estava com essa cara de idiota. Foi um festão!

João José

(Examinando **Quitéria**). Diacho! Parece uma mulher!

Quitéria

Eu agora sou alferes. Fui promovido.

João José

Não sabia que roupa de alferes era assim...?

Quitéria

E não é! Mas pra que tanto espanto? Eu inventei essa roupa.

João José

Inventou?

Quitéria

Não é você que é louco por novidade? Pois esse uniforme é uma novidade. Mas eu tenho uma outra novidade. (*Maliciosa*). Acho que dessa você vai gostar, e muito!

João José

Que conversa é essa? Até a voz mudou, parece de mulher...

Quitéria

(*Fazendo um tom grave na voz*). A voz não mudou nada! (*Falando normalmente*). Vamos andar um pouco. Preciso muito conversar com você.

João José

(*Irritado*). Não posso ficar zanzando por aí. Hora de recolher é hora de recolher. Senão já sabe... cadeia! (*Tom*). Hoje não é meu dia de folga, sabia? Não pense que hoje, porque é seu dia de festa, é o meu também!

Quitéria

Que é isso? Calma! Você não vai ser preso. (*Diverte-se*) Não enquanto estiver na minha companhia! E que maneiras são essas de falar com um alferes? Mais respeito! Cadê a continência?

João José

(*Se perfilando, sério, e fazendo continência*). Soldado João José se apresentando, senhor alferes!

Quitéria

Assim está melhor. Agora vamos conversar.

João José

Só se você me disser a verdade.

Quitéria

O que você quer saber?

João José

Por que você sempre estava perto de mim? Sabia que pensei que estava louco? O pior é que a vontade de chegar perto era descontrolada. Eu pensei que estava gostando de homem. Todo mundo mangando de mim, e eu ali, firme.

(Os dois se afastam)

Quitéria

Agora você está livre.

João José

Posso fazer o que quiser?

Quitéria

Pode João.

João José

Então deixa eu te dar um beijo?

Quitéria

É tudo que mais quero. O teu beijo e conhecer o Imperador. Vem, pode me namorar. Ninguém vai judiar mais de você.

(O elenco todo canta, enquanto muda o cenário)

É hora de dar um beijo / É hora de namorar / João José e Quitéria / Aprenderam a se amar / Se essa rua fosse minha / Eu mandava ladrilhar / Com pedrinha de brilhante / Para vê-los passear / É hora de dar um beijo / É hora de namorar / João José e Quitéria / Aprenderam a se amar / O senhor dono da casa / Quem quer bem tudo suporta / Acordai se estais dormindo / Que tem gente a vossa porta / É hora de dar um beijo / É hora de namorar / João José e Quitéria / Aprenderam a se amar.

(Enquanto cantam, mudam o cenário para a cena seguinte, no palácio)

CENA 11
CONSELHEIRO E D. PEDRO

Conselheiro

A mulher é muito insistente. Quer por que quer falar com o senhor.

D. Pedro

Quem é? Alguma flor da noite?

Conselheiro

Não majestade. A baianinha de Cachoeira.

D. Pedro

Por que não foste direto ao assunto? Dizia logo: a soldada baiana. Maria de que mesmo?

Conselheiro

Maria Quitéria de Jesus.

D. Pedro

Será um prazer para mim recebê-la. Agora, diz-me sem meios-termos: Ela é bonita?

Conselheiro

Bem, majestade, gosto não se discute. Eu cá de minha parte, acho.

D. Pedro

Tens um gosto muito duvidoso. Haja vista o que me trouxeste, a Maria Leopoldina. Falava-me nas cartas de uma bela mulher. Seguramente transformou-se num bagulho, no caminho para o Brasil.

Conselheiro

Majestade, sua senhoria é muito exigente.

D. Pedro

Aprecio o que é belo. Tu não sabes distinguir uma mulher de uma jaca (ou *lacrãia*). Aliás, a tua escolha fez-me ir buscar nas noites o que me faltava na cama. A propósito, Títula já chegou?

Conselheiro

Espera por vós na antecâmara real.

D. Pedro

Diga-lhe que o Imperador não tarda a fazer-lhe a corte.

Conselheiro

Sim, majestade. E o que digo a baianinha?

D. Pedro

Que amanhã a receberei. Mas antes a senhora Graham vai recebê-la. Ela quer muito registrar as ideias da baiana em seu diário.

Conselheiro

Pois não, majestade. Assim farei.

CENA 12

QUITÉRIA E GRAHAM

Quitéria

*(Entrando, saúda **Maria Graham** com uma reverência).* Quitéria, uma criada para servi-la! A senhora marcou uma entrevista, pois não?

Graham

*(Levantando-se, observa detidamente **Quitéria**, como se estivesse examinando um animal exótico).* Mas é exatamente como eu imaginava! Ah! Sim, eu sou Maria Graham, a historiadora! Meus respeitos, senhora! Já ouviu falar nos guerreiros escoceses? Seu uniforme me lembra as roupas dos nativos de lá.

Quitéria

E a senhora gostou do meu uniforme? Fui eu que inventei.

Graham

Gostei muito!

Quitéria

Vi numa gravura lá em casa, sabe? Um homem vestido com um saiote xadrez. Copiei o saiote pra ficar com mais jeito de mulher.

Graham

Ah! Então está explicado! Um homem com um saiote xadrez!

Quitéria

Isso mesmo! Nas montanhas tocando uma grande flauta. Aliás, muitas flautas...

Graham

A gaita de fole escocesa!

Quitéria

Esse é o nome dela, é: Não sabia... Ah! Eu também toco flauta! Mas não essa flauta de fole, eu toco flauta de apito, conhece?

Graham

Sei qual é...

Quitéria

E toco violão!

Graham

(Anota, anota). Que maravilha! Uma musicista! Precisa tocar para mim.

Quitéria

Agora não posso. *(Quer ir embora)*. Tenho muitos compromissos.

Graham

(Suplicante). Não vá ainda! Temos tanto que conversar....

Quitéria

Está bem, então eu fico.

Graham

Muito bem. *(Pegando o caderninho)*. Que mais sabe fazer? Além de guerrear, é claro!

Quitéria

Sei cantar!

Graham

(Anotando). Ah! Os brasileiros! Povo musical! Ótimos cantores! E musicistas! São um encanto, os brasileiros! Sabe Quitéria *(sotaque)* nós, os ingleses, também adoramos cantar!

Quitéria

Mas quando pisam no nosso calo, a gente grita. Modéstia à parte, sou boa de tiro e não me escapa um pé-de-chumbo.

Graham

(Sotaque). Pé-de-chumbo?

Quitéria

É, os portugueses. Fazem um barulho danado! Mas é só barulho, eles não sabem lutar.

Graham

Ah! Os portugueses! (*Desdenhosa*). Nós conhecemos muito bem os portugueses. O que me encanta são os brasileiros, é sua bravura, Maria Quitéria. Você é uma verdadeira combatente.

Quitéria

Muito obrigada, dona Maria!

Graham

A senhora merece! (*Tom*) Nós, lá da Ilha (*com british accent*) – “Albion, you know –” Inglaterra! Também temos gente lutando do lado de vocês! Muita gente, muitos barcos. Eles são comandados pelo almirante Cochrane. Lord Cochrane. Já ouviu falar nele?

Quitéria

Oh! Mas é claro! Foi ele que nos ajudou a botar o Madeira de Mello pra correr!

Graham

Sim, sim...

Quitéria

Só que o danado do Madeira levou com ele pra mais de 80 navios, todos carregadinhos de ouro! Ele conseguiu levar o ouro da Bahia, do Brasil! Se eu fosse marinheiro não deixava, não.

Graham

Muito bem! Muito bem! Com meia-dúzia de gente como a senhora, o Brasil estava feito!

Quitéria

Só que não gostei que o Madeira tivesse levado tanto dinheiro. Não me conformo! A gente ganha, ainda dá dinheiro pra quem perde!

Graham

Nem quero falar sobre isso, Quitéria.

Quitéria

Bem, chegou a minha hora. Agora a senhora vai me desculpar, mas tenho muitos compromissos a cumprir. (*Sai, falando com a plateia*).

Esses ingleses! Só espero que esse tal de almirante Cochrane não seja o nosso próximo inimigo! (*Sai*).

Graham

Dirigindo-se para a plateia). Se ela soubesse que foi o seu querido D. Pedro que deixou os portugueses levarem as riquezas do Brasil! *(Levanta-se e começa a puxar a cadeira)*. Ela foi embora! Que pena, eu queria tanto desenhá-la! Daria um belo quadro, colorido, com essas roupas tão bonitas. Ela é tão delicada, nem parece um soldado! Se tivesse estudado seria uma grande personalidade. Poderia mudar esse país! E tem uns costumes exóticos... ela come peixe com farinha, em vez de pão! Fuma um cigarro após a refeição. Um cigarro! Como se fosse um homem! *(Continua a puxar a cadeira)*. É tão delicada! Educada, meiga, doce... tão doce!

CENA 13

COMENDA

(Ouve-se uma valsa. Entram as autoridades do castelo e, em seguida, D. Pedro e Quitéria)

D. Pedro

(Terminando de colocar a comenda em Quitéria). Meus cumprimentos, alferes Maria Quitéria! Brasileiros valentes como a senhora é que tornaram possível o Império brasileiro! É com muito respeito, que passo as suas mãos a Comenda da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul.

(Aplausos)

Quitéria

Tudo foi feito pelo amor do Brasil e do meu Imperador!

D. Pedro

Deus a abençoe!

Quitéria

(Fazendo um sinal para o Imperador se aproximar). Imperador, bênção mesmo, eu queria que Vossa Alteza desse para o meu pai. Ele está furioso comigo porque lutei como um homem.

D. Pedro

Como assim? Ele não se orgulha da filha que tem?

Quitéria

Não se orgulha não, Alteza!

D. Pedro

E o que a senhora quer que eu faça para ajudá-la?

Quitéria

Vossa Alteza não poderia escrever uma cartinha para o meu pai pedindo que ele me perdoe, em nome da pátria e de Vossa Alteza?

D. Pedro

(*Rindo*). Com prazer, alferes, com prazer! Pode deixar que vou escrever a carta!

CENA 14

VISITA AO PAI

(Todos cantam e mudam o cenário para a cena seguinte)

*Após as festas da Corte / Para a Bahia voltou / Buscando na sua gente / Afeto carinho e calor /
Uma guerra ainda que justa / Nos aproxima da dor / E Maria o que mais queria / Era rever seu
amado e viver um grande amor / Assim feliz e contente / A João José procurou / E também
seu pai Gonçalo / Que nunca a perdoou / Por trocar um reinado certo / De agulha, linha e
algodão / Por aquilo que de sempre pediu / Seu coração...*

Gonçalo

Para que toda essa correria, mulher? Que apetrechos são esses?

Sebastiana

É pra fazer o bobó de camarão, padrinho! Aquele bobó que só eu sei fazer. Bem gostoso!

Gonçalo

E desde quando se faz bobó de camarão aqui nesta casa sem que eu diga que se pode fazer bobó de camarão aqui nesta casa? E eu já disse que não posso comer comida tão forte, não disse? Já não tenho idade para isso.

Sebastiana

(*Matreira*). Mas quem disse que é para o senhor?

Gonçalo

E para quem é, então? Nós não temos visita...

Sebastiana

Ainda não, mas vamos ter.

Medeiros

Está tudo aqui, seu Gonçalo! Achei esse jornal outro dia em Salvador. É o Correio Braziliense, aquele que é editado em Londres. Só se fala nisso. Que o Imperador, em pessoa, homenageou aquela maluca.

Gonçalo

Que maluca?

Sebastiana

(*Para Medeiros*). Com sua licença, seu José, mas ela não é nenhuma maluca, não... Ela está muito bem, graças ao bom Pai. E está com viagem marcada para São Joaquim, a menina! Sim, senhor, seu Gonçalo!

Gonçalo

O quê? Eu já não disse que não quero ver aquela condenada, nunca mais?

Sebastiana

Mas é sua filha, seu Gonçalo! Ela lhe quer tanto bem! Acabe com essa zanga! (*Vozes em off*). Receba sua filha, padrinho, pelo amor de Oxalá!

Gonçalo

Ela é uma desavergonhada, isso é o que ela é!

Medeiros

(*Veneno*). Nem parece uma mulher!

(Entra Quitéria, vestida de mulher e acompanhada do soldado João José)

Quitéria

(*Aproximando-se de Gonçalo*). A sua bênção, meu pai!

(Gonçalo não responde. Sebastiana fica angustiada)

Sebastiana

Padrinho! Pelo que há de mais sagrado!

Quitéria

Pai, não vai me perdoar? Quero sua bênção. Fiz tudo como o senhor queria. (*Mostra João José*). Até me casei.

Gonçalo

(Irritado). Quem é esse homem?

João José

João José, para servi-lo!

Quitéria

Não vai cumprimentar o João José? Seu novo filho? Casamos lá em Cachoeira. Não era isso que o senhor queria que eu fizesse, que me casasse?

(Gonçalo olha atravessado para João José. Suspense na sala)

João José

(Fazendo um movimento desajeitado). A bênção, meu pai!

Gonçalo

(Largando o jornal). Mas o que é isso, agora? Deboche?

Sebastiana

Pelo amor do Pai Jesus!

Quitéria

Não é deboche, não, meu pai. E eu tenho aqui uma coisa que vai deixar o senhor muito feliz. É tudo o que um pai pode querer de uma filha, consideração e amor!

Gonçalo

De uma filha, disseste-o bem. Mas eu não tenho mais essa filha!

Quitéria

Olhe aqui, meu pai! É pro senhor!

(Entrega-lhe o papel com sinete do Império)

Gonçalo

(Olhando). O que é isso, agora? *(Olha com atenção)*. Parece até o sinete do Imperador!

Quitéria

E é o sinete do Imperador. Abra, meu pai!

Sebastiana

Então a menina está vindo da Corte! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Benza Deus!

Medeiros

Do Imperador?

Gonçalo

(Desconfiado). Mas o que significa isso?

João José

É o maior presente que um pai pode esperar de uma filha, meu senhor!

Gonçalo

E alguém lhe perguntou alguma coisa?

João José

Desculpe!

Sebastiana

Por tudo o que é mais sagrado, padrinho, abra logo esse papel!

Quitéria

Essa carta, Sebastiana.

Medeiros

Hum! Uma carta?

Sebastiana

Por favor, senhor Medeiros, Leia a carta.

Medeiros

Para o meu excelentíssimo súdito Sr. Gonçalo de Almeida: diante dos últimos acontecimentos que envolveram a Coroa do Brasil e o meu império, quero agradecer-lhe pela compreensão e apreço e pelo reforço inestimável de sua contribuição para o Exército imperial Brasileiro! Congratulo-me com o Sr. pela valorosa filha e combatente Alferes Maria Quitéria, que a vossa magnanimidade não recusou colocar ao serviço de seu Imperador. Agradecido e honrado, Pedro I, Imperador do Brasil.

Gonçalo

Ouvi bem?

Quitéria

Ouviu muito bem, senhor meu pai! Quer lê-la o senhor mesmo?

Gonçalo

(Agarrando o pergaminho). Não é possível! O Imperador diz que eu mandei minha filha para guerrear. Ora essa! *(Ri)*. Esse Imperador!

Sebastiana

Bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Medeiros

(Despeitado). Quem diria, não é mesmo? A Quitéria!

(Quitéria olha Medeiros, furiosa)

Quitéria

(Provocando). Onde está a Teresa, Medeiros? Estou com saudades dela.

Medeiros

(Desconfiado). Ficou em casa, cuidando das crianças.

Quitéria

Ah... Logo imaginei. *(Imitando Medeiros)*. Cuidando das crianças.

E ela não podia trazer as crianças pra me ver? Eu também estou com saudades das crianças.

Medeiros

Eu não sabia que você estaria aqui.

Quitéria

Deixa de histórias, Medeiros, você nunca deixa a Teresa sair de casa.

Confessa. Não tem ninguém pra ficar com as crianças, não é isso?

Pobre Teresa!

(Clima de embaraço, rompido por Gonçalo)

Gonçalo

(Para João José). Como é mesmo o seu nome?

João José

João José, senhor, para servi-lo.

Gonçalo

(Irônico, para João José). Você pode com ela? Acho que não é fácil...

João José

Senhor?

Gonçalo

(Criticando). João José... que nome, pá! Ainda se fosse Joaquim, ou Manuel... *(Tom)*. Como é? "João"?! Então João, dá para viver com uma mulher danada dessas? Ela tem um gênio!... Puxou ao pai!

(Todos riem, aliviados, menos Medeiros)

Medeiros

E ela foi no meu lugar, ora vejam só!

Sebastiana

Graças a Deus, padrinho! Fizeram as pazes! Oxalá nos guarde! Agora posso fazer o meu bobó de camarão sossegada! (*Sai, carregando as panelas*).

João José

(*Respondendo ao sogro*). Não é fácil não, seu Gonçalo! É uma peste essa sua filha!

(Quitéria olha, indignada para João José. Ele ri)

Quitéria

Eu, uma peste?!

Gonçalo

Eu sei como é isso. É sangue mouro, ela é descendente de mouro! Tem sangue quente! É esquentada, como eu. (*Olha para a filha*). Cabeça dura! Nem sei como o Imperador, santo homem, a admira tanto! Será que ela criou juízo, agora?

Quitéria

Eu sempre tive juízo, meu pai!

Gonçalo

Eu não disse? Cabeça dura!

Quitéria

O senhor nos abençoa, meu pai? A mim e a João José?

João José

A bênção, meu pai!

Gonçalo

Eu os abençoo. Mas não vai ser fácil a vida de vocês!

Sebastiana

O bobó está na mesa.

No inverno rigoroso / Já dizia minha vó / Sente frio quem dorme junto / Quanto mais quem / dorme só.

CENA 15

BASTIANA E MEDEIROS

Medeiros

Sebastiana, senhor Gonçalo encarregou-me de te entregar esta carta de alforria.

Sebastiana

O que é isso senhor Medeiros?

Medeiros

Você agora é livre.

Sebastiana

Livre pra que, senhor Medeiros? Pra ficar caminhando pro essas terras sem pouso? Que liberdade é essa? Aqui pelo menos tenho a amizade de ôces.

Medeiros

Tanta luta, não é, Sebastiana? Todo mundo falando em independência. Mas tudo isso está muito distante.

Sebastiana

Parece que nós viemos a esse mundo para ser pisado, marcado, humilhado.

Medeiros

É assim que você se sente, Sebastiana?

Sebastiana

Eu não falo só por mim. O senhor não lembra o que aconteceu com o Bento? Marcaram ele como quem marca gado. Só que pele de gente é diferente. Mesmo negra, o homem não aguentou a dor. A ferida entrou pele adentro, chegando até a alma. E o resultado foi o que foi.

Medeiros

Ele se jogou do alto das montanhas. E só ficou o grito atravessado no coração da gente.

Sebastiana

Mais forte em mim do que nos outros, senhor Medeiros. Ele era meu irmão.

Medeiros

Eu entendo você, Sebastiana. Mas fique certa de uma coisa, com alforria ou sem alforria, você tem em mim um amigo.

Sebastiana

Eu sei, senhor Medeiros. Deixe a carta comigo. Agora deixe eu lá, no meu canto. Quem sabe, um dia, a luta de dona Quitéria traz um pouco de independência pra nós também.

Medeiros

Pode contar comigo Sebastiana. E vamos acreditar que um dia o futuro será melhor para todos nós.

Sebastiana

A gente está vivo e com o coração batendo. Às vezes de dor, às vezes de alegria. E assim a gente vai segurando com a força de Nanã, nossa Mãe, a terra vai ter uma sombra pra abrigar os de minha cor também.

(Entra a música e Sebastiana canta)

João José e Maria / Juntos um tempo ficaram / Mas Quitéria na memória / Mantinha ainda guardado / O amor de Gabriel / Que nunca foi consumado / Ao voltar para a fazenda / Gabriel ela encontrou / E de novo enamorada / O seu amor renovou / Deixando Gonçalo irado / Ferido no seu pudor / Mostra com isso a história / Que quem já sabe o que quer / Luta como esta guerreira / Sem temer o que vier / Foi valente nas trincheiras / E valorosa mulher.

CENA 16

QUITÉRIA E GONÇALO

Quitéria

Não estou lhe pedindo permissão, não, meu pai! Vai ser assim, e pronto! Não se fala mais nisso! João José nem meu marido é, perante a Igreja. *(Aponta para cima)*. Perante Deus! Depois, quem sabe da minha vida sou eu, não tenho que dar satisfação pra ninguém!

Gonçalo

Minha Virgem Santa! Ela ficou assim depois que encontrou o Imperador. Agora pensa que é muito importante, pá! Ela quer é me

matar de desgosto! Não bastou andar no meio da soldadesca, agora quer acabar com o casamento! Que mal fiz eu para ter uma filha assim? Desnaturada, não devia tê-la abençoado!

Quitéria

Eu sempre amei o Gabriel! O senhor sabe disso! E depois, nunca mostrei nenhum papel de casamento, mostrei? Diga, que papel eu mostrei para provar o meu casamento com o João?

Gonçalo

Não seja cínica! Eu acreditei na sua palavra! Não teve casamento! Pior ainda, me mentiu! (*Bota a mão no peito*). Quer me matar de desgosto!

Quitéria

Nada de drama, meu pai! Eu vou me casar novamente, só isso! É só mais um casamento!

Gonçalo

A senhora preste bem atenção no que vou lhe dizer agora. E não vai haver Imperador nem meio Imperador que vá me fazer voltar atrás. A partir deste momento, já que é tão importante para a senhora casar-se com o tal do Gabriel, a partir deste momento, escute bem escutado! não tenho mais uma filha chamada Quitéria! Essa ex-filha não comparte mais meu coração,... e muito menos minha herança! Tenho apenas duas filhas, que fique bem claro! Francisca e Teresa! E elas, com seus maridos, que são muito honrados, vão ficar com as minhas fazendas. A partir desse momento não quero mais vê-la, até morrer! Não quero mais me incomodar por causa de uma maluca. Não sei quem é essa tal de Quitéria! (*Sai, furioso*).

Quitéria

(*Com fúria*). Francisca e Teresa! Eu não tenho família, mesmo! Se é assim que ele quer, pois que seja!

(Entra o elenco mudando o cenário e cantando)

Quitéria então deserdada / Se mudou pra Salvador / Trazendo com ela uma filha / Fruto daquele amor / Vivendo de uma pensão / Dada pelo Imperador / Lutando mais uma vez / Afirmando seus direitos / Que o seu pai lhe tirou / Por durante trinta anos / A justiça procurou / Mas a madrasta Bahia / Indiferente ficou / O amado Gabriel / Cedo um anjo da noite levou / Deixando a nossa Maria / Sem o seu antigo amor / A sua filha era tudo / Que apaziguava sua dor / Guerreira a nossa Maria / Vagava pela cidade / Onde aclamada um dia / Pela sua ousadia / Ajudou aquela terra / A ser de fato Bahia / Em seus delírios dizia...

CENA 17

AH, EU MORRO DE VERGONHA!

(Hélio Pólvora)

Nunca pensei em pisar num palácio. Quitéria, eu disse a mim mesma, foste criada para andar de pés nus e cabelos ao vento. Quitéria, és uma tabaroa. E, no entanto, o que fizeram de mim? Ou melhor, o que a vida fez de mim? Nunca pensei que, ao pegar em armas, ao entrar naquela guerra do Recôncavo, eu acabaria naquela recepção palaciana. O Imperador vai entrar.

É ele, é ele. Altaneiro no porte, com aquelas dragonas douradas, o dólmen justo salientando o peito, a barba negra. A gente conhece logo um Imperador pela barba e, também, pelo jeito direto e franco de olhar. Um olhar sem medo, um olhar dentro dos olhos – olhar de quem tudo ousa, de quem sabe que tudo pode.

Cavalheiro distinto, garboso e galante, o Imperador. Irritou-se com as exigências de seus compatriotas, reunidos num conselho chamado Corte, e, a cavalo, soltou o grito. Foi fácil, no Rio de Janeiro e em São Paulo, porque havia um José Bonifácio, havia outros antigos conspiradores em prol da Independência. Pois D. João VI não havia previsto, não havia aconselhado: “Pedro, algum dia o Brasil se separará de Portugal. Se assim for, põe a coroa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela”.

Entrou o Imperador no salão espelhante, cheio de cadeiras e canapés forrados de veludo verde e vermelho. Um luxo. Faianças, cristais, candelabros, pesados reposteiros. Deve ser bom viver aqui nestes luxos, mas prefiro os meus matos, os campos rasos da minha terra. Estava atordoada, com uma zoeira nos ouvidos, mal entendia o que dizia em discurso o nosso comandante. Ouço palavras soltas: “heroína”, “mulher valente”, “amor à Pátria nascente”.

“Aguenta, Quitéria”, eu digo aos botões da minha túnica. “Tu não és soldado, mulher?” Abro os olhos, o Imperador está diante de mim, curva-se e sorri. Tenho vontade de passar a mão naquela barba negra que parece seda. Mas a minha palma é calosa, com certeza o Imperador retrocederá, assustado – e me prendem. Fecho de novo os olhos. O Imperador me condecora, um sujeito de roupa espalhafatosa lê um papel em que me concedem um soldo para o resto dos meus dias. A Pátria agradece, mas, francamente, eu não pensava em recompensas. Os dedos do Imperador D. Pedro tocam-me a gola, roçam-me o busto. Ah, eu morro de vergonha. Quem diria que eu, Quitéria, donzela criada quase solta pelos campos, com os animais, seria alvo de tantos olhares neste palácio do Campo de São

Cristóvão? As damas de saia arrastando no chão só faltam me comer com os olhos. Tenho o rosto em fogo, as orelhas ardem. Será que vou dar chique em público?

(Quitéria sai, entra o elenco cantando a música final)

A nossa Maria Quitéria / Um dia adormeceu / Povoando as nossas mentes / Com sonhos que eram seus / Deixando com nossa gente / O sonho como semente / Com o coração e a mente / Livre, solto independente / Lutando pelo que é seu / Quem vem lá? Sou eu / Quem vem lá? Sou eu / A cancela bateu / Cavaleiro, sou eu.

(Quitéria volta caracterizada de graneiro e canta com todos)

Sou eu Maria Quitéria / Sou eu apenas Maria / Que como muitas marias / Por mudanças se empenhou / Sou eu João, Zé Ninguém / Na luta de todo dia / Buscando cidadania / Excluindo a exclusão / Afirmando a alegria / Que liberta o coração / Quem vem lá? Sou eu / Quem vem lá? Sou eu / A cancela bateu / Cavaleiro, sou eu / Sou eu das matas gigantes / Tupi, guarani, xavante / Afirmando a todo instante / Nossa identificação / Com todo cidadão / Sou eu do negro da noite / Desgarrado do açoite / Da senzala, do feitor / Da sinhá e do sinhô / Que minha pele marcou / Quem vem lá? Sou eu / Quem vem lá? Sou eu / A cancela bateu / Cavaleiro, sou eu / É o povo brasileiro / Afirmando uma nação / Numa outra independência / Aprendendo a dizer não / Aprendendo a ser gente / Aprendendo a ser irmão.

FIM



Foto 1 – Iami Rebouças e Edvar Passos



Foto 2 – Iami Rebouças e Narcival Rubens



Foto 3 – Iami Rebouças e Carlos Betão



Foto 4 – Juliana Grave e Iami Rebouças



Foto 5 – Edlo Mendes, Narcival Rubens e Carlos Betão



Foto 6 – Elenco do espetáculo *Maria Quitéria*



Foto 7 – Iami Rebouças



Foto 8 – Iami Rebouças

FICHA TÉCNICA

IDA VICENZIA

Texto

DEOLINDO CHECCUCCI

Direção e Adaptação para Musical

HÉLIO PÓLVORA

Textos adicionais

TATO TAVARES

Assistente de Direção

ROBERTO MENDES

Direção Musical

DEOLINDO CHECCUCCI / ROBERTO MENDES

Letras

ROBERTO MENDES

Música

IVETE RAMOS

Coreografia

NETO COSTA

Preparação Vocal

AGAMENON DE ABREU / DEOLINDO CHECCUCCI

Cenário

AGAMENON ABREU / BRUNO MATOS / DALMIRO DE SÃO PEDRO / JÚLIO MAYA /
AGNALDO BARBOSA / NILDES SENA / PEDRO ASSIS

Execução de Cenário e Elementos Cênicos

GIL FONSECA / NOÊMIA ALMEIDA / MARIA LUIZA VEIGA

Adereços

LUCIANO REIS

Iluminação

BRUNO LUNELLI

Operador de Luz

ERI SOUZA / TARCIO PINHEIRO

Contrarregra

DIANA MOREIRA

Figurino

DÉO CARVALHO / O ESTÚDIO

Cabelo / Maquiagem

DORA MOREIRA ATELIER

Costura

RITA MORENO / ROSEMEIRE MARIA

Costureiras

BELMIRO NETO / PAT SIMPLÍCIO

Projeto Gráfico

SAMUEL FREITAS / ARISTIDES ALVES

Fotos

JOÃO SALDANHA

Assessoria de Imprensa

RAIMUNDO FILGUEIRAS

Produção Executiva

CÉLIA DOS HUMILDES

Direção de Produção

CARLOS BETÃO / EDLO MENDES / EDWARD NETO / GUSTAVO CARIBÉ / IAMI REBOUÇAS /
JULIANA GRAVE / MARIA DE SOUZA / NARCIVAL RUBENS

Elenco

GUSTAVO CARIBÉ / LEONARDO CARIBÉ / RAMON CASAES

Músicos



RAUL SEIXAS

A METAMORFOSE AMBULANTE



DE DEOLINDO CHECCUCCI E PLÍNIO SEIXAS

TEATRO ISBA

SEX, SAB E DOM - 20H



ESPETÁCULO COMEMORATIVO AOS 60 ANOS DE RAUL SEIXAS

RAUL SEIXAS, PROFESSOR DA VIDA*

Fui, com um enorme atraso, por conta de uma agenda cada vez mais louca, assistir ao espetáculo *Raul Seixas, a Metamorfose Ambulante*. Com direção do “mago magro” do teatro baiano, Deolindo Checcucci, e texto assinado a quatro mãos por Deolindo e Plínio Seixas (irmão de Raul), confesso a vocês que tomei uma porrada emocional daquelas que deixam qualquer pessoa sensível desmontada no chão, literalmente sem palavras.

Sempre fui “raulzista”. Mesmo ante a extraordinária oferta de caminhos filosófico-musicais nas décadas de 60/70, como bossa nova, música de protesto, tropicalismo etc., a presença de Raul Seixas no cenário cultural brasileiro era um desafio à parte à nossa inteligência.

Escanteado por uma boa fatia do público universitário, que torcia o nariz para o rock, Raul fez uma ponte direta com outro tipo de jovem que se dispunha a ir a lugares mais longínquos do pensamento, e, certamente, se recusa a fazê-lo “caminhando e cantando e seguindo a canção”.

Raul era surpreendente, desconcertante. Ser a “mosca na sopa” do conformismo, a “metamorfose ambulante” que desmontava as opiniões cartesianamente formadas e fossilizadas; soava, aos nossos ouvidos, como uma revolução muito mais profunda do que as propostas de reformas sociais que não mudariam a mente das pessoas. Raul ia além.

Overso que sacudiu minha geração, em 1973, sob a mais densa nuvem de chumbo da ditadura militar, não foi o “vem vamos embora que esperar não é saber”, mas, justamente, “eu tenho uma porção de coisas grandes a conquistar e não posso ficar aí parado”. Esse, sim, me levantou do beliche do quarto de pensão de D. Nicinha, onde eu morava, e me fez ganhar as ruas, com o firme propósito de também sonhar uma sociedade alternativa.

Incluí Raul Seixas no meu programa de aulas do curso de redação dos pré-vestibulares baianos. Era uma aula em que contava um pouco a vida de Raul, sua trajetória, e explicava a década mais dura do regime militar, através da música do “Maluco Beleza”. Digo a vocês: era a aula mais esperada do cursinho, ansiosamente cobrada pelos alunos, desde o primeiro dia do ano letivo. Por causa dessa aula, o programa Fantástico, da Rede Globo, fez um especial comigo, há seis anos, o que me lançou nacionalmente como professor, e a decorrência de tudo isso viria a dar no programa Aprovado!, dos nossos dias.

* Texto publicado no jornal *A Tarde* em 3 de novembro de 2005, no Caderno 10, coluna Tira de Letra. Atualizado pela nova ortografia.

Vocês viram que eu quase não falei da peça teatral sobre Raul. Ela, agora, sai de cartaz em Salvador (mas voltará no próximo ano), e fará um circuito pelo interior do Estado. Pois bem, você, que mora em alguma cidade onde a peça será encenada, não a perca por nada. Tenho certeza de que sua vida jamais será a mesma depois de conhecer a vida, o pensamento e as canções de Raul, nessa competentíssima montagem. Dê esse prêmio à sua sensibilidade e inteligência. Porque o resto... o resto é ouro de tolo!

Jorge Portugal

UM OUTRO RAUL*

Espetáculo teatral e exposição mostram um Raul Seixas na intimidade e contam a trajetória do mais irreverente ícone do rock brasileiro.

Dois irmãos perderam de ano no Colégio São Bento, mas não queriam perder também as férias nem os presentes de Natal. Então não contaram aos pais, receberam todos os méritos e passaram o verão em pura curtição. A farsa acabou quando a mãe foi fazer a matrícula do ano seguinte. Tudo poderia ser somente mais uma molecagem de adolescente se os personagens não fossem Raul Seixas e seu irmão mais novo Plínio.

Essa e outras histórias fazem parte do musical *Raul Seixas – A metamorfose ambulante*, que conta um pouco sobre a vida e a obra do cantor e compositor baiano. A peça dirigida por Deolindo Checcucci, com texto assinado pelo diretor em parceria com o irmão e companheiro de traquinagens de Raul, Plínio Seixas, estreia (para convidados) dia 28, data do 60º aniversário do artista, morto em 1989. A peça entra em cartaz, de sexta a domingo, no Teatro do Instituto Social da Bahia (Isba), em Ondina, a partir de 1º de julho.

Pontuado pelas canções do roqueiro, o espetáculo teatral apresenta a trajetória de Raul, desde a infância na Bahia, a convivência com a família e os amigos, até a mudança para o Rio de Janeiro, onde se profissionalizou e criou uma carreira de sucesso. Outros aspectos da vida pessoal, como os casamentos, os problemas com a bebida, mostram “um outro Raul Seixas, diferente do que o público se acostumou a ver normalmente retratado pela grande mídia. É Raul por trás do mito, ou melhor, antes de ser até se tornar o mito”, afirma Checcucci.

* Texto publicado no jornal *A Tarde* de 22 de junho de 2005, no Caderno 2. Atualizado pela nova ortografia.

Para o diretor, esse é um Raul completo, como nunca se viu antes, numa narrativa que perpassa parte expressiva de sua existência. “Mas do que ser uma biografia previsível, a intenção foi de mostrar esse outro Raul, humanizado, não o mito. Com toda a sua realidade hostil que lhe foi imposta e que desde a infância ele lutou contra. Foi uma vida marcada pela necessidade de contestar de forma criativa, lúdica e irreverente. Tudo isso com muito humor e poesia”, adianta.

PROCESSO – A intenção de fazer um espetáculo sobre Raul já existia na mente de Deolindo Checucci, mas só foi posta em prática quando Plínio assistiu ao premiado musical *O Voo da Asa Branca*, sobre a vida de Luiz Gonzaga (também dirigido por Deolindo), e se inspirou. “Assisti ao musical e fiquei muito impressionado com aquele trabalho. Foi um estímulo para desenvolver a peça, pois vi em Deolindo uma pessoa capaz de fazer um espetáculo à altura de Raul”, conta Plínio.

Foi então que os dois resolveram mostrar na peça aspectos da vida de Raul que influenciaram a obra musical, desde a infância e adolescência, nos anos 50 e 60. “O resultado *pra* mim é maravilhoso. Me ver no palco e reviver os momentos com Raul, meu pai e minha mãe me emocionou muito nos primeiros ensaios. Não me sinto mais como o fim de uma geração e sei que mais pessoas poderão se emocionar ao descobrir um pouco mais do que foi o Raul”, espera.

Plínio participou ativamente do processo de construção do texto e das pesquisas, com materiais raros em poder do irmão caçula, livros, reportagens, além de raras e inéditas imagens em vídeos e filmes super-8, do acervo da família. “Tinha muito material que ninguém nunca viu e por isso vamos poder mostrar as suas diferentes facetas. Esse era um dever de a Bahia homenagear Raul por tudo o que ele disse e fez. Sua obra é cada vez mais atual”, completou.

A peça fica em cartaz por quatro meses e depois sai em temporada pelo interior do Estado. A intenção é levá-la ano que vem para outros centros, como Sul e Sudeste. Além do musical, o projeto inclui outro evento para marcar a passagem dos 60 anos de Raul. A mostra *Expo Raul (Bahia)* vai exibir ao público fotos, documentos, objetos pessoais, discos de ouro e outras peças que pertenceram ao cantor ou têm ligação direta com a sua vida e carreira artística. A exposição ficará em cartaz na Alameda Newton Rique, no 2º piso do Shopping Iguatemi, com acesso gratuito, até 6 de julho.

ESPETÁCULO – Ao todo foram 70 profissionais envolvidos na produção. A peça traz ainda outras novidades como a assistência de direção de Gideon Rosa, atual vencedor do *Prêmio Braskem de Teatro* (Melhor Ator), além da direção de coreografia de João Perene e direção musical de Tadeu Mascarenhas. Quem dá vida a Raul é o ator Nelito Reis (*Das*

e *Vidas e Amores Bárbaros*), que recebeu elogios antes mesmo da estreia, tanto pela caracterização física, como pela maneira que encarnou o personagem.

“É o papel da minha vida. Mas digo isso pela identificação que eu sempre tive com Raul e a influência que ele teve na minha adolescência. Minhas roupas, meu jeito, tudo era semelhante. Quando soube da produção liguei imediatamente *pro* Deolindo e já fui dizendo, ‘meu nego, soube que você vai fazer um espetáculo sobre a minha vida’. Eu sempre quis ser como ele e, de repente, me vejo interpretando seu papel. Como ator é incrível, como fã é ainda mais”, comemorou Nelito, que encara a sua terceira peça.

Além dele, o elenco reúne nomes jovens como o de Uirá Iracema (*Bodas de Sangue* – peça vencedora do Prêmio Shell – *Grease* e *Perdidas*), que faz Kika Seixas, Edvard Neto (que faz Plínio), André Tavares, Karla Ralin, Adriana Mandy, Bruno Neves, Mônica Gedione e Pedro Henriques. Mas também conta com a experiência do premiado Narcival Rubens.

Tanto para Edvard quanto para Uirá, a facilidade é também a maior dificuldade na hora de encenar um personagem que existe, está vivo e estará assistindo ao espetáculo. “Eu tive a felicidade de poder contar com o Plínio na hora de compor, mas existe a preocupação de mostrá-lo, pois de certa maneira é uma outra forma de ver e de contar a sua vida, e o cara vai estar lá na plateia. É um desafio”, explicou Edvard.

Uirá garante que o frio na barriga será grande, pois ficou sabendo que Kika estará no dia da estreia. “Ela mora no Rio. Então, diferente do Edvard, eu não tive essa troca com Kika. É ao mesmo tempo bom e ruim, mas também é um desafio maravilhoso e gostoso. Estou morrendo de medo, mas curiosa *pra* saber a opinião dela”, disse.

Marcos Casé

Raul Seixas

Musical em um ato de
Deolindo Checcucci e Plínio Seixas

PERSONAGENS

Ator Narrador

Raul Seixas

Plínio Seixas

D. Maria Eugênia

Seu Raul

Dom Norberto

Edith

Aluno 1

Aluno 2

Aluno Padre

Aluna

Aluna Sra.

D. Angelina

Diretor

Intelectual

Operário

Estudante 1

Estudante 2

Policial 1

Policial 2

Policial 3

Senhora

Sérgio Sampaio

Miriam Batucada

Edy Star

Evandro

Glória

Representante da Embaixada

Kika
Marcelo Nova

CENOGRAFIA

A cenografia é constituída de telões para projeção das imagens referenciais aos temas e situações abordados e praticáveis, que serão utilizados pelos atores para criarem os ambientes indicados no texto. Objetos e adereços complementam os diferentes espaços onde a ação acontece.

CENA I

(O espetáculo começa com o grupo de atores cantando “Sociedade Alternativa”, de Raul Seixas e Paulo Coelho)

*Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! / Viva! Viva! / Viva! / Viva a sociedade alternativa! /
Viva o novo Aeon! / Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! / Viva! Viva! Viva! / Viva! Viva! /
Viva a sociedade alternativa! / Se eu quero e você quer, / Tomar banho de chapéu / Ou esperar
Papai Noel / Ou discutir Carlos Gardel / Então vá / Faze o que tu queres / Pois é tudo / da lei /
Da lei / Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! // Faze o que tu queres há de ser tudo da lei
/ Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! / Todo homem e toda mulher é uma estrela / Viva!
Viva! / Viva a sociedade alternativa! / Viva! Viva! / Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa!
/ Mas, se eu quero e você quer / Tomar banho de chapéu / Ou discutir Carlos Gardel / Ou
esperar Papai Noel / Então vá / Faze o que tu queres, pois é tudo da lei, da lei / Viva! Viva! /
Viva a sociedade alternativa! / O número 666 chama-se Aleister Crowley / Viva! Viva! / Viva
a sociedade alternativa! / Faze o que tu queres há de ser tudo da lei / Viva! Viva! / Viva a
sociedade alternativa! / A lei de Thelema / Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! / A lei do
forte / Esta é a nossa lei e alegria do mundo / Viva! Viva! Viva! / Viva o novo Aeon!*

(Após o canto, os atores emitem opiniões sobre Raul Seixas)

Ator Narrador

Era um desajustado!

Ator Narrador

Um rebelde sem causa!

Ator Narrador

Um gênio! O que ele disse é eterno!

Ator Narrador

Um alcoólatra!

Ator Narrador

Um místico sem convicção!

Ator Narrador

A ambiguidade em pessoa!

Ator Narrador

Irreverente e irônico em suas músicas!

Ator Narrador

Louco, foi de extrema lucidez na sua forma de ver o mundo e maneira de viver!

Ator Narrador

Conseguiu fazer uma música inteligente, inovadora e ao mesmo tempo popular!

Ator Narrador

Foi sincero no que disse em suas músicas, e o público gostava de ver sua realidade sendo interpretada!

Ator Narrador

Um anarquista. Isso é o que ele foi!

Ator Narrador

Romântico, sonhador, isso sim!

CENA II

(À medida que expressam suas opiniões, vão saindo. Entra o ator que interpreta Raul Seixas e fala na primeira pessoa)

Raul

Eu, Raul Seixas, nasci em 28 de junho de 1945, na Av. Sete de Setembro, nº 108, no coração da cidade de Salvador. Sou um predestinado. Vim ao mundo com a bomba atômica. O que sempre me preocupou mesmo foram os problemas da vida e da morte, o problema do homem, de

onde vim, para onde vou, o que é que eu vim fazer aqui. Não gostava de ir a escola, o que eu queria de verdade era ser escritor. Desde pequeno, eu fazia e vendia livros para Plininho, meu único irmão, quatro anos mais moço que eu (*Quarto de Raul e Plínio*). Tinha um personagem, "MÊLO". Usava guarda-pó branco e calça preta. Através dele fazíamos viagens maravilhosas até o fim do mundo, onde tudo acaba e tudo começa de novo.

Raul

Plininho, vamos brincar?

Plínio

Vamos. Aonde a gente vai?

Raul

Mêlo criou uma máquina nova que fura o chão e nós vamos ao centro da Terra. Eu sou John e você é Clark. (*Os dois sentam na cama, um do lado do outro, e dobram o colchão ao meio, por cima das pernas. Seguram na barra do colchão e a cama vira a máquina que leva os dois ao centro da Terra*).

Raul

Ligue a máquina, Clark.

Plínio

Se segure John, força. A máquina está trepidando!

Raul

Tótótótó, estamos passando pelas pedras que vão dar no túnel.

Plínio

Olhe o buraco negro, cuidado com a poeira de terra que cai.

Raul

Está esquentando demais. Estamos passando perto do cone de um vulcão.

Plínio

Ligue o dispositivo resfriador que Mêlo criou.

Raul

Clique-claque, já vai melhorar.

Plínio

Estou com frio, a máquina está gelando demais.

Raul

Aumente a temperatura. Mas cuidado, não eleve demais. Estamos entrando num espaço vazio. É o nada. Abra as asas, vamos voar.

Plínio

OK John, estamos voaaaaando!

Raul

Mas o que é isso? Pousamos num líquido que não é água! É visguento!

Plínio

Parece gás!

Raul

É o espaço Vírgula X

Plínio

Será que é um planeta dentro do nosso planeta?

Raul

Vamos consultar o Mêlo. Isso pode explodir dentro do nosso planeta e criar outro. *(Nesse instante, ouve-se a voz de D. Maria Eugênia).*

D. Maria Eugênia

Raulzito, Plininho, está na mesa. Seu pai chegou, venham almoçar.

Raul e Plínio

Que merda! já vamos, minha mãe. É sempre assim. Ela nunca nos deixa em paz.

(Plínio e Raul, adultos, conversam)**Plínio**

(Como um adulto que evoca uma lembrança de infância). A gente fazia de tudo para não entrar numa sala de aula: passava a manhã escondido no prédio da escola ou nas árvores... Você se lembra, Itinho, daquele dia que a gente se escondeu atrás do altar da Igreja de São Bento? Nós ficamos uma missa inteirinha imóveis, abaixados atrás dos santos, com a igreja cheia de gente!

Raul

E naquele ano, Plininho, que minha mãe levou a gente para a matrícula no Colégio São Bento? Porra, aquela foi de lenhar, não foi? A gente roubou as cadernetas, falsificou a assinatura de minha mãe e a bomba só estourou no final do ano, e a surra, lembra? *(Riem)*

CENA III

D. Maria Eugênia

(Entrando) E então trouxeram os boletins?

(Plínio e Raul se olham e dizem)

Raul

Claro mamãe. Está aqui.

Plínio

Aqui está o meu. *(Entregam os boletins. D. Maria Eugênia abre com certo receio. Eles se olham, enquanto ela lê os boletins. Aos poucos ela vai abrindo um sorriso de satisfação).*

D. Maria Eugênia

Meu filhos, vocês estão indo muito bem! Parabéns! Raul vai ficar orgulhoso de vocês!

Raul

Estamos nos esforçando!

Plínio

É, estamos estudando muito para passar de ano!

D. Maria Eugênia

Muito bem! Muito bem! Vou mostrar a seu pai!

(Ela sai)

Plínio

Jura da carteira nova!

Raul

Jura da carteira nova! Plininho, eu estou com medo, aliás, eu estou apavorado com o que possa acontecer com a gente.

Plínio

Ô! Meu irmão! O que a gente fez foi muito grave mesmo. Será que minha mãe vai dar uma surra na gente? E meu pai quando souber, o que ele vai fazer?

Raul

Minha mãe já saiu pra matricular a gente na escola. É hoje que ela vai descobrir tudo. Vamos pra o quarto esperar pra ver o que vai acontecer.

Plínio

Ela vai chegar puta da vida. Vai dar uma surra daquelas!

(Entra D. Maria Eugênia, cabisbaixa, triste e chorosa e vai direto para o quarto)

Raul

Ela já voltou e nem procurou a gente! Foi direto pra o quarto. Está chorando, aos prantos!

Plínio

Não vamos sair daqui. Vamos ver o que ela vai fazer.

(Entra em cena seu Raul e encontra D. Maria Eugênia aos prantos)

Seu Raul

(Dirigindo-se a D. Maria Eugênia) Mas o que está acontecendo? Por que este choro todo? *(Abraça ela)*.

D. Maria Eugênia

Precisamos ter uma longa conversa sobre Raulzito e Plininho.

Seu Raul

Tem que ser hoje? Saí tarde do trabalho, estou cansado para assuntos domésticos.

D. Maria Eugênia

Precisamos falar sobre a educação dos nossos filhos. Hoje! Agora!

Seu Raul

Fizemos um acordo e ficou decidido que a educação dos nossos filhos é com você.

D. Maria Eugênia

Eu não estou dando conta! Os dois perderam o ano, Raul. Mentiram para nós o tempo inteiro. Trouxeram falsas cadernetas. As notas que nós vimos eram todas falsas e o pior falsificaram também a minha assinatura. Estelionatários. Ai meu Deus, eles são estelionatários!

Seu Raul

Dá pra eu tomar um banho? Estou exausto! Depois continuamos a conversa.

D. Maria Eugênia

(Revoltada). Esses meninos estão assim porque não tem homem nessa casa, Raul! *(Seu Raul sai para o banho, e D. Maria Eugênia fica na porta gritando)*.

D. Maria Eugênia

Tome uma providência Raul, você tem que dar uma surra nesses meninos, que é para eles tomarem consciência do que fizeram. Isso não pode ficar assim.

Seu Raul

(Seu Raul retorna e diz para ela). Tá bom, fique aqui que eu vou resolver o problema definitivamente.

(Dona Maria Eugênia continua chorando. Raul e Plínio conversam)

Raul

A gente tem que se proteger. Parece que a surra vai ser pior do que imaginávamos.

Plínio

(Complementando) Sempre quem bate na gente é minha mãe, e a mão de meu pai deve ser bem mais pesada, não é?

Raul

Vamos vestir todas as nossas roupas para ficarmos bem acolchoados, vamos, rápido!

(Pegam as roupas enquanto falam. Vestem em torno de cinco pijamas, mais umas seis camisas e um paletó)

Raul

Vamos deitar na nossa cama e nos cobrirmos com uma colcha de pique que é pra ele não ver como a gente está.

Plínio

Fique quieto, Itinho, ele está entrando no quarto e está com o cinturão na mão.

(Seu Raul entra grita)

Seu Raul

Todos dois de pé, seus moleques, que agora vocês vão apanhar de verdade.

(Os dois se levantam. Parecem dois astronautas. Seu Raul começa a rir baixinho sem conseguir disfarçar)

Seu Raul

(Baixo e em cumplicidade com Raul e Plínio) Agora vocês gritam, viu, gritem! Gritem! *(Gritando para D. Maria Eugênia ouvir).* Vocês vão conhecer o peso do meu cinturão! Moleques! Mentirosos!

(Seu Raul pega seu cinturão e começa a bater numa cadeira de madeira que fica entre as camas de Raul e Plínio)

Seu Raul

Toma seus porras, vocês merecem!

Raul

(Gritando). Uai, Uai, meu pai, não bata mais não, que está doendo!

Plínio

(Gritando). Uai, Uai, meu pai, assim eu vou morrer!

(A falsa surra se prolonga por algum tempo. Tempo suficiente para D. Maria Eugênia ficar preocupada. Até que não aguentando mais o sofrimento dos meninos diz)

D. Maria Eugênia

(Apavorada). Para Raul, já chega, assim também já é demais, assim você mata esses meninos!

Seu Raul

Você não mandou mulher? Agora aguente! Você não disse que o problema era porque nessa casa não tinha homem?

D. Maria Eugênia

Mas já bateu muito, já basta, por favor, pare!

Raul

Nós adoramos a farra. Não parávamos de gritar.

Plínio

É, Raulzito, mas no final, a gente se lenhou mesmo. Minha mãe lhe colocou interno no Colégio Maristas e me matriculou naquela escola macabra da Cidade Baixa.

(Entram acordes da música "Maluco Beleza", de Raul Seixas e Cláudio Roberto. Raul canta a música "Maluco Beleza")

Enquanto você se esforça pra ser / Um sujeito normal / E fazer tudo igual / Eu do meu lado aprendendo a ser louco / Um maluco total / Na loucura real / Controlando a minha maluquez / Misturado com minha lucidez / Vou ficar / Ficar com certeza / Maluco beleza / Este caminho que eu mesmo escolhi / É tão fácil seguir / Por não ter onde ir / Controlando a minha maluquez / Misturado com minha lucidez / Vou ficar / Ficar com certeza / Maluco beleza / Eu vou ficar...

CENA IV

(Após cantar, a luz apaga em Raul e acende em seu Raul, que lê um trecho de D. Quixote, de Cervantes, enquanto Raul ouve)

Seu Raul

(Narrando). Seguiam Dom Quixote e Sancho Pança pela estrada a fora quando avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento. Assim que Dom Quixote os viu, disse para seu escudeiro:

Nossas aventuras estão começando muito bem, meu amigo! Está vendo ali, Sancho, aqueles trinta e tantos gigantes desaforados? Pois vou desafiá-los para uma batalha! Esta é uma boa guerra, pois faz um serviço a Deus quem tira essa raça má da face da terra.

Que gigantes? Disse Sancho Pança. Aqueles que você está vendo ali, de braços tão compridos que parecem ter léguas. Vosmicê repare bem que aquilo não são gigantes. São moinhos de vento.

Bem se vê que você não entende nada de aventuras. São gigantes sim. E se você está com medo, fique aí rezando, enquanto eu entro em terrível batalha com todos eles. Dizendo isto, Dom Quixote meteu as esporas no cavalo Rocinante sem atender aos gritos do escudeiro. Tão certo ele ia de que eram gigantes, que se pôs a gritar: Não fujais, criaturas covardes! Quem vos ataca é um só cavaleiro!

Mas neste momento soprou um pouco de vento e as velas dos moinhos começaram a girar. Vendo isto, Dom Quixote disse:

Podeis mexer mais braços do que o gigante Briareu, que eu hei de derrotá-los! Encomendou o coração à sua senhora Dulcinéia e, com a lança em riste, lançou-se a todo galope contra o primeiro moinho à sua frente.

O vento girou a vela com tanta fúria que fez a lança em pedaços, derrubando cavalo e cavaleiro, que saíram rodando pelo campo afora. Acudiu-lhe Sancho Pança, e, ao socorrê-lo, viu que o tombo fora tão feio que seu amo não podia se mexer.

Valha-me Deus! Eu não disse a vosmicê que eram moinhos de vento?

Cala a boca, amigo Sancho – respondeu Dom Quixote. O que aconteceu é que aquele feiticeiro que me persegue transformou os gigantes em moinhos, só para me roubar a glória desta batalha. Mas outras lutas virão e o seu malefício não terá poder contra a bondade da minha espada!

Raul

Ele era um sonhador!

Raul

Eu acho que eu me pareço com ele, pai.

Seu Raul

Ê. Eu acho que todos nós temos um pouco de D. Quixote.

Raul

Pai, eu gosto muito mais das coisas que eu aprendo com o senhor do que as que a escola ensina. Pra falar a verdade, na escola eu não aprendo é nada!

Seu Raul

Mas é preciso estudar. Quando você for adulto, você vai descobrir o valor de tudo o que a escola ensina.

Raul

O que é que interessa saber o nome do órgão reprodutor das plantas? Eu gosto é de sonhar, imaginar!

Seu Raul

É bom sonhar, soltar a imaginação, mas com o pé no chão. Bem, aproveite que é hora de dormir e tenha bons sonhos.

Raul

Obrigado pai, boa-noite.

Seu Raul

Boa-noite.

(Seu Raul sorri e sai)

CENA V

Raul

(Dirigindo-se à plateia). Não adiantou o internamento no Colégio dos Maristas. Quando os padres botavam os meninos pra dormir, lá pelas 10 da noite, eu subia pra torre do colégio com uma lanterna e fazia sinal pra Plíninho.

(Ele sobe num ponto alto do palco e acende uma lanterna)

Plínio

Eu, do apartamento onde morávamos, no Canela, podia perceber a luz e respondia a Raulzito com outra lanterna *(Jogo dos dois fazendo sinais com as lanternas)*.

Raul

Plininho, corta logo essa cerca! *(Enquanto Raul fala, Plínio faz a mímica de cortar a cerca de arame com um alicate. Depois, Raul passa pelo buraco da cerca e pergunta).* Trouxe o dinheiro do ingresso? Hoje nós vamos assistir "Ama-me com Ternura", no Cine Glória.

Plínio

Trouxe. É filme de Elvis Presley?

Raul

É. E sei que é bacana.

Plínio

Vamos lá. *(Na tela é projetado um trecho do filme "Ama-me com Ternura", onde Elvis Presley canta "Love me tender". Ao terminar a cena Raul fala):*

Raul

Perdi a segunda série por mais três anos. Eu e Plininho filávamos aula para assistir aos filmes de juventude. Nossos heróis eram: James Dean, Marlon Brando, Elvis Presley... Vi "O Prisioneiro do Rock" vinte e oito vezes. Quando assisti "Balanço das Horas", eu e a turma fizemos a maior bagunça no cinema.

O rock era muito mais do que uma música, uma dança. Era todo um comportamento. Um jeito novo de ser, de olhar o mundo. Eu era o próprio rock, o Tedd Boy da esquina.

(Raul canta a música “Let Me Sing, Let Me Sing” de Edith Nadine Wisner / Raul Seixas. Os atores dançam com roupas típicas dos anos 50. Na tela são projetadas imagens de James Dean, Marlon Brando, Elvis Presley, Martha Rocha, Marilyn Monroe, Gonzagão, Pat Bone, Rick Nelson, Paul Anka, Bill Halley e outros personalidades da época)

A-wa bop a loom map lop bang boom! / Let me sing, let me sing / Let me sing my Rock and Roll / Let me sing, let me swing / Let me sing my Blues and go / Não vim aqui tratar dos seus problemas / O seu Messias ainda não chegou / Eu vim rever a moça de Ipanema / E vim dizer que o sonho / O sonho terminou / So, let me sing... / Tenho 48 kilo certo / 48 kilo de baião / Num vou cantar como a cigarra canta / Mas desse meu canto eu não lhe abro mão / So let me sing... / Não quero ser o dono da verdade / Pois a verdade não tem dono não / Se o V de verde é o verde da verdade / Dois e dois são cinco, né mais quatro não / So let me sing... / Num vim aqui querendo provar nada / Num tenho nada pra dizer também / Só vim curtir meu rockzinho antigo / Que num tem perigo de assustar ninguém / So, let me sing... / A-wa bop a loom map lop bang boom!

(Ao terminar a dança, Raul fala)

Raul

Vivíamos de uma rebeldia crua, me instigando a contestação presa e lacrada dentro do peito, sem a consciência exata do que fazíamos. Elvis Presley era tão importante para mim, que eu e um amigo, Valdir Serrão, fundamos o Elvis Rock Club. Luiz Gonzaga também foi outro compositor que me influenciou. O baião tinha a mesma ginga do rock. O mesmo tom safado, irônico. E entre uma festa e outra, eu conheci Edith (De fundo a música Blue Moon)

CENA VI

(Raul aproximando-se de Edith que come um hambúrguer)

Raul

Hi!

Edith

Hi!

Raul

Meu nome é Raul e o seu?

Edith

Edith Wisner.

Raul

Americana? No?

Edith

Yes. Mas pode falar em português, que entendo bem. Quer um pedaço?

(Oferece o hambúrguer a Raul)

Raul

Aceito. *(Morde o hambúrguer e diz)*. O hambúrguer tá muito gostoso. Mas o seu sotaque é melhor ainda.

Edith

Você acha?

Raul

Adoro um sotaque estrangeiro!

Edith

Eu gosto do sotaque de vocês, baianos. Parece que cantam quando falam.

Raul

Gosta de música?

Edith

Muito! Gosta da música que está tocando?

Raul

Cely Campelo é muito açucarada pra meu gosto.

Edith

Ah, eu gosto. Gosto daquela... Como é mesmo? Ah! Banho de Lua.

Raul

(Cantarolando) Tomo banho de lua / numa noite de esplendor / sinto a força da magia / da magia do amor.

Edith

Você canta bem!

Raul

Obrigado! Você gosta do Elvis Presley?

Edith

Adoro!

Raul

Eu também! Adoro rock, Little Richard, Fats Domino, Chuck Berry, Didley, Jerry Lee Lewis, Elvis Presley.

Edith

Fala inglês?

Raul

Aprendi ouvindo eles cantarem. É bem verdade que minha mãe também deu uma ajuda. Ela é professora de inglês.

Edith

Ah, que bom! Meu pai é pastor protestante. Ele não gosta de rock. Acha obsceno!

Raul

Eu acho tão sensual! É o contrário do mundo em família.

Edith

Seu jeito de se vestir e se pentear lembra Elvis!

Raul

Eu me amarro nele! Sou sócio do Elvis Rock Club.

Edith

Um clube de rock?

Raul

É. Você não quer conhecer?

Edith

Pode ser. O que é que você gosta no Elvis?

Raul

A maneira como ele canta, com o corpo todo, olhando fundo! E dizendo umas coisas que fazem a gente pensar!

Edith

Você já ouviu King Creole?

Raul

Claro! Tem uma faixa em que ele diz: "Não vamos parar de tocar até que a guitarra quebre." E outras coisas mais como: Vamos brincar de papai e mamãe? Eu quero passar a noite com você! A nossa turma está sempre dizendo isso para as garotas!

Edith

(Rindo). Você é um baiano bem diferente. O pessoal daqui gosta mais de samba, Carnaval.

Raul

Eu também gosto de samba, mas odeio Carnaval. Eu me ligo mesmo é no rock. Eu até tenho um grupo de rock com dois amigos, Delso e Tildo Gama, chamado Os Relâmpagos do Rock.

Edith

Que legal! Mas você só toca rock? E a bossa nova?

Raul

A bossa nova é muito devagar pra mim. *(Imita o ritmo da bossa nova)*
Tá, tá, tá. Eu gosto de rock, que é mais forte, mais agressivo, mais provocante! Mexe com as pessoas! Grita contra essas coisas que estão acontecendo no mundo.

Edith

O papai está chamando *(Olhando em volta)* tenho que ir.

Raul

A gente se vê?

Edith

Pode ser. Aonde?

Raul

No Consulado Americano. Eu moro perto. Estou sempre lá. Tenho uns amigos americanos que sempre me emprestam um 78 rotações para ouvir. Foi assim que aprendi inglês, ouvindo os discos e conversando com eles.

Edith

Então amanhã, às 4, no Consulado!

Raul

Ok girl! I'll be there. Combinado.

(Edith sai, Raul se dirige à plateia)

Raul

Os encontros com Edith aconteciam com frequência, apesar do pai dela ser contra. Bom, ele não queria a filha de namoro com um vagabundo, um roqueiro que não queria nada com os estudos. Ele queria sim, um jovem instruído. Em 1964, com 19 anos, larguei de vez a escola e me tornei um autodidata.

CENA VII

(A luz sai de Raul e acende em D. Maria Eugênia e seu Raul. Ela e ele leem o jornal)

D. Maria Eugênia

(Dirigindo-se a ele) O que você acha da renúncia do Jango? Os militares vão governar o País?

Seu Raul

As oligarquias nacionais, apoiadas pelo capital internacional, não querem mudanças, e o País precisa rever sua Constituição.

D. Maria Eugênia

Você parece até que apoia o comunismo! Cuidado, hein?..

Seu Raul

Não é nada disso, Eugênia. Querem dividir o mundo em dois: capitalista e comunista. Qualquer ditadura é péssima.

D. Maria Eugênia

É verdade, Raul. Mas eu tenho medo do que possa acontecer no Brasil, com toda essa agitação.

Seu Raul

É. É de assustar mesmo. Pode acontecer uma guerra civil. Nosso sobrinho, José Walter está se expondo muito. Ele vive lendo O CAPITAL, de Karl Marx e outros autores ditos comunistas.

D. Maria Eugênia

O pior é que acho que Zé Walter faz tudo isso por revolta.

Seu Raul

Ainda bem que os nossos não estão metidos nisso.

D. Maria Eugênia

Raulzito anda conversando muito com ele. Aprendendo muita coisa. Acho bom você alertar Raulzito para o perigo que ele está correndo.

Seu Raul

Eu vou ter uma conversa com ele. Eu não gosto também de ver Raulzito e Plininho envolvidos com música. Não tem futuro!

CENA VIII

(Edith entra. Ela está tensa e triste. Ouve-se ao fundo a música “Love me tender”)

Edith

Raul, precisamos conversar. Papai não quer que eu te encontre mais.

Raul

Por quê?

Edith

Você sabe, ele é protestante! Acha o rock uma coisa do mal.

Raul

Ele te proibiu de me ver?

Edith

Proibiu sim. Ele tem medo de tudo que vem acontecendo no Brasil. Ele acha que você está envolvido com algum grupo de esquerda.

Raul

O meu compromisso é com a liberdade de ser e o meu envolvimento é com o rock. Essa é a minha arma contra qualquer abuso.

Edith

E tem mais, vai me mandar para Tenesse, nos Estados Unidos. Quer que eu continue meus estudos lá.

Raul

Então, ele quer mesmo nos separar?

Edith

É. Já está tudo certo. Eu viajo dentro de uma semana.

Raul

Eu vou fazer o supletivo e o vestibular para Direito.

Edith

Faça isto, Raul. Quem sabe, assim ele te aceita?

Raul

A gente fica se correspondendo.

Edith

Claro! Uma carta por dia.

CENA IX

(A luz morre em Raul, e acende em seu Raul Varela, que está tocando acordeon. Raul entrando)

Raul

Tudo bem, pai?

Seu Raul

Tudo bem! Fiquei muito satisfeito com sua decisão de fazer o supletivo.

Raul

Fiz por amor, pai. Eu quero minha companheira Edith.

Seu Raul

Quando é que ela volta?

Raul

Daqui há um mês.

Seu Raul

Você está pronto para prestar o vestibular?

Raul

Creio que sim.

Seu Raul

Eu e sua mãe estamos torcendo por você.

Raul

Obrigado, pai.

Seu Raul

Só tem uma coisa que quero lhe pedir. Evite andar em grupos, expor suas ideias em público. Os livros de Zé Walter já estão debaixo da nossa cama. Ele está sendo procurado. Você sabe, os militares tomaram o poder e muita gente tem sido presa, espancada, torturada. Você precisa se proteger.

Raul

Pai, eu tenho vontade própria, eu não concordo com o que estão fazendo. Acho tudo um abuso. As pessoas têm o direito de sentir, pensar e querer de forma diferente umas das outras. É preciso despertar nas pessoas esta consciência de que cada um é seu guia. Homem só é homem quando se refaz a cada passo. No momento que

eu respeito a mim mesmo, eu aprendo a respeitar o outro. Estou fora de todos os “ismos” existentes ou que venham a existir.

Seu Raul

Eu concordo com você. Mas o momento requer cuidados.

Raul

Não se preocupe. Eu sei me cuidar. O Universo é bem mais pleno, bem mais completo do que esta merda toda que está aí. E o meu caminho está acima de tudo isso.

Seu Raul

Está bem. Boa sorte! Mas não diga que não te avisei. Tenho que sair. Vou buscar sua mãe.

(Ele vai saindo, Raul fala)

CENA X

(Ao terminar a música, ele fala)

Raul

Queimei as pestanas! Fiz vestibular pra Direito e passei. Cheguei para o reverendo pastor George, pai de Edith, e disse: viu como é fácil ser burro? Edith voltou e nos casamos.

(Ouve-se ao fundo, a música, Love me tender)

Raul

Comecei a estudar Direito. Dava aulas de inglês, também, para garantir a sobrevivência. Certo dia, resolvi fazer uma aula diferente.

(A luz apaga em Raul e acende nos atores alunos, em uma sala de aula. Ele entra e cumprimenta a todos)

Raul

Good morning, class!

Alunos

Good morning, teacher!

Raul

Hoje teremos uma aula diferente! Uma aula de liberdade!

Aluno 1

Como assim, professor?

Raul

Cada um vai fazer o que quer.

Aluno 2

Qualquer coisa?

Raul

Qualquer coisa.

Aluna

Posso pintar?

Raul

Claro! *(Ela pega o batom e começa a desenhar nas paredes da sala. Um aluno tira uma gaita e começa a tocar "Blowing in the Wind", de Bob Dylan).*

Aluna Sr^a

Professor, eu quero tirar minha roupa e ficar nua em pelo! *(Ela vai tirando a roupa e diz)* O clima da Bahia não comporta essa rouparia toda. Alguém espalhou um boato que o corpo humano, que a natureza fez igual para todos, era pecado e ninguém podia ver. Podem me ver à vontade!

(Sai se mostrando a todo mundo)

Aluno / Padre

Eu, padre José, aqui confesso sem enganos que ninguém é pecador. De hoje em diante vou ser um mercenário procurando mundo afora o inventor-impostor que inventou o pecado.

D. Angelina

Posso soltar? *(diz mostrando uma bomba).*

Raul

Claro que pode. *(Ela solta a bomba. Os alunos mais tímidos correm. Entra na sala o diretor).*

Diretor

O que é que está acontecendo? O senhor enlouqueceu?

Raul

Não Dr. Luis Antônio. Eu só estou usando uma didática diferente!

Diretor

Pois então vá aplicar sua didática longe daqui. O senhor e seus alunos estão expulsos desta instituição. *(Saem todos, exceto Raul que fala).*

Raul

Larguei tudo para cantar meu rock. Retomei o meu grupo que passou a se chamar "RAULZITO E SEUS PANTERAS". Faziam parte dele: Mariano, Carlos Eládio, Carleba e eu.

(Entram os acordes da música "Rockixe", de Raul Seixas e Paulo Coelho. Raul canta junto ao que dança e faz coro)

Vê se me entende olha o meu sapato novo / Minha calça colorida o meu novo Way Of Life / Eu tô tão lindo porém bem mais perigoso / Aprendi a ficar quieto e começar tudo de novo / O que eu quero, eu vou conseguir / O que eu quero, eu vou conseguir / Pois quando eu quero todos querem / E quando eu quero todo mundo pede mais (e pede bis) / Eu tinha medo do seu medo do que eu faço / Medo de cair no laço que você me preparou / Eu tinha medo de ter que dormir mais cedo / Numa cama que eu não gosto, só porque você mandou / Você é forte mas eu sou muito mais lindo / O meu cinto cintilante, a minha bota e o meu boné / Não tenho pressa, tenho muita paciência / É na esquina da falência que eu te pego pelo pé / Olha o meu charme, minha túnica, meu terno / Eu sou o anjo do inferno que chegou pra lhe buscar / Eu vim de longe, vim duma metamorfose / Numa nuvem de poeira que pintou pra lhe pegar / Você é forte, faz o que deseja e quer / Mas se assusta com o que eu faço, isso eu já posso ver / E foi com isso, justamente, que eu vi / Maravilhoso, aprendi que eu sou mais forte que você.

(Terminado a música, Raul fala)

Raul

RAULZITO E SEUS PANTERAS animou muita festa em Salvador em várias cidades do interior baiano. Começava a acontecer no Rio a Jovem Guarda. Certa feita, Jerry Adriani convidou a gente para ir pro Rio. E nós fomos. Edith, eu e depois Plininho. Ele desmanchou o conjunto dele e passou a ser o baixista do meu. *(Saindo de cena enquanto fala).*

(Cenas dos estudantes e policiais, deslocadas para um bloco político a partir da cena XV)

CENA XII

(Apartamento de Raul no Rio. Raul e Plínio estão chegando. Edith abre a porta. Eles estão visivelmente bêbados)

Edith

Vocês estão chegando agora! Pelo visto tomaram todas.

Raul

Não dá pra ser de outro jeito.

Plínio

O álcool ajuda a gente a superar o cansaço.

Edith

Mas por que tão tarde?

Raul

O Jerry Adriani cantou uns números a mais, e a turma estava muito animada. Não deu outra. Você sabe, depois do show dele a gente é quem segura.

Plínio

Estou exausto. Sabe de onde estamos chegando? De Votuporanga, divisa de Mato Grosso com São Paulo. Imagine nós todos do conjunto, mais os instrumentos dentro daquela Kombi! Isto não é vida não.

Edith

Chegou uma carta de seu pai para você. *(Entrega a carta para Plínio que lê)*. D. Maria Eugênia mandou feijão e farinha também.

Raul

Imagine se eles não estivessem mandando as coisas. Estávamos lenhados.

Edith

Ela acreditou na história que vocês inventaram. Que aqui no Rio só tem feijão preto, e a farinha não presta.

Plínio

Só que eu estou cansado de comer feijão com farinha meio-dia e sopa de feijão à noite.

Edith

O que é isto, Plininho? Está desanimando?

Plínio

Não, Edith. Estou desistindo.

Raul

Como assim?

Plínio

Meu pai está me chamando para trabalhar com ele. Eu vou voltar, retomar os estudos e fazer engenharia elétrica. É uma coisa que eu gosto também.

Raul

Olhe, Plininho, se você for, eu vou também. Não fico aqui sem você, só animando festa. Eu quero mais, muito mais. Vou voltar com você pra descobrir o que é que eu vou fazer da minha vida.

Raul

E voltamos.

Edith

O apartamento onde morávamos tinha sido vendido por seu Raul, até pra ajudar a segurar nossa barra no Rio.

Raul

Ficamos num quarto, na casa de meus pais.

Edith

Raul não saía do quarto.

Raul

Lia o tempo todo... Sartre, Jung, Kafka, Shopenhauer, Augusto dos Anjos, Pitigrille e a Bíblia. Escrevia muito também. Registrava a minha dor em anotações no papel e colava nas paredes.

Edith

A experiência no Sul o deixou psicologicamente abalado.

Raul

Era difícil eu manter qualquer contato com as pessoas. Estava mergulhado nas minhas inquietações.

Edith

Comecei a dar aulas de inglês no Yázigi, juntei uma boa soma em dinheiro para comprar um apartamento.

Raul

Eu peguei o dinheiro e comprei uma motocicleta. Saía pela rua às 5 da manhã, feito um louco, debaixo da chuva, gritando em cima da motocicleta.

Edith

Um psiquiatra acompanhou todo o processo.

Raul

Aos 14 anos já tinha consultado um. Aliás, eles estiveram comigo até o fim. Mas as coisas melhoraram mesmo quando o diretor da CBS me convidou para ser produtor. Era tudo que eu queria. Voltar a criar.

Edith

A Cidade Maravilhosa nos acolhia novamente.

(Entram os acordes de "Trem das sete", de Raul Seixas. Raul canta)

Ói, Ói o trem / Vem surgindo detrás das montanhas azuis / olhe o trem / Ói, ói o trem / Vem trazendo de longe as cinzas do velho Aeon / Oi já vem o trem / Fumegando, apitando e chamando os que sabem do trem / Oi, é o trem / Não precisa passagem, nem mesmo bagagem no trem / Quem vai chorar, quem vai sorrir? / chegando na estação / É o trem das sete horas / É o último do sertão / Ói, olhe o céu / Já não é o mesmo céu que você conheceu, não é mais / Vê, ói que céu / É um céu carregado e rajado, suspenso no ar / Vê, é o sinal / É o sinal das trombetas, dos anjos e dos guardiões / Ói, lá vem Deus / Deslizando no céu entre brumas de mil megatões / Ói, ói o Mal / Vem de braços com o Bem / Num romance astral / Amém.

(A luz apaga em Raul e acende em Edith, que passa a mão sobre o ventre. Raul entra e ela fala)**Edith**

Raul, adivinha?

Raul

Adivinhar o quê?

Edith

Chuta.

Raul

Deixe de mistérios. Aconteceu alguma coisa?

Edith

Eu estou grávida.

Raul

(Abraçando Edith, fazendo festa) Love! Love! Love! Quantos meses?

Edith

Dois.

Raul

E você só me diz agora?

Edith

Eu queria ter certeza.

Raul

Meu avô era o Raulzão, meu pai Raul, eu sou Raulzito. Meu filho, no mínimo, vai ser Raulzitinho, se for homem.

Edith

E se for mulher, será Simone.

Raul

Oh, love! (*Eles se beijam e Edith sai. Raul falando para a plateia*). E nasceu Simone, sob o signo de escorpião, em 19 de novembro de 1970.

CENA XIII

Raul

(*Dirigindo-se à plateia*) As coisas se acalmaram. Raulzito, assim eu assinava, fez algumas músicas e produziu discos para várias estrelas da Jovem Guarda. Mas o que eu queria mesmo era cantar minhas próprias músicas.

(Entram em cena, Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star. Raul se dirige para o grupo e diz)

Raul

Sérgio Sampaio, Miriam Batucada, Edy Star e Raul Seixas. Esta é a combinação que eu preciso pra dizer uma coisa mais ousada, pra contestar esse ufanismo que esconde as bofetadas.

Sérgio

E o que é que você está pensando?

Raul

Gente, é o seguinte: eu quero fazer uma coisa diferente. Esse disco vai ter de tudo. Eu quero misturar vários ritmos, rock, soul, frevo, samba, chorinho, jovem guarda, tropicalismo...

Sérgio

Será que vai dar certo?

Raul

Não importa, Sérgio. É um disco pra arriscar. Abrir a cabeça das pessoas. Mostrar que tudo é música.

Edy

E quando é que nós vamos começar?

Raul

Vamos entrar em ritmo de produção quando o big boss Evandro viajar. Assim, nós vamos nos sentir mais à vontade para fazer o disco.

Sérgio

As letras estão liberadas pela censura?

Raul

De cada dez, duas ou três são aprovadas.

Sérgio

Como vai se chamar?

Miriam

Ah, sei não.

Edy

Deve ser uma coisa das cavernas.

Raul

(Pegando um pedaço de papel e falando). Vai se chamar sessão das dez.

Edy

(Em tom de apresentação). Respeitável público presente, a Sociedade da Grã-Ordem Kavernista pede licença para apresentar-lhe o maior espetáculo da terra, com Sérgio Sampaio, Raul Seixas, Miriam Batucada e Edy Star.

Raul

Legal! Vai se chamar Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez.

Edy

Eu topo. Pode contar comigo de cabo a rabo. Pode contar comigo. Estou inteiro com você.

(Sérgio, Miriam e Edy saem. Raul dirige-se à plateia)

Raul

O disco foi para as lojas e começou a ser conhecido. Mas a reação do big boss Evandro não foi bem a que eu esperava.

Evandro

(Entrando com um disco na mão) O que é isto aqui?

Raul

O quê?

Evandro

Esta porcaria aqui, esta porcaria aqui! *(Mostrando a capa do disco)*. O disco do Jerry foi um fracasso, e agora você ainda me faz isso!

Raul

Olha, senhor Evandro, eu, como produtor, tenho toda a responsabilidade pela produção.

Evandro

Espero, no mínimo, que você assuma o que fez, porque a matriz, nos Estados Unidos, não deu o aval.

Raul

Engraçado, os Estados Unidos são tão avançados! Aceitam Frank Zappa e questionam o nosso trabalho?

Evandro

Meu filho, você precisa entender que isso aqui é a linha do “zé povinho”. Aqui na CBS é copa e cozinha. Além do que, eu te contratei para ser produtor e não cantor. Aqui você não é artista, é apenas um funcionário da CBS.

Raul

Tá bom. Você é quem manda.

Evandro

E tem mais: os discos que foram para as lojas serão todos recolhidos.

Raul

Você está fazendo uma besteira.

Evandro

Isto é comigo. E não reclame. Você está empregado e tem garantido seu salário no fim de todo mês. *(Sai)*.

(Ouve-se a música “Ouro de Tolo” ao fundo)

CENA XIV

(Apartamento de Raul. Edith embala Simone enquanto canta uma música de ninar. Ele entra bêbado e cabisbaixo com o disco na mão)

Raul

Destruíram a sessão das 10. Estou cansado de ser executivo de multinacional.

Edith

Como assim?

Raul

Retiraram os discos das lojas.

Edith

Por que razão?

Raul

Nesse país, inteligência é um dado que complica.

Edith

Já não basta a censura política?

Raul

Querem todo mundo rezando na mesma cartilha. Ser diferente é uma ameaça, e a desobediência é uma virtude necessária à criatividade.

Edith

(Percebendo que ele está triste). Dê um cheiro em Simone. Ela gosta quando você fala com ela.

Raul

(Aproxima-se e brincando com Simone) Alô baby! Eu quero tudo diferente quando você crescer. Eu vou deixar um mundo melhor pra você. *(Canta)* Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta. Bem, temos como segurar a barra por algum tempo... E depois?...

Edith

Você não vai inscrever as músicas no VII Festival internacional de Canção?

Raul

O Sérgio está providenciando a inscrição. Mas eu estou tão desanimado! Será que o que eu faço passa?

Edith

Não passou na CBS, mas um festival é diferente.

Raul

Júri é uma coisa muito imprevisível.

Edith

A vida não é um risco?

Raul

É...

Edith

E então?

Raul

(Abraçando também Edith). É love, vamos arriscar.

Edith

Claro. *(Beija Raul).* Eu vou levar Simone para a cama. Ela está dormindo.

Edith

Raul teve duas músicas classificadas, "Let me Sing", um rock baião misturando inglês com português, e "Eu sou eu, Nicuri é o Diabo," que é uma cucaracha. Inscreveu uma terceira que não passou: "Maluco Beleza". A partir daí, as coisas começaram a acontecer, ele lançou o elepê "KRING-HÁ BANDOLO". E o grito de Tarzan também parecia o grito de guerra dele, pois incomodou muita gente.

(Entram os acordes da música "Mosca na Sopa", de Raul Seixas. Raul canta)

Raul

E como!

Eu sou a mosca que pousou na sua sopa / Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar / Eu sou a mosca que perturba o seu sono / Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar / E não adianta vim me dedetizar / Pois nem o DDT pode assim me exterminar / Porque ce mata uma e vem outra em seu lugar / Atenção, eu sou a mosca / A grande mosca / A mosca que perturba o seu sono / Eu sou a mosca no seu quarto a zum-zum-zumbizar / Observando e abusando / Olhe pro lado agora! / Eu tô sempre junto de você / Água mole em pedra dura / Tanto bate até que fura / Quem-lhe? / Quem-lhe? / A mosca, meu irmão!

(Enquanto Raul canta a música, atores vão entrando com os olhos vendados e uma lamparina na mão. À medida que dizem o texto, vão tirando a venda e estendem a mão com as lamparinas. A banda improvisa um ritmo enquanto os atores falam. Raul canta baixinho durante as falas)

CENA XV

Raul

Comecei uma parceria com Paulo Coelho. Dom Paulo e eu tínhamos necessidade de criar alternativas para superar a brutalidade que invadia nosso coração e mente, ansiosos por liberdade. Estávamos no terceiro período da ditadura militar instalada no País. Os anos de chumbo de Médici. Lançamos um gibi-manifesto, onde expúnhamos as ideias de nossa Sociedade Alternativa.

Ator Narrador 1

Existem várias imagens para se descrever o caminho das coisas visíveis. Uma das imagens é esta: o Universo é composto de quatro elementos, ou seja: a terra, o fogo, a água e o ar. Os quatro elementos combinam-se num só: a consciência cósmica.

Ator Narrador 2

Abram seus olhos. A ironia habita em todas as coisas. As crianças já se levantaram e estão andando pela rua, seu número cresce dia a dia. As crianças se reconhecem entre si e se entendem sem falar uma palavra. E o grande poder das crianças está em não oferecer perigo.

Ator Narrador 3

Nós temos andado pelo mundo e temos visto as cabeças baixas; temos visto a loucura atingindo nossos companheiros, porque eles pensavam que estavam sós. Temos visto as pessoas esmagadas pelas rochas do Monstro Sist, antes mesmo de se perguntarem o que está acontecendo. Temos visto também os carrascos, vítimas de um mecanismo do qual já perderam o controle. Mas temos visto focos de luz em alguns cantos.

Ator Narrador 4

A imaginação nos dá três poderes. São eles: a onipotência sem força, a embriaguez sem vinho e a vida sem morte.

Ator Narrador 5

Eis o estágio: procurar, junto de todos, a forma de expressar tudo o que a imaginação pretende nos dizer. Sair do Monstro Sist, porque ele está gangrenado e em breve morrerá, arrastando com ele todos os que ainda estão do seu lado. Em todas as partes do mundo, o que as pessoas procuram e o que une essas pessoas é a imaginação, a ponte para o passo a ser dado.

Raul

(Irônico). Brasil, ame-o ou deixe-o. Assim a propaganda oficial instalou o império da mediocridade no País. O dinheiro calava a boca de muita gente e escravizava milhares. Perguntava a mim mesmo: será sempre assim? Banqueiros e empresários sempre ditarão as normas? Será que algum dia muda?

(Entram os acordes de “As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor”, de Raul Seixas. Imagens são projetadas nos telões, mostrando militares e guerrilheiros. O elenco dança enquanto Raul canta)

Tá rebocado meu compadre / Como os donos do mundo piraram / Eles já são carrascos e vítimas / Do próprio mecanismo que criaram / O monstro SIST é retado / E tá doido pra transar comigo / E sempre que você dorme de touca / Ele fatura em cima do inimigo / A arapuca está armada / E não adianta de fora protestar / Quando se quer entrar / Num buraco de rato / De rato você tem que transar / Buliram muito com o planeta / E o planeta como um cachorro eu vejo / Se ele já não aguenta mais as pulgas / Se livra delas num sacolejo / Hoje a gente já nem sabe / De que lado estão certos cabeludos / Tipo estereotipado / Se é da direita ou dá traseira / Não se sabe lá mais de que lado / Eu que sou vivo pra cachorro / No que eu estou longe eu tô perto / Se eu não estiver com Deus, meu filho / Eu estou sempre aqui com o olho aberto / A civilização se tornou tão complicada / Que ficou tão frágil como um computador / Que se uma criança descobrir / O calcanhar-de-aquiles / Com um só palito para o motor / Tem gente que passa vida inteira / Travando a inútil luta com os galhos / Sem saber que é lá no tronco / Que está o coringa do baralho / Quando eu compus fiz Ouro de Tolo / Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse / Mas eles só vão entender o que eu falei / No esperado dia do eclipse / Acredite que eu não tenho nada a ver / Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira / A única linha que eu conheço / É linha de empinar uma bandeira / Eu já passei por todas as religiões / Filosofias, políticas e lutas / Aos 11 anos de idade eu já desconfiava / Da verdade absoluta / Raul Seixas e Raulzito / Sempre foram o mesmo homem / Mas pra aprender o jogo dos ratos / Transou com Deus e com o lobisomem.

(Ouvem-se tiros, ao mesmo tempo em que o palco é tomado por uma fumaça como se fosse gás lacrimogêneo. Policiais atravessam o palco, com metralhadoras, perseguindo estudantes e operários. Os estudantes e operários tentam escapar. A cena acontece como uma dança e é congelada à medida que os diálogos acontecem)

Intelectual

Eles determinam o que é melhor para o povo. Acham que o povo não sabe pensar e escolher seu próprio destino, como se fossem crianças.

Operário

(Aos berros). Há uma conspiração calada contra a paz!

(O operário corre e o soldado persegue)**Intelectual**

Nunca se falou tanto no Brasil em segurança. Mas paradoxalmente, nunca foi maior a insegurança. Matar ganhou foros de virtude cívica. O temor é denominador comum de todos os brasileiros.

(O intelectual corre e o soldado o persegue)**Estudante 2**

Há uma violência institucionalizada no campo social. Vale tudo para enfrentarmos esses gorilas, água em sacos plásticos, pedras, paus, gelo, garrafas, vaso de flores, tampa de latrinas, carimbos, cadeiras, tijolos, bolas de gude, cortiça e as pobres barricadas.

(O estudante corre e o soldado o persegue)**Policia 1**

Nós temos fuzis, revólveres, baionetas, sabres, pistolas 45, cavalos, bombas e granadas de gás lacrimogêneo.

Operário

Povo brasileiro, precisamos de homens que honrem as calças que vestem. Não queremos aqui o comunismo. Não queremos o fascismo. Queremos liberdade. Os trabalhadores também estão juntos com os estudantes. *(O operário corre e o soldado o persegue).*

Policia 2

As Forças Armadas constituem uma de nossa classes produtoras. Produzem aquilo que mais vale... A segurança nacional.

Estudante 1

Eu vi um rapaz morrer do meu lado, quero uma ambulância!

Policia 1

Você é estudante?

Estudante 1

Sou estudante sim, é preciso arranjar uma ambulância!

Policia 1

Se é estudante, vai preso.

(Algema o estudante)**Policia 2**

(Trazendo uma estudante algemada). Ela tem pernas bonitas e eu quero passar a noite olhando.

Intelectual

O povo está na praça pública, logo está na sua casa, este é um direito de propriedade que precisa ser respeitado. *(Os tiros continuam, um estudante cai. Um colega se aproxima e começa a falar chorando).*

Estudante 1

Mataram o Edson Luiz! Ele está sangrando! Ele não respira mais, ele não grita mais! Ele está morto. *(Todos se aproximam. Um ator traz a Bandeira do Brasil e cobre o corpo do estudante morto. Levantam o corpo e saem em passeata. Dois estudantes abrem uma faixa que diz: MATARAM UM ESTUDANTE, PODIA SER SEU FILHO. Continuam a passeata cantando a música PRÉLUDIO, DE RAUL SEIXAS).*

Sonho que se sonha só / É só um sonho que se sonha só / Mas sonho que se sonha junto / É realidade.

(Continua de fundo enquanto a mulher fala)

Mulher

(Paralelo à passeata, entra e fala). Entrei na fila para olhar o corpo do rapaz. Ele é muito garoto e eu pensei se, em vez dele, fosse meu filho. Pensei na mãe dele e quase chorei. Depois de quase uma hora encontrei o meu garoto segurando um cartaz ao lado de um orador. Eu nunca soube que ele andava metido em política estudantil, nem sei se o aprovaria, mas naquela hora fiquei do lado dele.

(Ela olha a passeata e vai se aproximando aos poucos cantando a música que o grupo canta, até que todos saem)

CENA XVI

Raul

Eu como marido sou uma merda total. Como Raul Seixas sou o homem ideal.

(Edith entra, fumando um cigarro)

Edith

Raul, assim não dá. Nós temos uma filha que quer atenção. Você nunca está em casa. É preciso separar Raul Santos Seixas de Raul Seixas.

Raul

Eu escolhi o mais complexo dos trabalhos: ser artista num país como este.

Edith

Você faz o que você gosta. Esse não é o caminho para ser feliz?

Raul

É. Edith. Só que estou cansado. *(Entrando numa espécie de transe)*. Show das nove até meia-noite. Dormir três horas. Acordar às 7, pegar o avião....

Edith

Imponha limites.

Raul

Eu tento. Mas no palco é quando eu me sinto bem.

Edith

Você já sabe que Paulo e Adalgisa estão sendo investigados? Dizem que eles têm envolvimento com o Partido Comunista.

Raul

Isto é papo de militar fascista que não quer ninguém pensando. Como é que pode? Como é que se constrói um país sem novas ideias? Só na cabeça deles mesmo.

Edith

Adalgisa foi presa. Foi torturada! Ela não está bem!

Raul

Preciso me proteger também. Os milicos destruíram todos os manifestos da Sociedade Alternativa que foram distribuídos no show.

Edith

O tempo é de tempestades. *(Aproxima-se dele e tenta abraçá-lo. Ele reage com frieza)*. Eu te abraço e você parece que não está aqui. Não me chama mais de *love*.

Raul

Edith eu não sei mentir, meu sentimento por você está se tornando em algo mais para a amizade. A tesão não é mais a mesma.

Edith

Eu ainda estou inteira com você. O que é que está havendo? Existe alguém?

Raul

Existe sim. Glória, irmã do Jay Vaquer.

Edith

Então, é isto. Daí, o seu silêncio, a sua distância. *(Irada)*. E eu, aqui como uma idiota a conversar com ela, ajudando no português, que ela quase não fala! Recebendo-a em minha casa e ela roubando você de mim. Afinal, de que valeu todos os sacrifícios, a batalha insana que travamos, eu e você! Agora, vem me dizer que ama Glória.

“Eu acreditei em todos os nossos sonhos.”

Raul

Mas o sonho do jeito como a gente sonhava acabou, love. Eu não posso trair a mim mesmo. Aconteceu.

Edith

(Mostrando um papelote de cocaína). O que é isto?

Raul

Cocaína.

Edith

Você tem uma filha.

Raul

Que eu amo, eu adoro!

Edith

Então, pare com isto. Não vai te levar a nada. Pelo contrário, vai te afundar ainda mais.

Raul

Não está dando pra segurar de outro jeito.

Edith

Aqui, você não vai cheirar. Pode ficar certo disso. E eu não te largo agora por causa de Simone. *(Ela sai. Raul dirigindo-se à plateia)*.

(Entram os acordes de “Medo da Chuva”, de Raul Seixas e Paulo Coelho. Raul canta)

É pena que você pense que sou seu escravo / Dizendo que sou seu marido e não posso partir / Como as pedras imóveis na praia / Eu fico ao teu lado sem saber dos amores que a vida me trouxe / E eu não pude viver / Eu perdi o meu medo, o meu medo / O meu medo da chuva / Pois a chuva voltando pra terra traz coisas do ar / Aprendi o segredo, o segredo, / O segredo da vida / Vendo as pedras que choram sozinhas no mesmo lugar / Eu não posso entender tanta gente

aceitando a mentira / De que os olhos desfazem aquilo que o padre falou / Porque quando eu jurei meu amor eu traí a mim mesmo / Hoje sei que ninguém nesse mundo / É feliz tendo amado uma vez / Uma vez / Eu perdi o meu medo, o meu medo / O meu medo da chuva / Pois a chuva voltando pra terra traz coisas do ar / Aprendi o segredo, / o segredo, / O segredo da vida / Vendo as pedras que choram sozinhas no mesmo lugar / Vendo as pedras que choram sozinhas no mesmo lugar / Vendo as pedras que choram sozinhas no mesmo lugar.

CENA XVII

(Raul liga pra D. Maria Eugênia)

Raul

(Explicando) Mãe, aqui é Raulzito. Não se assuste não, mas é que Departamento da Ordem Política e Social, o Dops, está me procurando. Vai lá em casa, vão vasculhar a casa por causa daqueles panfletos. Estou com medo de deixar Edith e Simone sozinhas em casa. A senhora pode vir até aqui?

D. Maria Eugênia

Vou correndo, meu filho. Deus lhe proteja.

(Raul sendo interrogado no Dops)

Policial

Você é o maluco beleza? *(Raul não responde)*. A metamorfose ambulante?

Policial

(Rindo irônico). A mosca que pousou na minha sopa!

Raul

(Irônico). O senhor tem bom humor!...

(Policial dá uma bofetada)

Policial

O amargo da língua?

Raul

Por que não?

Policial

Você viu Cristo ser crucificado?...

Raul

A liberdade de criar é a mais difícil e, também, a mais perseguida por nós artistas. Desejamos transformar e vocês querem deixar tudo como está.

Policia

Você é inteligente!...

Raul

O que é que eu posso fazer?

Policia

Guardar sua inteligência para evitar problemas!...

Raul

Como assim?

Policia

O senhor está sempre incitando as massas!

Raul

Eu digo o que penso, digo o que sinto.

Policia

Que sociedade alternativa é essa que você tanto defende?

Raul

É um lugar para vivermos em paz, longe do inferno que é esta cidade. É a cidade das estrelas, a cidade da luz.

Policia

O senhor não é muito pretensioso?

(Dá uma bofetada em Raul)

Raul

(Recuperando-se) É muita pretensão querer a paz?

Policia

Mexer com a ordem estabelecida é subverter a ordem.

Raul

Entenda, a nossa ideia é criar uma cidade com profissionais de diferentes áreas. Queremos viver de acordo com a nossa própria lei.

Policia

Já pensou se todos resolvem fazer isto? Como é que fica a sociedade?

Raul

Mais livre, mais autêntica.

Policial

É por isso que o senhor diz: “Faz o que tu queres, pois é tudo da lei”? Isso não é uma anarquia total? (*Policiais agridem Raul pelas costas*).

Policial

O senhor é uma pessoa perigosa.

Policial

O melhor que o senhor faz é se calar. Pare de sonhar.

Raul

A vida é sonho.

Policial

O Monstro Sist não está gangrenado como o senhor afirma. Está são e salvo. Nós estamos aqui para defender o Monstro Sist, como o senhor chama a nossa sociedade. Ela está se firmando. Nós não vamos deixar que vocês destruam nossas tradições, nossos valores. A família brasileira precisa ser protegida.

Raul

Os senhores chegaram em minha casa e nem respeitaram minha mulher. Minha filha estava dormindo e acordou assustada com vocês remexendo tudo, fazendo o maior barulho. Minha mãe ficou em pânico.

(Eles saem empurrando Raul. Edith entra em cena e liga pra Plínio)

Edith

Eles invadiram o apartamento, levaram Raulzito. Está tudo destruído, tudo revirado de cabeça pra baixo. Os livros e as revistas dele rasgadas. Até os amplificadores Marshall de Raulzito, eles quebraram. Um caos total.

Plínio

Fique calma Edith e peça ajuda ao Consulado Americano. Pelo menos eles vão proteger você e Simone. Minha mãe já chegou aí. Ela vai lhe ajudar a encontrar Raulzito. Tia Maria Angélica mora no Leblon, e vocês ficam um tempo por lá até as coisas melhorarem.

CENA XVIII

Raul

(Para a plateia). Foi um momento muito difícil pra mim. Eu estava dividido entre Edith e Glória, mas mesmo assim eu fui pros Estados Unidos. Minha relação com Edith era irrecuperável. Voltei ao Brasil e retomei minha vida. Com Glória.

(Entra Glória. Ela traz um papel na mão também. Os dois se beijam. Raul afasta-se e fala)

Raul

Glow, há uma pressão muito grande por parte do Dops sobre mim.

Glória

Isso não é democracia!

Raul

Pois é! *(Ela chega até Raul, toca no rosto dele e começa a tirar a camisa de Raul, beijando-o. Eles se beijam várias vezes e vão tirando a roupa, começando uma relação erótica. Raul interrompe e fala).*

Raul

Às vezes eu quero terminar tudo, Glow.

Glória

Esse Dops tirou sua tesão?

Raul

Minha tesão por você é a mesma. Mas eu ainda penso em Edith e Simone. Ela está muito deprimida.

Glória

Eu estou sempre disposta a dividir.

Raul

Mas ela não. E eu também. Sou careta nessas coisas.

Glória

Comportamento pequeno-burguês.

Raul

Pequeno-burguês ou não, é o que penso.

Glória

(Mostrando o papel a Raul). Veja isto aqui.

Raul

(Abrindo o papel que ela entrega para ele). Um teste de gravidez?

Raul

Será que vem um menino?

Glória

Você quer muito um filho homem, não é?

Raul

É verdade. Adoro Simone. Tenho paixão. Mas, adoraria ter um Raulzinho.

Glória

Raulzito, por que você não aproveita, compra umas passagens e vamos passar um tempo nos Estados Unidos? Respirar um pouco de liberdade... Isto aqui está muito sufocante!...

Raul

É. Vamos embora. Arrume as malas. Os milicos estão mesmo apertando o cerco.

Raul

Mais uma vez voltei aos Estados Unidos. Foi o meu exílio. Eu tinha acabado de gravar o disco "Gita". Estava cansado, em busca de paz. Era tudo que eu precisava naquele momento! Uma viagem, um filho e Glória. Fiquei um bom tempo por lá, viajando, conhecendo de perto o Tio Sam. Toquei com Jerry Lee Lewis. Um dia estava em casa e de surpresa, chegou um brasileiro..

Representante

(Bate na porta e Raul abre) É você o Raul Seixas?

Raul

Sou eu sim.

Representante

O Brasil lhe chama. Você está liberado para voltar.

Raul

É mesmo?

Representante

Eu sou do Consulado Brasileiro e vim aqui para lhe comunicar também que seu disco "Gita" já vendeu 600 mil cópias.

Raul

Pô!, quanta coisa boa! Eu já estava aqui morrendo de saudades!

Representante

Você me dá um autógrafo?

(Raul dá o autógrafo)

Raul

(O representante sai. Raul, dirigindo-se à plateia). E voltamos para o Brasil. Eu e Glória. Raulzinho não veio, e sim Scarlet, em 16 de junho de 1976. Scarlet e Glória. Uma companheira e um pedaço de mim, ali, a sorrir, a me recompor. Mas meu ciúme, minha insegurança e a vida artística destruíam o que poderia ser...

(Entra Glória e vai beijar Raul. Ele a beija com frieza e pergunta)

Raul

Onde você estava?

Glória

Saí com Jay e um amigo nosso, lá dos Estados Unidos.

Raul

(Irônico) Amigo?...

Glória

É. Eu também posso ter meus amigos.

Raul

Deixou Scarlet sozinha?

Glória

Não. Mamãe ficou com ela.

Raul

E você caiu na gandaia?!...

Glória

Ihhh... Raul, não comece!

Raul

(Irônico) Você faz o que quer. É uma mulher que ama ser independente!

Glória

Exatamente! Já discutimos isso inúmeras vezes! Eu sou assim! Saí com uma pessoa muito querida e estou feliz! Scarlet está dormindo, sonhando e de bem com a vida.

Raul

Mas eu estou puto!

Glória

Eu não posso fazer nada!

Raul

Pelo jeito você bebeu e cheirou todas, não é?

Glória

Todas não. Eu sei até onde ir. Coisa que você não sabe. E vou dizer mais. Eu estou de saco cheio! Eu estou fora. Vou voltar para meu país. Isto aqui é um balneário! O melhor daqui é o banho de mar em Ipanema!

Raul

Faça o que você quiser e me deixe em paz!

Glória

Quem está lhe destruindo é sua mente conturbada! Esse impulso insano de querer consertar o mundo. Pois bem, Dom Quixote, vá em frente! Dulcinéia está cansada. Eu e Scarlet vamos viver nossa vida!

Raul

Não faça isso Glow! Eu te amo! Eu não saberia viver sem você e minha princesinha.

Glória

Vai ter que aprender. Tem muitos bares abertos pelo Rio afora. Você vai se encontrar. *(Glória sai).*

(Entram os acordes de “a maçã” de Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta. Raul canta)

Se esse amor / Ficar entre nós dois / Vai ser tão pobre amor / Vai se gastar / Se eu te amo e tu me amas / Um amor a dois profana / O amor de todos os mortais / Porque quem gosta de maçã / Irá gostar de todas / Porque todas são iguais / Se eu te amo e tu me amas / E outro vem quando tu chamas / Como poderei te condenar / Infinita é tua beleza / Como podes ficar presa / Que nem santa num altar / Quando eu te escolhi / Para morar junto de mim / Eu quis ser tua alma / Ter seu corpo, tudo em fim / Mas compreendi / Que além de dois existem mais / Amor só dura em liberdade / O ciúme é só vaidade / Sofro, mas eu vou te libertar / O que é que eu quero / Se eu te privo do que eu mais venero / Que é á beleza de deitar.

CENA XIX

Raul, trôpego, fala para o ar (Cena a ser construída de modo quase coreográfico)

Para todos os insonemaníacos da terra, eu quero construir um tipo novo de máquina para voar à noite, saindo do corpo. Ela ganhará prêmios de paz, eu sei disso, mas eu mesmo não posso fazê-la, estou exausto. Eu preciso de ajuda. Admito meu desespero, eu sei que as pernas em minhas pernas, estão tremendo. Está tão escuro aqui fora estou cambaleando rua abaixo. E, se bêbado não sou, talvez aleijado. Eu preciso de ajuda.

(Entra Plínio e abraça Raul)

Plínio

Raulzito, meu irmão? Pare de fazer isso com você. Você é o único irmão que eu tenho.

Raul

Plininho...? Não, não... eu só estou cansado. É muito show, muita entrevista. Pergunte a Taninha. Taninha, meu amor, conte a história a Plininho...

Plínio

Tânia já foi embora há uma semana, Raulzito. Escute, você tem que ouvir a orientação dos médicos. Tem que cuidar desse pâncreas. Não pode mais ficar bebendo desse jeito...

Raul

Pxii! Scarlet tá chorando. Glória! Glória, vem ver Scarlet, Glória... ela sai...

Plínio

Acorde! Eu sei que é muito duro você ficar longe de suas filhas, meu irmão. Mas, você tem que se ajudar. Você tem que se tratar. Você tem que ser internado...

Raul

Não, não... não faz isso não. Não me interna não, Plininho. Você não sabe o que é passar o Natal cercado de enfermeiro, médico, paciente... não faça isso não, Plininho...

Plínio

O próximo Natal é só mais um. Haverá outros, e nesses outros você vai estar com a gente, meu irmão. A gente está tão distante, não é? A gente

precisa se reconhecer. Ver formiga de mandioca andando no chão...
com a cabeça limpa.

Raul

Que saudade daquele tempo, hein Plininho? Mas eu vou sair dessa,
cara. Vou sair dessa.

(Raul canta "Tente outra vez", junto com Plínio)

*Veja / Não diga que a canção está perdida / Tenha fé em Deus, tenha fé na vida / Tente outra
vez / Beba / Pois a água viva ainda tá na frente / Você tem dois pés pra cruzar a ponte / Nada
acabou, não não não / Tente / Levante sua mão sedenta e recomece a andar / Não pense que
a cabeça aguenta se você parar / Há uma voz que canta, há uma voz que dança / Uma voz
que gira / Bailando no ar / Queira / Basta ser sincero e desejar profundo / Você será capaz de
sacudir o mundo / Vai, tente outra vez / Tente / E não diga que a vitória está perdida / Se é de
batalhas que se vive a vida / Tente outra vez.*

(Dona Maria Eugênia, entrando, feliz)

D. Maria Eugênia

Plininho, Raulzito acabou de me ligar, tá que nem menino. Kika está
grávida.

Plínio

Então dessa vez é capaz de vir o Raulzitininho que ele tanto quer.

D. Maria Eugênia

Ele está animado. Além do filho tem disco novo.

(A luz em Raul e Kika)

Raul

Gostou da música que eu fiz pra você?

Kika

É tão erótica! Eu deliro quando ouço.

Raul

Mas você é um tesão, Kika! *(Os dois se beijam novamente).*

Kika

As outras músicas são muito legais também. Querem proibir mesmo o
Rock das Aranhas?

Raul

Já proibiram. Olha aí a tarja no disco. E ainda dizem que estão
promovendo uma abertura política!

Kika

A mais política, eles nem perceberam!

(Raul Cantarolando)

Lá vou eu de novo / Um tanto assustado / Com ali-bá-bá e os 40 ladrões / já não querem nada / Com a Pátria Amada / E cada dia mais / Enchendo os meus botões.

(Kika Cantarolando)

Fecha a porta! / Abre a porta! / Abre-te Sésamo

Raul

É, mas vou sair da gravadora, você acredita que eles estão me propondo fazer um disco para homenagear a Lady Diana?

(Uma movimentação dos dois atores, mudança de luz, talvez, uma mudança de adereço, algo que devemos inventar para marcar a passagem de tempo)

(Alegre). Eu tenho uma surpresa! Seus dois anos de jejum vão acabar. A Eldorado ligou, querem uma reunião com você.

Raul

(Alegre). Quando?

Kika

Eu marquei para amanhã às 11 horas

(Os dois pulam de contentamento, se abraçam e se beijam)

Raul

Ah, vou compor coisas novas, mas chega de protestar, tô cansado sabe. O título do novo disco vai ser só Raul Seixas. Só isso. Bem simples.

Kika

Eu imagino uma capa com um fundo azul e seu rosto limpo, sereno e feliz.

(Novamente uma movimentação dos dois atores, mudança de luz, talvez, uma mudança de adereço, algo que devemos inventar para marcar a passagem de tempo)

Kika

Disco de ouro, meu amor. Disco de ouro!!!

Raul

É, mas a censura já está implicando com o novo elepê, Metro Linha 743...

Kika

lhhh, nem precisa dizer com qual música, posso adivinhar: “Mamãe eu não queria”, não é?

Raul

É só porque eu não vejo com bons olhos seguir o Exército. Imagina só, fala-se em abertura política e até em eleições diretas...

Kika

Mas você é persistente, não é Raulzinho, é isto que eu gosto em você. Eu tenho certeza que você vai preparar outro disco ainda mais provocante e é por isso que eu te amo... Faz uma música falando das diretas...

Raul

Só se for diretas para o inferno. E ainda me chamam de profeta do apocalipse, mas é muito fácil ser profeta nesse país, basta ter olhos abertos. O brasileiro deixa passar as coisas como se não fosse nada, como se não sofresse, e admitindo que é um cachorro, e isso eu não quero ser.

(Raul canta “Cowboy Fora da Lei”)

Mamãe não quero ser prefeito / Pode ser que eu seja eleito / E alguém pode querer me assassinar / Eu não preciso ler jornais / Mentir sozinho eu sou capaz / não quer ir de encontro ao azar / papai não quero provar nada / eu já servi a pátria amada / e todo mundo cobra minha luz / ó coitado foi tão cedo / Deus me livre eu tenho medo / morrer dependurado numa cruz / eu não sou besta pra tirar onda de herói / sou vacinado eu sou cowboy / cowboy fora da lei / Edu Durango Kid só existe no gibi e quem quiser que fique aqui / entrar pra história é com vocês.

(Ao terminar a música, a luz apaga em Raul e acende em Kika, que fala)**Kika**

Apesar de tudo estar indo bem, Raul voltou a beber, o que complicou muito nossa relação. A mãe falou mais forte que a amante. Vivian tinha quatro anos. Eu optei por cuidar dela e evitar os constrangimentos que o álcool provocava no comportamento de Raul. Apesar de separados, mantínhamos uma relação de amizade muito forte e trocávamos correspondências. Certa feita, Raul me enviou uma carta que expressava toda sua vontade de estar conosco novamente.

(Luz apaga em Kika e acende em Raul que lê)

Raul

Minha querida Kika, mais do que ninguém você sabe quanto o destino tem me castigado. Nunca esqueci vocês, mesmo nos maus momentos, e hoje mais do que nunca lhe desejo. A minha solidão ultimamente tem sido dolorosa, mas que jeito? Você está longe! Eu desejava estar com você e nossa filha. Acho que depois de tanto sofrimento e experiências de vida, já estou preparado para suportar o grande “peso do” sucesso. Vamos tentar outra vez, acredito que o destino nos unirá novamente.

(A luz apaga em Kika que sai e acende em Raul)

CENA XX

Raul

(Dirigindo-se à plateia) Mais uma vez estava só. Aí veio Lena, que foi uma complicação só... mas eu não vou contar essa história. Um dia estava em casa muito angustiado, quando apareceu meu grande amigo Marcelo Nova.

Marcelo

O Silvyo me disse que você e Lena se separaram?

Raul

É Marceleza, não dava mais. Não conseguíamos nos entender. Foi melhor assim.

Marcelo

E você, está pronto pra outras viagens?

Raul

Marcelo, eu estou cansado. Creio que o mundo já me deu tudo que tinha pra me dar e eu a ele. Não sinto vontade de criar, de cantar, de gravar. Quando penso em toda batalha que é conseguir uma gravadora, ir para um estúdio, entrar num palco, o pânico toma conta de mim. Quem te garante que no meio daquela multidão não tem alguém que vai te dar um tiro?

Marcelo

Que é isso Raul, esse povo te ama. Os fãs-clubes se multiplicam a cada dia!

Raul

Mergulho no meu baú. Revejo, repasso minhas teorias. Fico me perguntando por que eu choro. Fico com raiva da minha bobagem. Penso que é de família, os Seixas choram por tudo. Sempre tive medo de ficar igual a tio Anderson. Depois levanto e acho tudo engraçado.

Marcelo

Você está precisando criar. É isto, meu irmão. Remexer o baú e agitar essa galera. Eu vou a Salvador fazer um show no Teatro Castro Alves. Você não quer vir comigo? Se quiser participar melhor ainda.

Raul

Tá aí, Marceleza! Quem sabe com você, eu não chego lá e digo alguma coisa? Tô com saudades da Bahia e chegar lá e cantar pode ser uma boa! Eu topo.

Marcelo

(Dirigindo-se à plateia). Raul foi comigo e fizemos o show que resultou em cinquenta apresentações por todo Brasil. Fiquei feliz de ter Raul comigo. Era fascinante ver a transformação dele no palco. Mesmo debilitado fisicamente, quando entrava no palco e cantava, Raul se transformava. A parceria continuou e começamos a trabalhar um elepê meu e dele, "A Panela do Diabo".

(Marcelo sai e entra Kika)

CENA XXI

Ator Narrador

Onde está Raul? No intelectual? No menino família? No hippie, no político? No eterno hipocondríaco?

Ator Narrador

No estudante de filosofia? No compositor popular? No cínico? No produtor de discos? No professor de inglês ou no niilista?

Ator Narrador

No cantor de folk songs? No revolucionário *(ou nesse liberal moderno)*? No apático? No descontente? No neurótico? No covarde? Ou no valente? No ateu ou no que tem medo de alma do outro mundo?

Ator Narrador

No homem frio e impassível? Ou por trás dos olhos do menino romântico assustado? No agnóstico? No boêmio apaixonado? No pessimista ou no otimista?

Ator Narrador

No galã cantor de rock da Bahia de 62? No burguês-playboy incorrigível? Não, não estou ali ou aqui, rótulos prontos para serem usados.

(Raul aparecendo)**Raul**

Eu não sou cantor, nem compositor. Eu sou um ator que interpreta Raul Seixas. Eu sou mesmo é um magro abusado!

(Entram os acordes de "Gita", de Raul Seixas e Paulo Coelho. Raul canta)

*Às vezes você me pergunta / Porque é que eu sou tão calado / Não falo de amor quase nada /
nem fico sorrindo ao teu lado / Você pensa em mim toda hora / Me come me cospe e me deixa
/ talvez você não entenda / Mas hoje eu vou lhe mostrar / Eu sou a luz das estrelas / Eu sou
a cor do luar / Eu sou a coisa da vida / Eu sou o medo de amar / Eu sou o medo do fraco / A
força da imaginação / O blefe do jogador / Eu sou, eu fui, eu vou / (Gita, Gita, Gita, Gita, Gita)
/ Eu sou o seu sacrifício / A placa de contramão / O sangue no olhar do vampiro / E as juras de
maldição / Eu sou a vela que acende / Eu sou a luz que se apaga / Eu sou a beira do abismo /
Eu sou o tudo e o nada / Por que você me pergunta? / Perguntas não vão lhe mostrar / que eu
sou feito da terra / Do fogo, da água e do ar / Você me tem todo dia / Mas não sabe se é bom
ou ruim / Mas saiba que eu estou em você / Mas você não está em mim / Das telhas eu sou o
telhado / A pesca do pescador / A letra "A" tem meu nome / Dos sonhos eu sou o amor / Eu sou
a dona de casa / Nos pegue-pagues do mundo / Eu sou a mão do carrasco / Sou raso, largo,
profundo / (Gita, Gita, Gita, Gita, Gita) / Eu sou a mosca na sopa / E o dente do tubarão / Eu
sou os olhos do cego / E a cegueira da visão / Mas eu sou o amargo da língua / A mãe, o pai e
o avô / o filho que ainda não veio / O início, o fim e o meio / Eu sou o início, o fim e o meio.*

(Ao terminar a música, ele fala num misto de delírio e realidade. Dirigindo-se à plateia)**Raul**

Hoje, 21 de agosto de 1989, o sol está brilhando. São cinco horas da manhã. E como brilha! Há dois dias eu e Marcelo Nova lançamos "A Panela do Diabo". Eu estou me sentindo fora de meu corpo. É como se eu pudesse transpor esta parede e caminhar sobre este palco de concreto armado, que é São Paulo. Olha só quem está comigo! Mêlo, o cientista maluco! Ele veio me convidar pra brincar de novo. Pra uma nova viagem! Eu perguntei por você, Plininho, e ele me disse que

dessa vez eu iria sem você. Pronto. Lá vamos nós, o cientista maluco e o maluco beleza! Ele continua do mesmo jeito, Plininho, com a mesma roupa, com aqueles óculos dele, o cabelo preto, continua baixinho. (Ri) Ele sorri para mim e me mostra um palco.

(À medida que a cena ocorre os atores entram com lamparinas, se colocando à direita e à esquerda do palco, criando um labirinto, por onde Raul passa em direção ao fundo, no centro)

Eu entro no palco com ele de cara limpa. Não preciso de nada para me soltar. Nem insulina para diabetes eu tomei hoje! Eu acho que a viagem vai ser muito longa! Plininho, tome conta de minha mãe e de meu pai. Eles estão precisando muito de você.

(Cantando)

Ê meu pai, olha teu filho, meu pai! / Ê meu pai / Ajuda o filho, meu pai / Quando eu cair no chão / Segura a minha mão / Me ajuda a levantar / Para lutar. Seu Raul, a sanfona, Asa Branca, Luiz Gonzaga, D. Quixote!

(Cantando)

Gente nasceu pra querer / Em casa, na rua, na praia, na escola, no bar, ah! / Gente fingindo, escondendo seu medo de amar. Oh, Zeva! E nossas noites de zumbizagem? Quanta coisa a gente conversava! Edith, você é tão brilhante! Que saudade! De você, de Simone! Ela deve ter se tornado uma bela mulher como você!

(Cantando)

Pedro, onde você vai eu também vou / Mas tudo acaba onde começou / Todos os caminhos são iguais / O que leva à glória ou à perdição / Há tantos caminhos tantas portas / Mas somente um tem coração.

Sua música, Plininho, lembra?

Eu troquei o nome para Pedro, só pra disfarçar, e você não ficar zangado comigo, mas a música é pra você!

(Cantando Caminhos II, de Raul Seixas, Paulo Coelho e Eládio Gilbraz)

Assim como / Todas as portas são diferentes / Aparentemente / Todos os caminhos são diferentes / Mas vão dar todos no mesmo lugar / Sim / O caminho do fogo é a água / Assim como / O caminho do barco é o porto / O caminho do sangue é o chicote / Assim como / O caminho do reto é o torto / O caminho do risco é o sucesso / Assim como / O caminho do acaso é a sorte / O caminho da dor é o amigo / O caminho da vida é a morte.

Paulo, Cláudio, Eládio, Carleba, Mariano, Emanuel

(Cantando)

Eu Quero voltar / Por onde eu vim / Fecho os meus olhos / Ao trilho sem-fim.

Meus companheiros de banda! Glória você está tão gostosa com essa roupa preta, longa! Scarlet filha, minha estrela! Eu te amo! Oh, Tânia, você é gente fina, pena que nós nos encontramos num momento tão difícil! Kika, minha mulher guerreira, eu fiz tantos planos pra voltar, mas!... Eu queria tanto uma vida tranquila! Eu, você e Vivinha, minha caçulinha querida!

(Cantando)

Minha espada erguida para a guerra / Com toda fúria que ela encerra / No entanto é tão doce / É tão doce para Ângela / Ângela, Ângela.

D. Dalva, a senhora passou o fim de semana com seus familiares! É tão bom não é?

(Cantando)

Carpinteiro do Universo sou eu / Carpinteiro do Universo inteiro eu sou / O meu egoísmo é tão egoísta / Que o auge do meu egoísmo é querer ajudar / Carpinteiro do Universo inteiro eu sou / Carpinteiro do Universo inteiro eu sou / Carpinteiro do Universo inteiro eu sou assim / no final carpinteiro de mim.

Ah! Simone, Scarlet, Vivian... minhas três princesinhas, tão lindas.

(Cantando)

Fiz meu rumo por essa terra / Entre o fogo que o amor consome / Eu lutei mas perdi a guerra / Eu só poso te dar meu nome.

Mêlo, onde é que nós vamos agora? Olhe pra isso Plininho, ele está me dizendo que vamos chegar ao fim do Universo, como fazíamos na nossa brincadeira. Aí vamos encontrar o princípio do nosso próprio universo. Ele me disse também que não há fim e a gente sempre encontrará um novo começo.

(Entram os acordes de metamorfose ambulante. Todos entram e cantam com Raul)

Prefiro ser essa metamorfose ambulante / Prefiro ser essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes / Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Sobre o que é o amor / Sobre que eu não sei quem sou / Se hoje

eu sou estrela, amanhã já se apagou / Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor / Lhe tenho amor / Lhe tenho horror / Lhe faço amor / Eu sou ator... / É chato chegar a um objetivo num instante / Eu quero viver nessa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Sobre o que é o amor...etc. / Eu vou desdizer aquilo tudo que lhe disse antes / Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Do que ter aquela velha opinião formada... / Do que ter aquela velha... / Etc.

FIM



Foto 1 – Edvar Passos, Nelito Reis e Narcival Rubens



Foto 2 – Nelito Reis e Edvar Passos



Foto 3 – Nelito Reis



Foto 4 – Bruno Neves, Nelito Reis e Edvar Passos



Foto 5 – Nelito Reis



Foto 6 – Nelito Reis



Foto 7 – Nelito Reis



Foto 8 – Nelito Reis

REFERÊNCIAS

- CLARET, Martin. *Raul Seixas por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 1990.
- GAMA, Thildo. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: Pen Comércio e Comunicações, 1997. (Coleção Mitos do Pop)
- PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. *Raul Seixas: uma antologia*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2000.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *68 A paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.
- SASTRE, Ângelo. *Luar aos avessos*. São Paulo: Scortecci, 1999.
- SEIXAS, Raul. *O baú do Raul. Seleção de Kika Seixas*. Organização e apresentação de Tárík de Souza. São Paulo: Globo, 1992.
- SOUZA, Isaac Soares de. *Raul Seixas o Metamorfônico*. São Paulo: Coletta, 1995.

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI / PLINIO SEIXAS

Autores

DEOLINDO CHECCUCCI

Direção Geral

GIDEON ROSA

Assistente de Direção

TADEU MASCARENHAS

Direção Musical

NETO COSTA

Preparação Vocal

JOÃO PERENE

Direção de Coreografia

MIGUEL CARVALHO

Figurino

DANILLO BARATA

Cenografia e Vídeo de Apresentação do Projeto

DIANA MOREIRA

Assistente de Figurino

LUCIANO SANTANA

Assistente de Cenografia e Edição

PAULO HERMIDA

Telecinagem dos filmes super 8 para vídeo

MARIE THAURONT / ANDRÉ CRUZ

Maquiagem, Perucas e Postiços

DA20 SERVIÇOS

Execução Maquiagem, Perucas e Postiços

DÉO CARVALHO

Cabelos

BELMIRO NETO / PAT SIMPLÍCIO

Projeto Gráfico

LUIZ LASSERRE

Assessoria de Imprensa

BERNARDO CALDAS

Assistente de Assessoria de Imprensa

MAURÍCIO PEDROSA

Coordenação e Execução de Adereços

ALINE GOMES / SUZANA TURÍBIO / SANDYRA BRITO / ADEMIR FRANÇA (apoio)

Aderecistas

ENEIDA SANCHES

Execução das Lamparinas

DORA MOREIRA

Coordenação e Execução de Costura

RITA MORENO / LETÍCIA SANTOS / MARILENE CARDEAL / MARIINHA

Costureiras

RENATO CRUZ

Coordenação Cenotécnicos

MAGNO CRUZ / MAGNO BORGES / GEAN BORGES / EDMILSON BARBOSA /
ROBERTO SANTANA / AGNALDO QUEIROZ

Cenotécnicos

DR. VITOR COELHO

Assessoria Jurídica

ROSA RIBEIRO

Fotografia

DANILLO BARATA

Vídeo Maker e Edição de Vídeo

AQUITÊ MORENO

Operador de Som

BRUNO LUNELLI

Operador de Luz

ÁUDIO R

Sonorização

ROGÉRIO LIMA LEITE / MÁRCIO FERREIRA

Montagem de Som

NAUEL DE RENZO / RAIMUNDO FILGUEIRAS

Contrarregras

CLÊNIO MAGALHÃES

Assistente de Produção

RAIMUNDO FILGUEIRAS

Produção Executiva

GABRIEL CHECCUCCI

Direção de Produção

NELITO REIS / EDVARD NETO / ANDRÉ TAVARES / PEDRO HENRIQUES / BRUNO NEVES / MÔNICA
GEDIONE / KARLA RALIN / ADRIANA MANDY / UIRÁ IRACEMA

Elenco

NARCIVAL RUBENS

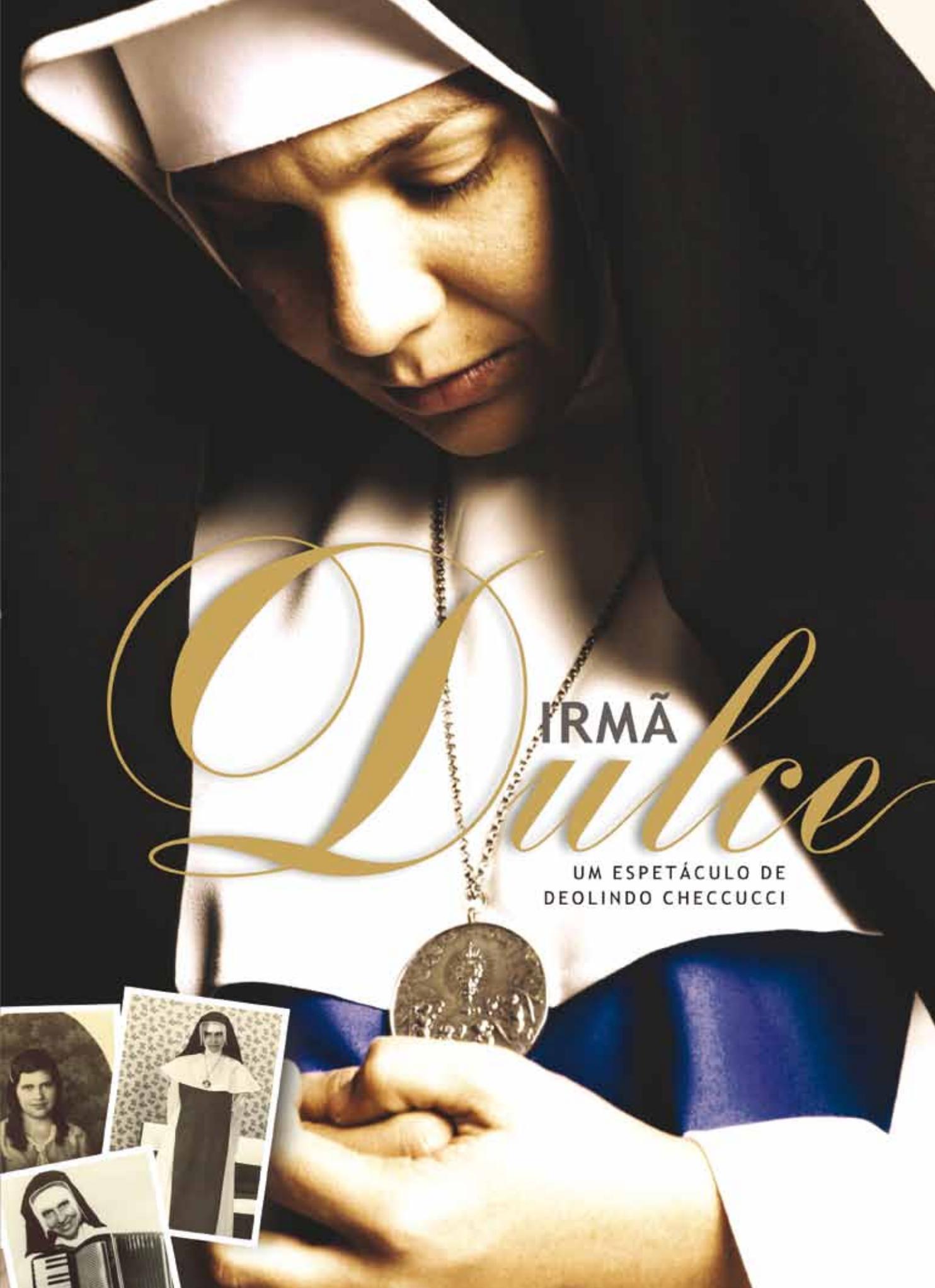
Ator Convidado

TADEU MASCARENHAS / ALEX POCHAT / LALO / MARCELO VELANS / FRED BARRETO /
SIDNEY ARGOLO / TADEU MASCARENHAS

Músicos

ESTÚDIO CASA DAS MÁQUINAS

Gravação e Mixagem



IRMÃ
Dulce

UM ESPETÁCULO DE
DEOLINDO CHECCUCCI



IRMÃ DULCE FOGE DA RELIGIOSIDADE*

Irmã Dulce, montagem do Grupo Asa Branca, de Salvador, retrata a vida da missionária baiana, está em cartaz durante este fim de semana no Centro de Convenções. A peça é dirigida pelo diretor baiano Deolindo Checcucci.

“Irmã, não me deixe morrer na rua”, disse a voz fraca. “Meu filho, eu não tenho onde colocar você. Isto aqui é um posto médico”, respondeu Irmã Dulce, como se não quisesse acreditar nas próprias palavras. A imagem do pequeno jornalista agonizando pela malária fez a irmã lembrar um lugar, a Ilha dos Ratos, em Salvador, onde várias casas se encontravam abandonadas. “Venha comigo”, falou ao garoto. Lá encontrou portas muito bem trancadas. “Moço, arrombe essa porta, por favor”, disse a um banhista que passava. “O que é isso irmã, a senhora ficou doida? Isto tem dono!” “Eu sei moço. Mas arrombe esta porta. Por minha conta”. A porta foi arrombada. O menino foi o primeiro doente recolhido nas ruas por Irmã Dulce. Apareceram muitos outros: uma mulher que estava morrendo de câncer, um doente do pulmão, duas crianças órfãs e, em pouco tempo, dezenas de pessoas estavam abrigadas. A cena, reproduzida no espetáculo *Irmã Dulce*, do Grupo Asa Branca de Teatro, de Salvador, ilustra o início da vida missionária da jovem Maria Rita, que ao jurar seus votos religiosos, ganhou o nome da mãe, Dulce, falecida na infância da freira.

A montagem dirigida por Deolindo Checcucci acerta em vários aspectos. Ao retratar a infância e juventude da freira evita maniqueísmo. Ao invés de forçar uma ligação entre a infância e a vida missionária, retrata uma criança comum, com seus conflitos infantis, brincadeiras e brigas com os irmãos. Logo em seguida mostra o caminho até o chamado religioso precoce, aos 13 anos. Ela, porém, seguindo o conselho do pai, ingressa na vida religiosa somente depois que completa os estudos secundários.

Na Ordem Imaculada Conceição, em que ela ingressou, nada de uma personalidade submissa e conformada. Irmã Dulce, aos olhos da companhia, é uma mulher que quis subverter as funções da ordenação para se engajar naquilo que ela acreditava ser o mais importante. Não mostra também uma religiosa de ações assistencialistas, mas que tenta intervir em problemas estruturais. Entretanto, repete insistentemente: “Jesus disse para não dar os peixes, mas sim os anzóis. Mas também disse ‘daí de comer aos que têm fome”.

Embora regada de cânticos e mostrando algumas cerimônias católicas – como o momento do “sim” da freira à ordem, aliás, um dos momentos mais emocionantes da peça

* Texto publicado no jornal *O Povo* de 10 de fevereiro de 2007, na seção Vida e Arte, na coluna Teatro. Atualizado pela nova ortografia.

– o enredo não acontece pelo viés religioso. Mostra uma pessoa que aos seus próprios olhos não está fazendo nada de extraordinário, mas quase um dever cívico. E isso tudo de forma leve e bem humorada.

A montagem peca, entretanto, na forma de narração. Informações importantes da biografia da religiosa, que não cabem na interpretação, são narradas por personagens muitas vezes descontextualizados e que reforçam o estereótipo dos tipos baianos e nordestinos: o capoeirista, o cangaceiro, o sanfoneiro, a macumbeira.

Cabe à atriz Ana Carla Lira o papel de Irmã Dulce e impressiona a maneira como ela se encarrega de passar por todas as fases da vida da religiosa. Não é preciso muitos adornos, maquiagem ou figurinos: a própria interpretação faz com que vejamos a freira envelhecendo. O frescor da juventude, o vigor com que levava em frente às suas obras e, já idosa, o corpo se mostra frágil, mas revela também uma alma muito jovem, cujos vôos as pernas já doentes não consegue mais alcançar. Numa das cenas, um jornalista que vai entrevistar Irmã Dulce, já com quase 70 anos, a encontra lavando o chão. O desfecho da história não traz grandes surpresas sob o ponto de vista do conteúdo da narração. Mas foge do previsto pela maneira como esse conteúdo é concebido, de forma tocante, mas não forçado. A peça vale a pena ser vista não como mais uma biografia dramatizada. Mas, acima disso, como a história de alguém que soube amar.

Angélica Feitosa

Irmã Dulce

Peça em um ato de Deolindo Checcucci

PERSONAGENS

Irmã Dulce (Mariinha)

Pai (Dr. Augusto)

Padre

Narrador

Tia Madalena

Dulcinha

Augusto

Aloísio

Esmolé 1

Esmolé 2

Esmolé 3

Esmolé 4

Esmolé 5

Menina

Terezinha

Irmã Prudência

Sacerdote

Joana

Maria da Glória

Irmã Fausta

Madre Provincial

Jornaleiro

Banhista

Florentina

Chefe da Polícia

Dono da Casa

Wanderlei de Pinho

Madre Superiora

Frei Hildebrando

Norberto Odebrecht

Operário
Médico
Esposa
Pedro
Mãe
Freira
Dr. Frank
Raimundo Terror
Sr. Agenor
Carlos Pereira Lago
Volta Seca
Irmã Emília
Irmã Hilária
Dom Eugênio
Cardeal Augusto da Silva
Representante
Dr. Tarciano
Jornalista

CENOGRAFIA

Concebida de forma a não comprometer a arquitetura do palco onde foi montada a peça teatral, o altar da igreja, a cenografia foi pensada na forma de quatro grandes oratórios, que se abriam e fechavam criando ambientes variados que possibilitavam as mudanças propostas pelo texto, seja a casa da família Pontes, o convento, ou as ruas e até mesmo altares. Cortinas e back light com vitrais plotados ajudavam a criar o ambiente juntamente com as portas, em cuja parte interna foi aplicada uma pintura no estilo das paredes internas das casas do século XIX e início do século XX (estilo Rococó).

Complementava a cenografia, biombos com arcos, através dos quais entravam e saíam de cena os personagens de rua.

Predominava na cenografia os tons de marrom, amarelo pálido, beges e musgos, cores muito presentes na Cidade Baixa, da Calçada a Ribeira, área onde se passa a maior parte da ação dramática.

(Sinos tocam. Elenco de apoio canta uma aleluia, acompanhado de pequenos instrumentos de percussão. No centro, rodeado pelos atores, um padre batiza uma criança. Ele pega uma cuia e despeja a água numa bacia que um ator traz consigo)

Padre

Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, eu te batizo em nome do Pai,
do Filho e do Espírito Santo.

(Elenco vai saindo cantando uma aleluia, ficando apenas um ator que narra a história acompanhado de um violão)

Narrador

A nossa Maria Rita
No bairro da Lapinha
Em 1914 nasceu,
Os mundos batiam-se em guerra,
Mas uma guerra maior
Esperava a nossa Maria,
A guerra contra a pobreza,
Que sempre marcou nossa Bahia.
Dr. Augusto Lopes Pontes, seu pai,
E Dulce Maria de Souza Brito, sua mãe,
Lhe tinham muito amor,
Assim como seus irmãos, Augusto, Dulce, Aloysio e Geraldo,
Mas um fato muito triste a sua infância marcou,
Sete anos tinha ela, quando perdeu sua mãe
A tristeza tomou conta do coração da menina,
E no pai ela procurou consolo pra sua dor.

Mariinha

Pai, quando eu vejo a mãe de novo?

Pai

Algum dia, minha filha, mas não aqui, lá em cima naquele espaço azul, no infinito.

Mariinha

Será que ela vai lembrar de mim?

Pai

Com certeza. Ela se foi, mas deixou um montão de amor pra você.

Mariinha

(Mostrando um pano bordado). Olha o bordado que eu estou aprendendo com Dulcinha.

Pai

É muito bonito.

Mariinha

Esse vestido é para Celica, a boneca que a avó me deu.

Pai

É bem colorido! Tem cheiro de alegria.

Mariinha

Um dia eu ainda vou cobrir o mundo de cor.

Pai

É bom. As cores animam a vida.

Mariinha

Eu vou procurar Dulcinha, ela vai me ensinar outros bordados.

Pai

Vá lá. Me dá um beijo?

Mariinha

Um beijo e um abraço.

(Os dois se abraçam e se beijam. A luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

Preocupado, Dr. Augusto pediu a suas irmãs Madalena, Georgina e Maria para ocuparem o lugar de D. Dulce. E assim aconteceu, as três irmãs aceitaram, E então se dedicaram, com todo amor e carinho

A cuidar de seus sobrinhos.
Madalena era das tias
Quem mais carinho tinha pela sobrinha Mariinha
Percebendo quanto a menina
A perda da mãe sentia,
Procurava consolar-lhe contando histórias bonitas,
Que no seu baú trazia.

(A luz sai do narrador e acende em Madalena e Mariinha)

Madalena

(Contando). Joãozinho e Maria foram procurando os pedacinhos de pão que tinham deixado pelo caminho, mas não acharam porque os passarinhos tinham comido.

Mariinha

E aí?

Madalena

Eles já estavam desanimados, quando, de repente, apareceram o pai e a mãe arrependidos por tê-los abandonado.

Mariinha

Eles foram muito ruins com os meninos.

Madalena

Eu concordo com você. Mas a situação deles era muito difícil também.

Mariinha

Mas abandonar os filhos assim, não está certo.

Madalena

Às vezes, a gente comete erros, reconhecer os erros é muito importante. É o que eles fizeram. Pediram perdão a Joãozinho e Maria e passaram a morar juntos.

Mariinha

E como eles conseguiram a comida?

Madalena

Veio a chuva e então eles plantaram milho, mandioca, feijão, chuchu, abóbora e puderam se alimentar.

Mariinha

E quando a chuva não vem?

Madalena

Aí fica difícil!

Mariinha

Quer dizer então que muita gente sofre sem pai nem mãe, sem casa e sem comida?

Madalena

É minha querida.

Mariinha

Eu gosto mais das histórias quando tudo acaba bem, e todo mundo fica feliz.

Madalena

Eu também. O que o homem faz de melhor é repartir, dividir. É bom para o coração de quem dá e de quem recebe.

Mariinha

Quando eu crescer, eu vou colorir o mundo e distribuir muita alegria pra ver todo mundo feliz.

Madalena

Conte comigo, Mariinha

(A luz apaga nas duas, que saem abraçadas e acende no narrador)

Narrador

Assim a menina crescia
Com muito amor e carinho
Sapeca, moleca, danada
Ela com tudo brincava
Boneca, pipa e bola
Mas era na guerra de mamona
No quintal de um vizinho
Que Mariinha se soltava

(Entram Mariinha e os irmãos, brincando de guerra de mamona)

Mariinha

Acertei! Acertei!

Augusto

Acertou nada!

Mariinha

Acertei sim!

Aloísio

Ela acertou uma em Dulcinha.

Dulcinha

(Chorando). Acertou sim! Ó o calombo!

Mariinha

Oh! Minha irmã me perdoe! Eu não queria lhe machucar.

Dulcinha

Tá bom! Tá bom!

Aloísio

Faz parte do jogo!

Augusto

Vamos lá em casa botar água e sal, que passa logo.

Mariinha

Vamos *(Todos saem)*.

Narrador

Foi assim, nesse ambiente

Que a menina se criou

Gostava muito de bola

E sempre que seu pai podia

Levava ela ao campo para assistirem ao futebol

Principalmente se o Ipiranga

O seu time preferido, no gramado era o maior

Mariinha e tia Madalena

Sempre iam às missas na Igreja de Santana

Após a missa, saíam a visitar as favelas

Levavam consigo remédios e alimentação

Buscando dar uma ajuda àquela população

(Entra um grupo de favelados, rodeando e pedindo esmolas)

Esmolé 1

(Mulher e filho). Ô Minha linda, meu filho tá com bronquite. Dá uma ajuda! Eu já perdi um e não quero perder o segundo.

Esmolé 2

(Apoiado em duas muletas). Feri meu pé e não estou podendo trabalhar. Pelo amor de Deus, me dê uma ajuda!

Esmolé 3

(Com um bebê nos braços). Preciso de dinheiro para enterrar meu filho, que morreu de desnutrição!

Esmolé 4

Eu tô com fome! Preciso de um pedaço de pão!

Esmolé 5

(Pai, mãe e um bebê). Eu e meus filhos estamos sem casa. A chuva que caiu, derrubou nosso barraco!

Tia Madalena

Calma! Calma! Aqui tem um remédio para bronquite. Aqui tem uma cesta com pão arroz e feijão. E aqui um dinheirinho para enterrar o anjinho. Agora, o senhor tem que ir à prefeitura pedir para lhe abrigarem provisoriamente!

Esmolé 5

Eles não recebem a gente!

Tia Madalena

Recebem sim! Vocês têm que se juntar e ir até lá! Eles não podem abandonar vocês assim, tem que conseguir uma abrigo provisório até resolver a situação!

(Mariinha vê aquilo tudo com espanto e compaixão. Os esmolés se afastam, formando pequenos grupos. Madalena e Mariinha falam)

Mariinha

É tão triste minha tia, ver tanta gente sofrendo! Como é que as pessoas veem isto e não fazem alguma coisa? Uns com tanto, outros sem nada?

Tia Madalena

Assim é o mundo, minha filha. Os poderosos sempre tem mais e mais, enquanto os miseráveis ficam no relento.

Mariinha

Dói muito ver esse povo todo assim no abandono.

Tia Madalena

Já está ficando tarde. Vamos embora?

Mariinha

Espera só um pouquinho. Eu vou dar esta blusinha para aquela garota! Eu tenho outra em casa.

(Elas se olham e Madalena dá um sinal de aprovação)

Mariinha

(Aproxima-se da garota e diz). Para você se proteger do frio!

(Abraça a menina que sorri)

Menina

Obrigada! Deus lhe pague. *(Ela e a tia Madalena vão saindo. A menina fica olhando a blusa e sorrindo).*

Narrador

Daquele dia em diante,
A casa de Dr. Augusto
Virou uma romaria.
A todo mundo Mariinha atendia
Sempre dando o que podia.
Seu pai chamava atenção da menina e dizia.

Dr. Augusto

Minha filha, não traga tantos mendigos para a porta de nossa casa.
Em pouco tempo, isto aqui vai virar um albergue.

Mariinha

A gente tem que amar ao próximo como a si mesmo.

Dr. Augusto

Mais do que esmola, eles precisam de assistência médica, educação e trabalho para sobreviver com dignidade.

Mariinha

Mas, enquanto isto não acontece, a gente tem que ajudar.

Dr. Augusto

Está bem, minha filha. Mas tudo tem limites. E, por favor, pare de pedir aos vizinhos ajuda para você fazer caridade, que eles já estão se incomodando.

Mariinha

Foi só seu Arquimedes, pai. Ele foi bruto comigo. Disse que eu deveria me preocupar com o dever de casa e esquecer tudo isto.

Dr. Augusto

Faça o bem! Mas não exagere.

Mariinha

Eu fico feliz assim, pai!

Dr. Augusto

Está bem! Mas não exagera. Você não vai resolver os problemas do mundo!

Mariinha

Mas, vou ajudar a melhorar. *(Ele sorri)*. O senhor não vai aos bairros cuidar dos doentes de graça? Das crianças?

Dr. Augusto

(Abraça-a e fala). Vou sim.

Mariinha

Então pai, eu também quero ajudar de alguma forma.

Dr. Augusto

Teimosinha, você! Está bem! Vamos ao jogo? Hoje tem o Ipiranga jogando!

Mariinha

Vamos sim! *(Eles saem)*.

Narrador

Casado em segundas núpcias

Dr. Augusto redescobriu o amor na pessoa de D. Alice.

Terezinha e Ana Maria nasceram desta união

Completando a família com a vinda das duas irmãs.

Muito jovem, Mariinha descobriu sua vocação

Certa do que queria, pediu as irmãs do Convento do Desterro

Para conversar com seu pai sobre a sua intenção

De se tornar uma irmã naquela congregação.

(Entram em cena, Dr. Augusto e Mariinha)

Dr. Augusto

Irmã Clara esteve aqui e conversou comigo sobre o seu desejo de entrar na vida religiosa.

Mariinha

E o senhor o que acha?

Dr. Augusto

Você é muito menina ainda. Espere mais um pouco, para estar certa de sua escolha.

Mariinha

Está bem. Se é assim que o senhor pensa. Eu vou seguir sua orientação. Mas a minha vontade é esta.

(Ela sai. Entra Dulcinha)

Dr. Augusto

Dulcinha, o que está acontecendo com sua irmã?

Dulcinha

Ela está muito diferente, papai. Nem brincar com a gente, ela quer mais. Agora deu para se esconder no galinheiro quando a gente vai para o quintal brincar.

Dr. Augusto

Ela não liga para as roupas que a Alice compra para ela.

Dulcinha

É. Eu insisto, faço ela vestir e ela desconversa. Diz que está guardando para alguém que precise mais do que ela. Ela disse que quer ser freira.

Dr. Augusto

É. Nós conversamos sobre isto.

Dulcinha

É a vontade dela, não é pai?

Dr. Augusto

É. Mas é muito cedo para uma decisão tão importante. Ela só tem 13 anos.

Dulcinha

Eu acho que ela tem muito do senhor. O senhor não ajuda o Abrigo dos Filhos do Povo na Liberdade? Eu vejo sempre o senhor levando cadernos, livros, consertando, pintando as salas, além de pagar aos professores.

Dr. Augusto

Ajudar é bom. Faz bem a gente.

Dulcinha

Então? Me parece que ela quer ajudar os pobres. Melhorar a vida de quem tem pouco ou nada para sobreviver.

Dr. Augusto

E você?

Dulcinha

Ah, eu quero estudar, me casar, ter filhos. A vida religiosa não me atrai. Eu gosto de festa, sair, me divertir com as colegas. Meu caminho é

outro. Quero ajudar, mas ter minha vida como todo mundo tem. Agora mesmo botei o meu vestido novo para ir ao aniversário de uma colega.

Dr. Augusto

Vá, minha filha! Vá se divertir! Faz bem a alma.

Dulcinha

Até mais pai.

(Abraça-o e sai. Mariinha entra)

Mariinha

Pai, eu posso ir para a casa de tia Madalena?

Dr. Augusto

Você adora ir para lá não é? Parece que você gosta mais de suas tias do que de mim, sua madrasta e seus irmãos.

Mariinha

Não é isto papai. É que fico o ano inteiro sem ver o mar. Agora que estou de férias, quero ir lá. E lá na Penha o mar é tão bonito. Eu gosto de ficar olhando aquele azul sem-fim.

Dr. Augusto

Está bem, minha filha, pode ir. Aproveite e pense se você realmente quer seguir a vida religiosa.

Mariinha

Lá, na paz e na quietude, eu posso ficar mais perto de Deus e meditar.

(Abraça ele e sai)

Dr. Augusto

É. Creio que a escolha já foi feita! Vou conversar com Alice e ver o que ela pensa.

(Dr. Augusto sai. Narrador entra e fala)

Narrador

Tinha então quinze anos,
Quando resolveu entregar-se a sua vocação,
Sem avisar a família foi ao Convento do Desterro
E através de irmã Clemência, uma antiga colega de escola,
Foi informada que poderia ser aceita e cumprir sua missão.
O seu irmão, Geraldo, ficou sabendo do fato,
Procurou Dr. Augusto que, uma vez informado,
Chamou Mariinha para conversar
E resolverem então o caminho a tomar.

(Entram Dr. Augusto e Mariinha)

Dr. Augusto

Minha filha, eu soube que você foi ao Convento do Desterro e foi aceita para entrar como missionária.

Mariinha

É papai. É o que eu quero. Agora eu tenho plena certeza.

Dr. Augusto

Está bem. Eu só lhe peço uma coisa. Espere mais um pouco até você se formar, e então você entra para o convento.

Narrador

E assim aconteceu
Em 1932 na Escola Normal da Bahia,
Mariinha se formou.
Mas antes da formatura,
Dr. Augusto a chamou
Para irem à cidade.
Adquirir um anel
Para a colação de grau
E ela então ponderou.

Mariinha

Paizinho, eu não quero nada, eu quero apenas ser freira.

Dr. Augusto

(Com lágrimas nos olhos). Está bem, minha filha. Eu respeito sua vontade. Mas nunca esqueça de seu pai e de todos nós desta casa, que temos muito amor por você.

Mariinha

Nunca, pai. Pode ter certeza. Eu quero espalhar esse amor que tenho por vocês, mundo afora. Aumentar esta família com muita gente que precisa de uma mãe para receber um pouco de carinho, de atenção... *(Os dois se abraçam. O pai sai, e ela fala para si mesma).* A saudade vai me acompanhar. Mas eu não posso deixar de seguir minha missão. Estou feliz por seguir meu caminho, mas triste por deixar os meus...

(Dr. Augusto sai e Terezinha, sua filha caçula, entra e fala)

Terezinha

Mariinha deixa eu ir com você?

Mariinha

Não pode meu bem, lá só entra freira.

Terezinha

Mas eu vou dentro da mala. Você faz uns furos nela pra eu respirar, e quando chegar lá não tem mais jeito, ninguém vai me expulsar.

Mariinha

Não pode, irmãzinha. Eu tenho que ir só. Mas eu voltarei sempre que puder para a gente brincar.

(A luz apaga em Mariinha e Terezinha que saem e acende no narrador)

Narrador

Preparado o enxoval,
 Doado por seu padrinho,
 O trem, Mariinha pegou
 Que a São Cristóvão a levou
 No estado de Sergipe,
 Onde o convento ficava,
 Enquanto atravessava as matas,
 Olhando o azul do céu,
 Em cada nuvem passada
 Uma lembrança trazia
 Dos entes queridos
 Que em Salvador ficara
 Mas, um outro Salvador, por ela esperava
 Para fazer renascer
 A esperança e o amor
 Na missão que lhe aguardava.

(Luz sai do narrador e acende em Mariinha que fala)

Mariinha

É necessário estarmos de coração generosamente atento ao convite que Cristo nos faz, independentemente de qualquer condição humana. Nós somos como um lápis com que Deus escreve os textos que ele quer ditos nos corações dos homens.

(Entra irmã Prudência e as duas conversam)

Irmã Prudência

Minha filha, irmã Joana estranhou esta boneca que foi encontrada quando eu e você desfazíamos as malas. Você se separou de tantas pessoas e não teve coragem de se separar dela?

Mariinha

(Faz um sinal negativo com a cabeça). Ganhei quando eu tinha quatro anos. Eu não queria tomar um purgante de óleo de rícino, e fui para debaixo da cama. Minha avó me disse que me daria uma boneca se eu tomasse. Aí eu tomei.

Irmã Prudência

Está bem, pode ficar com ela então.

(A luz apaga nas duas e acende no narrador)**Narrador**

Em seu tempo no Convento,
Alegre Mariinha acordava,
Suas companheiras estranhavam
Os sonhos que ela almejava,
Ela falava em correr mundo
Ajudando o povo carente de tudo que precisava.
Em 15 de agosto de 1933,
Com um vestido de noiva,
No noviciado entrava.

(Duas noviças e Mariinha entram vestidas de noiva em procissão e cantam)

O santo alvor que no céu despontou / Qual noiva zelosa minha alma acorda / Grinalda de flores ir ter com Jesus / Rei da pureza que a enche de luz / O rei da pureza, pureza que a enche de luz / Qual servo ferido de flecha feroz / Em busca da fonte não vai mais veloz / Do que o esposo em santo ardor / Que a alma procura com tanto amor / Que a alma procura, procura com tanto amor.

(Um sacerdote fala)**Sacerdote**

Que a paz do Senhor esteja conosco e esteja sempre presente no caminho que escolheste. Que a luz ilumine a vossa caminhada.
Joana Silva da Costa, você quer fazer parte da congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus?

Joana

Sim.

Sacerdote

Maria da Glória Sacramento, você quer fazer parte da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus?

Maria da Glória

Sim.

Sacerdote

Maria Rita Lopes Pontes, você quer fazer parte da Congregação da Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus?

Mariinha

Sim.

Sacerdote

De hoje em diante, não te chamarás mais Maria Rita Lopes Pontes, e sim Irmã Dulce.

(Entra a mestra das noviças e tira os véus de noiva. Corta os cabelos das noviças em forma de cruz. Ouve-se a música de fundo. O padre fala)

Sacerdote

Repitam comigo! Recebo Senhor a minha herança. Senhor,
sois vós que substituirei, tornando-me para mim a única herança.
(Elas repetem o que o padre diz).

(Saem as três noviças. O coro canta o canto inicial da celebração eucarística. Elas retornam já vestidas com os hábitos de freira. A luz apaga nos atores que saem e acende no narrador)

Narrador

Mais uma vez o destino
Surpreendia a Maria
Após fazer sua profissão de fé,
A Madre Superiora
Informou-lhe que para a Bahia ela voltaria,
Além do nome da mãe,
Mariinha, ganhou de seu pai
O anel de casamento,
Que uma vez transformado como noiva de Cristo, lhe afirmaria.
Voltando a Salvador,
Irmã Dulce trabalhou no Sanatório Espanhol,
Fez curso prático de farmácia,
Buscando a seus doentes
Servir e dar melhorias.
Na sua Congregação,
No Colégio Bernadete,
Deu aulas de Geografia,

Mas a sua grande meta era entregar-se aos pobres,
Que habitavam as periferias.

(Entra irmã Fausta e a Madre Provincial, que falam)

Irmã Fausta

Não sei o que está acontecendo com Irmã Dulce. Parece que ela só pensa nos pobres. Faz pouco, ela me pediu licença, para, junto com duas moças, abrir um curso noturno para os operários no Clube de Regatas Itapagipe. Acho melhor deixá-la somente na missão de caridade, caso contrário, sem querer ela vai acabar prejudicando as noviças.

Madre Provincial

Assim seja feito. Deixemos que ela siga sua missão.

(Elas saem. A luz no narrador)

Narrador

Ao saber da decisão,
Irmã Dulce chorou de emoção,
E começou o seu trabalho
Junto ao povo carente,
Que considerava irmão,
Andando por palafitas,
Com a ajuda de dois amigos,
O doutorando Bernadino Morais
E Dr. Edgar Méier,
Ela pregava a palavra de Deus
Dava esmolas e os doentes visitava
Nos barracos que construíam para sua proteção.
Com a receita na mão,
Seguia a sua missão
Pedindo amostras de remédios, nas farmácias da cidade
E a todos os cidadãos de posse,
Que pudessem contribuir com aquela população,
Foi numa dessas visitas que Irmã Dulce encontrou
Um garoto à beira da morte.
E, ela compadecida, livrá-lo da morte tentou.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e uma criança, que é jornaleiro)

Jornaleiro

Minha tia, eu vendia jornal, mas adoeci. Estou doente e não tenho como comprar pão. Me dê uma ajuda.

Irmã Dulce

Claro, meu filho. O que você sente?

Jornaleiro

Dor nos ossos, calafrio, febre e desmaio.

Irmã Dulce

Onde é que você mora?

Jornaleiro

Eu tenho dormido na rua. Meu pai e minha mãe moram longe, em Santo Antônio de Jesus. Eles não têm condição também.

Irmã Dulce

Meu filho, o que você tem é malária. Precisa de assistência médica. Venha comigo.

(Eles saem)

Narrador

Irmã Dulce e o garoto foram ao Sanatório Espanhol,
Onde ele foi medicado e também alimentado.
Mas não era possível deixar o garoto internado,
Uma vez que na enfermaria
Todos os leitos já estavam ocupados
Irmã Dulce, então pensou.

Irmã Dulce

Venha comigo, meu filho. Deus vai nos ajudar. Eu sei onde tem um lugar com casas desocupadas. Vista este agasalho e vamos até lá. Na rua, você não vai ficar.

Narrador

E então eles seguiram
Para a Ilha dos Ratos,
Uma área na Cidade Baixa
Onde muitas casas fechadas estavam desabitadas.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce. O menino e alguns transeuntes, inclusive um banhista. Irmã Dulce dirige-se ao banhista e fala)

Irmã Dulce

Ô, meu filho, arrombe a porta daquela casa abandonada, que esse garoto precisa de abrigo.

Banhista

Deus me livre! Paga caro qualquer pessoa que invade propriedade!
A senhora enlouqueceu, Irmã? Quer invadir casa alheia, e vem pedir logo a mim? A casa tem dono, e ele não vai gostar nada!

Irmã Dulce

Eu sei que a casa tem dono! Mas faça o que estou lhe pedindo! Deixe por minha conta! Eu preciso abrigar este menino! Se não fizermos, isso o garoto não vai resistir.

Banhista

Está bem, Irmã. Mas, quando o dono chegar a senhora responde pelos seus atos.

(A luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

O homem arrombou a casa,
Irmã Dulce entre os escombros
Uma cama encontrou,
Foi à casa de uma amiga,
A senhora Florentina,
Que um lençol e um travesseiro lhe entregou.
Passaram na padaria,
Leite e bolacha compraram,
Trouxeram também um fifó
Para iluminar a casa,
Onde o pequeno ficara.

Florentina

Irmã, tem uma mulher coberta de chagas lá na Ribeira, embaixo de uma tamarineira. A prefeitura não tomou nenhuma providência. Ela não consegue nem andar.

Irmã Dulce

Eu vou até lá. Não se pode abandonar um irmão assim. Temos que nos habituar a voz do coração. É através dela que Deus fala conosco e nos dá a força que necessitamos para seguir em frente, vencendo os obstáculos que surgem na nossa estrada.

Florentina

Lá na Rua da Lanterna, no bairro de Maçaranduba, um homem ficou sem poder andar por causa de uma tuberculose e caiu numa caverna.

Irmã Dulce

Eu vou arranjar uma carroça e pegar ele também. Tome conta do garoto. Não esqueça o medicamento.

Florentina

Não se preocupe, Irmã.

Narrador

Caía uma segunda porta
E se alastravam os boatos.
Uma freira arromba as casas
Ali na Ilha dos Ratos,
O local está povoado por pessoas
Que da vida nada mais já esperavam.
Sabendo do ocorrido
O dono das casas
Foi a Polícia denunciar a ação,
E o chefe do 4º Centro
Procurou Irmã Dulce para pedir explicação.

(Irmã Dulce vem receber o chefe da Polícia)

Chefe de Polícia

Como é que a senhora invade as propriedades? Que direito a senhora tem sobre elas? A senhora está estimulando as pessoas a fazerem invasões.

Irmã Dulce

Meu senhor, estas pessoas estavam abandonadas, mal-alimentadas e doentes. Eles também não têm direito a vida? O que eu fiz foi ocupar lugares que não eram usados, para salvar a vida desses pobres irmãos que não têm ninguém por eles. O senhor pode entrar, e ver por que eu agi assim.

Narrador

O policial foi nas casas,
Apesar de contrariado,
Por algum tempo ficou.
Mas ao perceber a agonia de cada canto visitado,
Foi até um armazém
Comprou alguns alimentos
E deixou com os flagelados.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e no jornaleiro)

Jornaleiro

Ele veio, saiu e voltou com comida para a gente. Mas do jeito que ele se foi, deixou nós todos amedrontados.

Irmã Dulce

Rezem para que as coisas tomem um rumo diferente.

(A luz apaga neles e acende no narrador)**Narrador**

Logo depois da Polícia,
Chegou o dono das casas,
Nervoso e muito alterado,
Dando logo o seu recado.

Dono da Casa

Como é que a senhora invade o que não é seu e enche de gente? Onde é que está a sua razão?

Irmã Dulce

Cristo nos ensinou a dar o anzol, e não o peixe aquele irmão necessitado. Mas também nos disse para dar água a quem tem sede e pão a quem tem fome. Então é preciso entender que um faminto pode não ter forças nem mesmo para pescar. Nesse caso, antes de lhe dar o anzol, precisamos lhe dar água e pão e, além de famintos, estão doentes. O senhor pode ver com seus próprios olhos.

Narrador

Assim fez o dono das casas,
Entrou e se deparou com aquele triste caso,
Mas ao sair demonstrou que tinha sido tocado
E agora, comovido, disse à Irmã Dulce, abalado

Dono da Casa

Quem está, fica. Mas por favor não traga mais ninguém. Eles ficam até a senhora achar um canto para ir ou até quando Deus chamar. As casas vão entrar em obra, assim que a senhora desocupar elas todas.

Irmã Dulce

Eu agradeço em nome do Divino e prometo ao senhor que vou tomar providência para transportá-los.

Dono da Casa

A bênção, Irmã?

Irmã Dulce

Deus lhe abençoe.

(Ele sai. Irmã Dulce pensa consigo mesma)

E agora, Senhor? O que fazer com estes irmãos? Só tem uma solução.
Eu vou levá-los para os arcos da Igreja do Bonfim. Eu consigo umas
folhas de zinco e protejo os irmãos da chuva.

(A luz apaga nela e acende no narrador. Enquanto o narrador fala, se vê Irmã Dulce, os mendigos e ajudantes levando colchões, cama, travesseiros e se instalando)

Narrador

E foi assim minha gente,
Que a frente dos seus doentes
Irmã Dulce caminhou,
Buscando um abrigo novo para aquele povo carente.
Após serem acomodados
Embaixo daqueles arcos,
Conhecedor do fato
Wanderlei de Pinho, o prefeito,
Reclamou da nossa Irmã,
Uma vez que o lugar ocupado
Por turistas de todo o mundo
Era sempre visitado.

(A luz sai do narrador e acende no prefeito e Irmã Dulce)

Wanderlei de Pinho

A senhora não vê o absurdo que está fazendo? Colocar mendigo aqui?
Isto é ponto turístico. Estes arcos são conhecidos além-fronteiras.
Imagine essas barracas de zinco aparecendo nas fotos.

Irmã Dulce

Eles também são filhos de Deus! E merecem ser mais bem tratados!

Wanderlei de Pinho

Mande de volta de onde vieram.

Irmã Dulce

Eles vieram de todos os cantos e na cidade estão espalhados. Se o
senhor andar pela cidade, verá a miséria espalhada por todos os lados.

Wanderlei de Pinho

Não, aqui eles não ficam. Retire-os imediatamente. Do contrário sairão
com a Polícia.

Irmã Dulce

Se fôssemos mais conscientes do que somos, não haveria tanta miséria no Brasil. Teríamos uma ação coletiva mais efetiva, e a ação oficial não seria tão mínima. Mas o senhor pode ter certeza que eu vou encontrar o lugar para abrigar estes pobres coitados.

Wanderlei de Pinho

Boa sorte, Irmã. Mas aqui eles não vão ficar. Entenda, a cidade tem que estar pronta para agradar os turistas.

Irmã Dulce

E os que vivem aqui abandonados, convivendo com a miséria?

(Eles se olham e ele sai. Os mendigos entram aflitos e abraçam Irmã Dulce)**Irmã Dulce**

Não há de ser por isso que vocês ficarão no relento. No Jardim da Madragoa, tem um mercado abandonado. O Mercado dos Peixes. É para lá que nós vamos.

Narrador

E então mais uma vez
Foram todos para o mercado,
E lá eles se instalaram.
Contudo, sabendo do ato, o prefeito mais uma vez
Impediu que eles ficassem
E o sonho da nossa Irmã uma vez mais foi frustrado
Mas movida pela fé, a vontade
E a decisão de ajudar
Pedi a Madre Superiora
Para o galinheiro do convento usar.
E assim daquela gente continuar a cuidar.

(Entram Irmã Dulce e a Madre Superiora)**Irmã Dulce**

Agora eu estou em paz. Ninguém mais vai reclamar comigo por estar arrombando casas. Aos poucos, eu vou melhorando as condições para acomodar os doentes. Já consegui muitas camas, e o chão vai ser forrado com tábuas de tapumes, que consegui de algumas obras em acabamento.

Madre Superiora

Irmã, onde a senhora colocou as galinhas?

Irmã Dulce

(Sorrindo). Na barriga de meus filhos.

Madre Superiora

(Sorrindo). Fez bem, Irmã.

Irmã Dulce

Sigo a orientação divina. Dei de comer e beber aos que têm fome e sede de justiça.

(As duas se abraçam. Apaga a luz em Irmã Dulce e na Madre Superiora e acende no narrador)

Narrador

O trabalho de Irmã Dulce
Pela cidade se espalhava,
E vários profissionais
A sua causa abraçavam,
Buscando com todo amor
Para aquela gente humilde
Alguma forma de amparo
Um deles, frei Hildebrando
Seu guia espiritual,
Com a Irmã trabalhou, ajudando
A mudar o triste quadro social.

(Entram o frei Hildebrando e Irmã Dulce conversando)

Frei Hildebrando

Precisamos reunir os operários nas fábricas e criar um sindicato para que eles lutem por seus direitos.

Irmã Dulce

Eu tenho feito contatos com eles. Eles não gozam de nenhum benefício, não têm assistência médica, não têm nada. Estive em várias fábricas em Itapagipe e outros bairros próximos e ofereci os serviços de um posto médico, que consegui instalar numa casa velha, ao lado da Oficina Baiana de Navegação. Eu proponho que o trabalho se inicie por Itapagipe, aproveitando os contatos que já fiz.

Frei Hildebrando

Acho uma boa ideia. Nós da Congregação Mariana damos total apoio.

(A luz apaga em Irmã Dulce e frei Hildebrando, acendendo no narrador)

Narrador

Estamos em 1935, uma primeira reunião foi feita,
 Mas só compareceram 4 homens e 6 mulheres
 Irmã Dulce foi aconselhada a desistir da ideia
 Mas a sua vontade firme moveu adiante o projeto
 E, numa segunda reunião, 200 operários se reuniram com ela.
 Desse encontro, o benefício foi a União Operária de São Francisco.
 À medida que crescia havia um posto médico, uma farmácia e uma
 cooperativa de consumo,
 Que servia de referência para uma obra, que resultaria no Círculo
 Operário da Bahia.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e frei Hildebrando)

Frei Hildebrando

O número de associados tem crescido cada vez mais. O núcleo de Itapagipe não tem mais espaço para o número de pessoas que nos procuram.

Irmã Dulce

O que fazer?

Frei Hildebrando

Penso em construir dois centros maiores. Um no centro e outro em Itapagipe.

Irmã Dulce

Então, vamos à luta.

(Luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

E foi assim, meus senhores,
 Que Irmã Dulce correu toda Salvador
 Pedindo ajuda de todos,
 Lutando com muito fervor.
 Comovido com os apelos
 Feitos pela querida amiga,
 O engenheiro Norberto Odebrecht
 Ajudou-a a dar a partida
 Numa obra que para sempre seria reconhecida.

Norberto Odebrecht

Irmã, a senhora já tem o terreno?

Irmã Dulce

Tenho sim. Eu recebi de doação da União.

Norberto Odebrecht

Então, conte comigo. Eu farei o projeto.

(Eles se abraçam)

Irmã Dulce

Obrigada, irmão.

(A luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

Ousada e corajosa,
Tudo a Irmã fazia
Para conseguir o que queria
E foi assim que aproveitou uma visita do presidente Dutra à Bahia,
Juntou uma porção de crianças,
Cercando a comitiva que a autoridade trazia.

(A luz sai do narrador e acende em Irmã Dulce e várias crianças, que cercam o presidente)

Irmã Dulce

Senhor presidente, eu e essas crianças queremos que o senhor conheça
uma obra de Deus. Uma obra em construção que precisa de seu apoio.

(Os dois se cumprimentam beijando as mãos um do outro. A luz apaga neles e nas crianças que saem e acende no narrador)

Narrador

Essa sua travessura resultou na liberação
De uma verba de oito milhões de cruzeiros velhos,
Com os quais o Centro Operário, sua obra completou.
Na sua luta contínua para espalhar alegria,
Com a ajuda do irmão frei Hildebrando, a Irmã sempre contou
E enquanto em Itapagipe o edifício Roma subia,
Lá no centro da cidade um outro edifício,
O Pax, frei Hildebrando construía
E foi assim, com muita labuta,
Que em 1948 os dois prédios aos operários serviam.

(Narrador se integra a Irmã Dulce e frei Hildebrando e os operários. Ela fala)

Irmã Dulce

Se cada um fizer a sua parte, se cada pessoa se conscientizar de seu papel, estaremos concorrendo para melhorar as condições de vida da sociedade em que vivemos. Hoje, inauguramos este prédio. Quero agradecer em especial ao meu pai Augusto, a minha irmã Dulcinha, ao presidente Eurico Gaspar Dutra e ao meu amigo e irmão Norberto Odebrecht. Neste espaço, vocês terão consultórios médicos, gabinetes dentários, laboratórios, farmácias, cursos de primeiras letras, cursos profissionais de datilografia, corte e costura, arte culinária, oficina de aprendiz de sapateiro, alfaiate e marceneiro, além de um amplo salão para se divertirem com jogo de bilhar, sinuca e pingue-pongue.

Operário

Em meu nome e de todos que aqui estão, quero agradecer a senhora e ao frei Hildebrando por tudo que tem feito por nós.

Irmã Dulce

A vida é uma luta contínua e temos que enfrentar as coisas que nos apresentam com espírito de fé.

(Luz apaga em Irmã Dulce, frei Hildebrando e operários, acendendo no narrador)

Narrador

Em 1937, o Círculo Operário da Bahia
Começava suas atividades no núcleo de Itapagipe
Paralelo às atividades do círculo, a Irmã buscou auxílio oficial
Para, numa casa abandonada,
Construir um colégio, onde as crianças de Maçaranduba pudessem lá
estudar.
E foi assim que o primeiro colégio público da Bahia se erguia.
Em primeiro de maio de 1939,
O Colégio Santo Antônio era então inaugurado
Para educar as crianças que eram filhas dos operários.
O Círculo Operário da Bahia mais e mais gente reunia.
E sua manutenção difícil ficaria.
Irmã Dulce e frei Hildebrando, apesar dos obstáculos,
Buscavam alternativas para dar continuidade ao sonho que lhes movia.

(A luz sai do narrador e acende em Irmã Dulce e frei Hildebrando)

Irmã Dulce

Está difícil manter o círculo. As dívidas são muitas, e algumas atividades estão sendo prejudicadas.

Frei Hildebrando

Precisamos de uma fonte de renda para que ele sobreviva. Onde e como conseguir recursos para mantê-lo?

Irmã Dulce

Eu tenho uma ideia. Todos procuram diversão. Se nós construíssemos um cinema, teríamos uma renda para manter o círculo.

Frei Hildebrando

Um cinema?

Irmã Dulce

É. por que não? O povo está entusiasmado com este novo entretenimento. Com a exibição dos filmes, podemos usar a bilheteria para manter o círculo.

Frei Hildebrando

(Sorrindo) Vamos virar empresários!

Irmã Dulce

Não precisamos de dinheiro? Esta é uma saída.

Frei Hildebrando

Ta aí, vamos promover a cultura e ao mesmo tempo dar continuidade as nossas atividades sociais. Gostei da ideia. Conte comigo. *(Os dois se abraçam, luz apaga nos dois e acende no narrador).*

Narrador

Com o apoio dos Franciscanos
Três cinemas a Irmã construiu
O cine Roma, o São Caetano
E o Plataforma
Divertindo e educando sua missão prosseguia
Criando assim condições para o pleno funcionamento
Do Círculo Operário da Bahia

Irmã Dulce

Bem, preciso agora construir um albergue maior para atender melhor meus irmãos. Tem muita gente precisando de assistência médica e carinho.

Frei Hildebrando

Você não está com eles instalados no galinheiro do convento?

Irmã Dulce

O espaço é pequeno. É tudo provisório. Eles merecem um espaço melhor, com boas instalações.

Frei Hildebrando

Você é persistente.

Irmã Dulce

A vida é uma luta contínua, e temos que enfrentar as coisas que nos apresentam com espírito de fé.

Frei Hildebrando

Tem um médico à sua espera. Ele trouxe uma mulher doente que estava abandonada numa invasão em Ondina e quer falar com você.

Irmã Dulce

Traga ele aqui. *(Frei Hildebrando sai e ela fala consigo mesma)*. O importante é o amor, a caridade. A caridade de uma pessoa para outra, sem distinção. A esmola ajuda um pouco, não resolve o problema, mas todos devem ajudar-se mutuamente.

(Frei Hildebrando, Dr. Renato e a esposa entram)

Médico

Sua bênção, Irmã?

Irmã Dulce

Deus lhe abençoe, meu filho.

Esposa

Sua bênção, Irmã?

Irmã Dulce

Deus lhe abençoe, minha filha.

Médico

Quem receita os seus doentes?

Irmã Dulce

Eu mesma. Da minha cabeça e da minha vontade de salvá-los.

Médico

Pois bem. Se a senhora permitir, de hoje em diante vou ajudá-la. Meu nome é Renato Lobo. Eu sou médico. Virei duas vezes por semana. Minha esposa vai ajudar também.

Irmã Dulce

Deus lhe agradece, meu filho. Só com amor, fé e dedicação é possível transformar a realidade em que vivemos.

(Eles beijam a mão dela e saem)**Frei Hildebrando**

(Entrando). Irmã, o que é que aquela imagem de Santo Antônio está fazendo ali fora de cabeça para baixo?

Irmã Dulce

Quando Dulcinha adoeceu, eu fiz uma promessa a ele que dormiria sentada numa cadeira pelo resto da minha vida. E Dulcinha ficou curada. Tem um terreno vazio do lado do terreno, onde eu quero construir o albergue. Eu deixei ele lá no terreno de castigo, até eu realizar a construção.

Frei Hildebrando

Então pode tirar ele do castigo.

Irmã Dulce

Por quê?

Frei Hildebrando

O governador Juracy Magalhães ficou muito sensibilizado com seu albergue improvisado no galinheiro e irá lhe ajudar a conseguir o terreno para construir um maior com tudo que é necessário.

Irmã Dulce

Vou lá agora mesmo tirá-lo do castigo e fazer uma procissão.

(A luz apaga nos dois e acende no narrador)**Narrador**

Ao completar 25 anos
De vida religiosa,
Em 1959, Irmã Dulce foi homenageada
No dia 15 de agosto, em suas bodas de prata.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e Dulcinha)**Dulcinha**

Veja bem, minha irmã, o Círculo Operário está preparando uma festa em sua homenagem.

Irmã Dulce

Você sabe que eu não sou muito de cerimônias. O melhor que poderia acontecer é concluir as obras do albergue.

Dulcinha

Não se preocupe. As obras estão adiantadas. Está tudo caminhando bem.

Irmã Dulce

Eu sei. Eu sei. Mas eu quero ver tudo pronto, as instalações em ordem. Tudo que é necessário para atender bem meus irmãos.

Dulcinha

Fique tranquila. Além da homenagem, você vai receber os estatutos da Associação Obras Sociais Irmã Dulce.

Irmã Dulce

Por que meu nome? Por que não Santo Antônio?

Dulcinha

Nós colocamos o nome de Santo Antônio no albergue, mas, as obras foram feitas graças a seus esforços. As pessoas vão sempre associar os pobres a você. É justo que leve o seu nome.

Irmã Dulce

Está bem, Dulcinha.

Dulcinha

Os estatutos foram escritos por papai e serão entregues a você por D. Lavínia Magalhães, a esposa do governador.

Irmã Dulce

Está bem. Mais importante que toda essa cerimônia é ter esse albergue pronto.

(Luz apaga nas duas e acende no narrador)

Narrador

Assim, um ano depois,
 O albergue era inaugurado,
 Cem leitos estavam prontos
 Para atender os humildes que viviam no abandono.
 Aquele albergue com o tempo
 Se transformaria no Hospital Santo Antônio.
 Tido no Norte e Nordeste como o maior da região,
 Funcionando na base da doação,
 Abrigando todo mundo carente de cuidado e também de atenção.
 À noite convida ao sonho
 Mas nem todos podem sonhar

Especialmente a gente humilde
Que Irmã Dulce queria ajudar
Andando na rua, Pedro,
Esperto, em seus oito anos,
Ouvindo os gritos de uma criança chorando
Atento apurou o ouvido
Chegando a um túnel de lixo
Mexendo, encontrou um bebê
Comovido o garoto pegou
E ao chegar em casa, para a sua mãe falou

Pedro

Mãe, olha o que eu achei dentro da lata de lixo.

Mãe

Meu Deus! É um garotinho! Mas nós somos muito pobres para ficar com ele, meu filho! Vamos a polícia amanhã pra ver se encontramos a mãe dele.

Pedro

A mãe dele? Se ele tem é melhor não entregar a ela, uma mãe que deixa um filho numa lata de lixo! Não. Eu como menos e dou metade para ele, dou banho, ajudo a cuidar do menino.

Mãe

Está bem, meu filho. A gente tem pouco, mas uma boca a mais, uma boca a menos, não vai fazer muita diferença.

(Os dois saem com o garoto. A luz acende no narrador)

Narrador

A mãe de Pedro sofria
De uma tosse sem-fim
Que dia a dia aumentou.
Por falta de tratamento
A doença se agravou,
E assim desprotegida
Da vida se separou

(A luz morre no narrador e acende em Pedro)

Pedro

E agora? O que vou fazer? Estamos sozinhos no mundo. Eu e Pingo de Piche. Eu vou no albergue vê se eles podem ficar com o bebê.

(A luz morre nele e acende no narrador)

Narrador

E assim ele procedeu
Ao chegarem no albergue
Irmã Dulce os recebeu

Pedro

Eu perdi a mãe de tosse. E este garoto, eu achei na lata do lixo. A gente não tem onde ficar.

Irmã Dulce

Aqui você é bem-vindo. Quem te mandou aqui foi Deus. *(Pega o bebê e beija)*. Como é mesmo o nome dele?

Pedro

Pingo de Piche é o apelido. Ele não tem nome ainda.

Irmã Dulce

Vamos escolher um nome para ele e batizá-lo. Nós estamos com 80 garotos no albergue, você vai dividir sua cama com ele.

Pedro

(Beijando a mão de Irmã Dulce). Obrigado.

Irmã Dulce

É Deus quem está fazendo isto por você. Agradeça a ele.

Pedro

Certo, Irmã. *(Entra uma freira e estranha a presença de um bebê)*.

Freira

Mais gente, Irmã? Como vamos acomodá-los?

Irmã Dulce

Tem um colchão que chegou hoje. Assim que conseguir uma cama, arrumamos para eles. Por favor, dê alguma comida e leve-os para o dormitório. Devem estar muito cansados.

Freira

Irmã, é necessário limitar o número de crianças no albergue. Elas perturbam muito os mais velhos, fazem muito barulho e algazarra.

Irmã Dulce

É natural. São crianças. Mas, vamos fazer uma campanha com os que querem trabalhar. Arranjar coisas para eles fazerem e pagar pelo serviço prestado. Nunca chegarão a descobrir a dignidade do

trabalho se não forem pagos. Vamos abrir contas no banco em nome de cada um. O Banco da Bahia está disposto a dar um prêmio aos que conseguirem ganhar e depositar a maior importância.

Freira

Dr. Frank quer falar com a senhora.

Irmã Dulce

Por favor, peça que ele entre. *(A freira sai e entra com Dr. Frank)*

Dr. Frank

Boa-tarde, Irmã.

Irmã Dulce

Boa-tarde, doutor. E então já está mais acostumado ao clima baiano?

Dr. Frank

Já sim. É bem diferente dos Estados Unidos. Mas tem um sol, um mar e um povo que encanta qualquer pessoa.

Irmã Dulce

O senhor que falar comigo?

Dr. Frank

É sim. Eu estive pensando e acho que seria melhor construir ou adaptar um espaço para abrigar as crianças.

Irmã Dulce

Eu concordo, tem um galpão do outro lado da rua, mas fica num terreno alagado.

Dr. Frank

Podemos aterrar a área.

Irmã Dulce

É possível. Eu conheço o dono do terreno. Vou até lá falar com ele. É um português, o senhor Martins. Ele mora na Barroquinha.

Dr. Frank

Se a senhora quiser eu lhe acompanho.

Irmã Dulce

Vamos lá, então.

(Eles saem. Luz acende no narrador)

Narrador

O português, Sr. Martins,
Deu plena permissão

Para ocuparem o galpão.
A Fundação Fullbright
Sabendo do trabalho da Irmã
Fez a compra do terreno.
O Exército e a Marinha toda a área aterrou
E mais um novo espaço
Irmã Dulce conquistou.

(Entram Dr. Frank e Irmã Dulce e falam)

Irmã Dulce

Precisamos dar instruções básicas para as crianças. Contratei duas professoras para dar aulas a elas.

Dr. Frank

Excelente. Gostei muito também da carpintaria que foi montada. O carpinteiro é muito bom. As crianças vão aprender uma profissão.

Irmã Dulce

Tem uma alfaiataria onde eles farão roupas para eles e também para os albergados. Tem uma padaria, que faz 150 pães por dia para o nosso consumo, e uma ferraria, que faz cestas de flores para vender e reinvestir na manutenção do galpão.

Dr. Frank

Tem um grupo de voluntários que querem ajudar a desenvolver o trabalho com as crianças. Tem um médico conterrâneo. Dr. John Curns, de Illinois, que ficará um ano fora da clínica dele e trabalhará aqui conosco. Ele faz parte dos Voluntários Papais.

Irmã Dulce

Tudo depende da nossa persistência. Nunca imaginei que conseguiria chegar onde estamos chegando. A solidariedade dos voluntariados e os apoios recebidos me estimulam a continuar.

Dr. Frank

Com certeza, Irmã. Aqui existem pessoas sensíveis, que têm o prazer em ajudar ao outro. É uma atitude inteligente. Se o cidadão tem seus direitos respeitados, a violência que resulta da miséria será menor.

Irmã Dulce

Se fôssemos mais conscientes do que somos, não haveria tanta miséria no Brasil. Teríamos uma ação coletiva mais efetiva e a ação oficial não seria tão mínima. Eu vou sair na camionete, coletando papéis usados para serem reciclados numa fábrica de papéis em Amaralina.

Dr. Frank

Eu vou visitar meus pacientes.

(Eles saem. A luz acende no narrador)**Narrador**

Em 1964,

O Centro de Recuperação dos Menores Abandonados se expandia.

Dr. Lomanto Junior, então governador,

Uma fazenda em Simões Filho

Para Irmã Dulce doou,

Com mais espaço e equipamentos.

As suas atividades, o centro aumentou.

Em suas andanças noturnas,

Irmã Dulce encontrou com Raimundo Terror,

Um menino de rua com cerca de 11 anos,

Marcado pela violência e também por muita dor.

Ao vê-lo dormindo,

No canto de uma calçada

Para o Hospital Santo Antônio

Irmã Dulce o levou

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e Raimundo Terror)**Raimundo**

O que será isto aqui? Tomei banho, ganhei um prato de comida, não estou entendendo nada. Será que é um reformatório de meninos? Não. Têm muitos velhos aqui também. Por que eu estou aqui e não na rua? No meu canto. (*Dirigindo-se a Irmã Dulce*). Irmã! Irmã!

Irmã Dulce

O que é, meu filho?

Raimundo

Por que a senhora me trouxe para cá?

Irmã Dulce

Para cuidar de você. Você estava dormindo na rua, no sereno. Eu passei por lá, vi você, e achei melhor trazê-lo para cá. Amanhã é sábado, você vai comigo para Simões Filho. Lá, eu tenho outros garotos como você. Você vai poder brincar, estudar e vai ganhar muitos irmãos. (*Raimundo Terror a olha desafiando*). O que é?

Raimundo

Eu só vou para este lugar se a senhora me arranjar uma vaca para eu tomar conta.

Irmã Dulce

Eu vou conseguir.

(A luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

Num posto de gasolina,
A vaca que procurava,
Irmã Dulce encontrou,
E dando 200 contos
A vaquinha ela comprou.

(Luz apaga em Irmã Dulce e Raimundo Terror)

Irmã Dulce

Está satisfeito com a sua vaca?

Raimundo

Estou. Mas eu queria também que a senhora me conseguisse um chapéu de vaqueiro.

Irmã Dulce

Tudo bem. Eu vou conseguir. *(Ela sai)*.

Raimundo

Está tudo muito bem, mas a vida aqui é muito quieta. Eu gosto mesmo é da rua. É para lá que eu vou voltar.

Narrador

Durante mais de dois anos,
Raimundo entrava e saía.
Certo dia, ele chegou,
Irmã Dulce procurou,
E assim ele falou.

(Entram Irmã Dulce e Raimundo Terror)

Raimundo

Irmã, eu encontrei minha mãe. Vim lhe pedir uma coisa. Será que dava para senhora me arrumar um jegue?

Irmã Dulce

Dá, sim

Raimundo

Com o jegue, eu vendo água para ajudar a ela.

Narrador

Algum tempo depois,
Raimundo voltou mais uma vez
O que Raimundo queria era uma mula dessa vez.

Irmã Dulce

Uma mula?

Raimundo

É, uma mula para puxar minha carroça. Eu estou com uma carroça.

Narrador

E ele ganhou a mula,
Mas, como vivia solta,
A fiscalização municipal prendeu o pobre animal,
Raimundo, então aflito,
Foi procurar a Irmã
E pedir que ela falasse com o diretor da fiscalização
Para arranjar uma liberação.

Irmã Dulce

Eu vou mandar uma carta para o diretor e pedir que soltem o animal.

Raimundo

Obrigado, Irmã.

Narrador

Um dia, o animal picado por uma cobra morreu,
Raimundo já era adulto
E nos seu 18 anos aprendeu a ser chofer.
Certo dia,
Ensopado, choroso e desesperado,
Procurou por Irmã Dulce,
Pois tinha plena certeza que ela estaria ao seu lado.

(Luz acende em Irmã Dulce e Raimundo Terror)

Raimundo

Minha mãe, me salve. O caminhão do homem caiu na ribanceira. Não tenho como tirar o bicho de lá. Se ele descobrir, não sei o que será de mim.

Irmã Dulce

(Passando a mão em sua cabeça). Fique calmo. Eu sei onde tem um guincho. Eu telefono para o dono e pode ficar certo que ele vai atender o meu pedido.

Narrador

A Irmã telefonou
Só que o dono do guincho
Era também proprietário do caminhão que Raimundo
Na ribanceira jogou.

(Dono do caminhão entra e conversa com Irmã Dulce e Raimundo Terror)**Sr. Agenor**

Mas, Irmã, a senhora quer que eu ajude a esse irresponsável?

Raimundo

Eu juro seu Agenor que não foi culpa minha. Tinha uma vaca no caminho. Eu fui desviar da bichinha e perdi a direção.

Irmã Dulce

Eu conheço Raimundo de muito tempo. Pode ter certeza que ele não fez por mal.

Sr. Agenor

A senhora paga o prejuízo?

Irmã Dulce

Ele não trabalha para o senhor? O senhor desconta mês a mês, até cobrir o que gastou.

Raimundo

Olha seu Agenor, aconteceu, mas não vai acontecer mais. Agora eu não queria matar a bichinha.

Sr. Agenor

Está bem. A Irmã me pediu. Eu vou atender o pedido dela. Você me paga com hora extra.

Raimundo

Pode contar comigo. Eu não quero deixar o serviço.

Irmã Dulce

Afinal, ele reconheceu o erro, chegou aqui aos prantos. É importante dar uma nova chance. Ele é muito jovem. Está começando.

Sr. Agenor

Está bem, Irmã. Eu vou atender o seu pedido. Vou tomar as providências necessárias. *(Sai)*.

Raimundo

(Abraçando e carregando Irmã Dulce). Minha mãe, minha mãe, muito obrigado! A senhora me salvou!

(A luz apaga neles e acende no narrador)

Narrador

No centro educacional,
Criança era criança
Como todas as demais,
Lá elas tinham uma chance
Se integrando e cultivando estudo, trabalho e paz.
O centro era frequentado
Pelos filhos dos internados no Hospital Santo Antônio
Garotos desajustados
Uma vez ali educados
Aprendendo a cultivar
A terra para plantar
A música para cantar
O esporte para relaxar
Eram sementes de gente
A aprender com a Irmã
Suas vidas renovar

(Luz apaga no narrador e acende no ator que faz Carlos Pereira Lago)

DEPOIMENTO

(Carlos Pereira Lago)

“Ao perder minha mãe que se encontrava hospitalizada sob os cuidados de Irmã Dulce, imaginei que fosse ficar sozinho no mundo. Minha mãe era tudo para mim. E naquele momento de aflição, senti suas mãos acariciarem a minha cabeça, seus braços me envolverem com ternura, sua voz procurava me acalantar. – “De hoje em diante sou sua mãe.”

No Centro Educacional Santo Antônio, meu novo lar, ganhei um pai – Sr. Adalício, 119 irmãos e grandes mestres, como professor João, o professor Luiz Gonzaga, o professor Pedro, cujos ensinamentos me são úteis até hoje. Não obstante todo sacrifício para nos manter, essa mãe nos dedicava dois dias inteiros, às quartas e aos sábados.

Lembro-me que ficávamos ansiosos aguardando por esses dias. Ela estava sempre alegre e disposta a brincar, conversar e rezar conosco. Com que boa vontade, ela organizava as nossas festas de Natal, de Páscoa, do Dia das Crianças, dos aniversários do mês! E com que carinho a gente se preparava também a festa do Dia das Mães!

Nesses anos que passei lá, procurei aproveitar todas as oportunidades que nos foram oferecidas. Quando completei 18 anos, ela me convidou para trabalhar no Hospital Santo Antônio, como auxiliar de escritório. Logo, surgiu uma vaga no Setor de Radiologia. Fiz um curso e assumi a nova função.

Hoje sou funcionário público e estou me preparando para ingressar na faculdade. Um dos meus maiores sonhos era que Irmã Dulce fosse madrinha do meu casamento e mais esta alegria ela me proporcionou. Não tenho palavras para expressar meu agradecimento, não só pelo que ela fez por mim, mas por inúmeras pessoas. Deus lhe pague, Irmã Dulce”.

(Luz volta a acender no narrador)

Narrador

Construir era o lema da Irmã,
 O abrigo, o leito, a educação para todos
 Que ela tinha como irmãos,
 E foi assim que surgia
 Mais uma construção
 A de um abrigo para
 Idosos carentes de atenção,
 Eurico Simões Paiva
 Ajudaria Irmã Dulce
 Através de uma doação,
 Garantindo um espaço
 Onde os mais velhos pudessem também ter proteção
 Com o apoio da Copene,
 Ela construiria também
 Num outro pavilhão
 Um espaço para abrigar
 Crianças excepcionais,
 Que eram na sua maioria abandonadas pelos pais

Em seu portão.
José, Marcos, Gustavo
Pixote, Valdeci, João
Tinham de Mariinha carinho e dedicação.

(Entra Irmã Dulce tocando no acordeon uma música que fala de Lampião. O local é uma prisão onde está Volta Seca, um ex-cangaceiro. Ele ouve, surpreso, a música e fala)

Volta Seca

Quem é senhora?

Irmã Dulce

Eu sou uma amiga que veio até aqui para lhe trazer um pouco de alegria.

Volta Seca

É coisa que eu já não conheço. Depois que mataram meus irmãos e deixaram as cabeças no Nina Rodrigues, eu perdi a alegria de viver.

Irmã Dulce

Você gostava de seu bando?

Volta Seca

Gostava sim, minha senhora. A gente junto enfrentava os coronéis. Os responsáveis por tudo que aconteceu foi eles. A gente não tinha muita escolha diante de tanta perseguição.

Irmã Dulce

E se o senhor sair daqui, o que vai fazer da vida?

Volta Seca

Procurar um trabalho para sustentar minha mulher e meu filho.

Irmã Dulce

Me procure que farei alguma coisa por você.

Volta Seca

A senhora parece uma alma boa. Obrigado. Eu vou procurar sim.

Irmã Dulce

Até outra oportunidade. Tenho que visitar outros irmãos aqui no presídio.

Volta Seca

A senhora tem muita coragem de vir aqui na Coreia. Isto aqui é um sofrimento só.

Irmã Dulce

Eu sei. O nome dado ao presídio, Coreia, é uma referência à guerra da Coreia. O sofrimento aqui é tão grande quanto lá.

Volta Seca

A bênção, Irmã?

Irmã Dulce

Deus lhe abençoe.

(Luz morre nos dois e acende no narrador)**Narrador**

Em 1964, os militares tomaram o poder
 João Gulart, o presidente,
 É convidado a ceder,
 Retirando-se do País que queria ver crescer
 O temor se espalhava,
 As prisões ficavam cheias,
 Perseguições e assassinatos
 Tomaram o lugar da lei,
 A violência aumentava
 E também o desemprego
 O Albergue Santo Antônio
 Cumpria a sua missão,
 Amparando os que chegavam
 Em busca de proteção.
 Manter a obra era difícil,
 E assim a Congregação das Irmãs Missionárias,
 Sob nova direção,
 Procurou Irmã Dulce
 Para comunicar a sua decisão.

(Entram irmã Emilia, irmã Dulce e irmã Ilária)**Irmã Emília**

Cara Irmã, infelizmente vamos ter que fechar dentre em breve o Convento Santo Antônio. Irmã Heráclita, irmã Anacleto, irmã Hilária e irmã Helenice irão para outras instituições. A senhora volta a fazer parte do Colégio Bernadete.

Irmã Ilária

E os nossos assistidos?

Irmã Emília

Irmã Dulce poderá continuar a trabalhar nesse campo do Senhor durante todo o dia, e, à noite, voltará ao Santa Bernadete para os atos comuns e dormir.

Irmã Ilária

Madre, não podemos deixar os nossos doentes, principalmente os crônicos, sem a presença de uma irmã, seja durante a noite ou durante o dia.

Irmã Emília

Gostaria de lembrar-lhes que a nossa congregação tem como objetivo não somente aquele educativo e social, mas, principalmente, a dimensão contemplativa. E a clausura? Uma irmã nossa não pode passar a noite fora de seu convento.

Irmã Dulce

Madre, me desculpe, o nosso Convento de Santo Antônio parece nos permitir a clausura e a assistência. É um todo com a obra.

Irmã Emília

As nossas constituições servem para nos guiar: se elas tivessem de permitir exceções, como têm se verificado até agora, por que então mantê-las? Para que servem? As constituições devem ser observadas assim como as recebemos no momento da profissão e as quais prometemos observar. Tanto a Superiora Geral quanto ao Conselho Geral e aquele provincial desejam retomar a observância em toda a congregação. A senhora, Irmã Dulce, e vocês, confradeiras, têm sido exemplares na atividade realizada entre os pobres e necessitados, mas eu lhes pergunto: onde está a sua vida de comunidade? Se não me engano, vocês nunca estão presentes ou participaram dos atos comuns: oração, refeição, recreação, ou qualquer outra coisa, porque o seu trabalho exige uma presença contínua. Por isso, nós superiores devemos zelar para que isso não aconteça. Devemos prestar contas de tudo ao Senhor. Nesses casos, devemos cumprir literalmente uma única regra: ou estamos dispostas à observância completa das constituições ou, Deus me perdoe, a porta...

(Irmã Dulce abraça irmã Ilária muito triste. A luz apaga nas irmãs e acende no narrador)

Narrador

Muito triste,
Irmã Dulce orava e refletia

Dividida, ela pensava
 Se ali continuaria
 Caso fosse essa decisão
 Da madre superiora
 Se ela desobedeceria.
 Procurou frei Hildebrando,
 Seu amigo e conselheiro,
 Que assim se pronuncia.

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e frei Hildebrando)

Frei Hildebrando

Fique no seu lugar! Peça uma audiência com madre Emilia e procure mostrar a importância desta obra para a comunidade e à nossa Igreja.

(Luz apaga neles e acende no narrador)

Narrador

Após conversar com outros religiosos,
 A Irmã uma audiência
 À madre solicitou,
 Em mais uma tentativa
 De superar sua dor

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce e irmã Emilia)

Irmã Dulce

Me dê um pouco de tempo para pensar.

Irmã Emília

Pensar sobre a obediência? Ou se faz ou não se faz! O que há para pensar?

Irmã Dulce

Eu tenho feito muitas orações e pedido muito ao Senhor que me ilumine. Me mostre o caminho que devo seguir.

Irmã Emília

Eu lhe dou um conselho. Peça para ser desenclausurada, desse modo, terá oportunidade de pensar. De qualquer maneira, é preciso proteger a congregação do grave perigo que as obras sociais representam!

(A luz apaga nas duas e acende no narrador)

Narrador

Madre Emilia e Irmã Dulce

Com muitos se aconselhavam.
 A questão chegou até dom Eugênio Sales
 Que no Vaticano estava
 E de um concílio participava.
 Num encontro com o cardeal Augusto da Silva,
 Ele então ponderava.

(A luz apaga no narrador e acende nos dois padres)

D. Eugênio

Irmão, se Irmã Dulce vier a abandonar as Obras, isso acarretará numa grande repercussão sobre a Igreja na Bahia e no Brasil.

Cardeal Augusto da Silva

Com certeza. Marque um encontro com madre Emilia ao retornar e faça-a entender o perigo que corremos.

(A luz apaga neles e acende no narrador)

Narrador

Ao chegar em Salvador,
 D. Eugênio encontrou
 Um documento enviado
 Pela congregação,
 Nomeando uma representante
 Para tratar da questão.

(A luz apaga no narrador e acende na representante da congregação)

Representante

(Lendo o documento). Nós abaixo assinadas, Madre M. Veneranda Bohlen, Superiora Geral da Congregação das Irmãs do seu Conselho, declaramos que, em relação a tudo quanto foi decidido sobre o Albergue Santo Antônio (Salvador, Bahia), nosso principal interesse é unicamente que os nossos direitos de propriedade sejam reconhecidos e que a sua administração seja garantida; mas, em primeiro lugar, que a complicada situação seja resolvida de maneira que nenhum escândalo ou qualquer dano possa resultar para Santa Madre Igreja.

Com grande confiança, passamos este delicado argumento às mãos de Vossa Excelência, o Administrador Apostólico D. Eugênio Sales, esperando que a sua competência e capacidade na presente situação sociorreligiosa possa nos ajudar a dar os passos necessários para sua solução e para o bem das partes envolvidas.

Desejamos manifestar a Vossa Excelência o nosso profundo reconhecimento pelo seu interesse e pela paterna solicitude dispensada a todas nós.

Declaramos, também, estarmos de acordo com tudo que for estabelecido com relação à matéria por Vossa Excelência, o Administrador Apostólico, juntamente com a Madre Emilia Rosa de Seixas Barros, Superiora Provincial da nossa Província de Santa Cruz e Irmã Escolástica Hilmer, nossa representante nesta em questão.

(A luz apaga na representante e acende em Irmã Dulce e D. Eugênio)

D. Eugênio

Há uma solicitação da madre Emilia para desenclausurar você. Houve algum sinal de desobediência de sua parte? Temos que considerar a desobediência como necessária ao bem comum de tanta gente, que, de outro modo, ficaria sem qualquer proteção. Por que foi feita a solicitação para desenclausurá-la?

Irmã Dulce

A solicitação veio pronta, enviada pela Madre Provincial e com uma ordem: ou se afaste imediatamente ou assine.

D. Eugênio

A situação é delicada, mas em primeiro lugar está o bem comum da Igreja Católica. Você tem o meu apoio. Vou conversar com a congregação.

Irmã Dulce

Há um outro problema. Para que eu continue nas obras, terei que abdicar do hábito da congregação ou pelo menos mudar. Nunca tive a intenção de me separar, nem nunca terei. Quero morrer como religiosa, membro da nossa congregação.

D. Eugênio

Você ficará sob minha obediência direta e escolherá seu modo de vestir. Eu só gostaria que a Irmã fizesse uma carta a madre Emilia Rosa nos termos que vou lhe passar.

Irmã Dulce

Assim farei, reverendo.

(Apaga a luz em D. Eugênio e permanece em Irmã Dulce que lê a carta)

“Reverenda Madre Provincial: após alguns encontros pessoais com o Excelentíssimo Administrador Apostólico, o Arcebispo da Bahia, D. Eugênio Sales, comunico a V. Reverendíssima o que segue abaixo:

1. Estou de acordo com a retirada das nossas Irmãs do trabalho no Hospital do Albergue e também dos outros serviços;
2. Em conformidade com a sugestão do Excelentíssimo Arcebispo, deverá haver um período para permanência e a retirada das Irmãs, pelo menos o tempo necessário e determinado pela Congregação. Fixamos, de comum acordo, o prazo máximo de dois meses;
3. A Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição não terá nenhuma responsabilidade em relação às obras de construção e outras despesas feitas por mim.”

(A luz apaga em Irmã Dulce e acende no narrador)

Narrador

Após todo o ocorrido
A nossa querida Irmã
Sua obra continuou,
A sua irmã Dulcinha
E Rita, sua sobrinha,
Foram muito importantes
Apoiando a nossa Irmã,
Que agora, mais do que nunca,
A sua obra se dedicou

(A luz apaga no narrador e acende em Irmã Dulce)

Irmã Dulce

A falta do cumprimento do dever daqueles que deveriam ser para nós a luz do mundo (*os governantes*), não nos deve impressionar. Todos nós somos humanos e fracos, fraquíssimos se não formos conscientes de que o que nos sustenta é a graça de Deus. É que é imprescindível procurar sustentar essa graça para não cair.

(Entra Frei Hildebrando e fala com ela)

Frei Hildebrando

E agora o que é que a Irmã vai construir?

Irmã Dulce

Vou reformar o antigo Albergue Santo Antônio e instalar o Setor de Fisiologia para tuberculosos, que surgirem de todos os lugares. São pessoas que também precisam de atenção. O pavilhão vai atender homens, mulheres e crianças separadamente. Terá um refeitório, sanitários, enfermarias, salas de Raios-X, lavanderia, com duas máquinas elétricas de lavar e duas para esterilizar as roupas usadas.

Frei Hildebrando

A Irmã já conseguiu tudo isto?

Irmã Dulce

Já. Tem crescido o interesse de empresários, de outros segmentos da sociedade para colaborar com o nosso trabalho. Os políticos é que só lembram dos pobres na hora das campanhas.

Frei Hildebrando

A Irmã não tem nenhum partido político?

Irmã Dulce

A minha política é do amor ao próximo.

Frei Hildebrando

E como vai a saúde?

Irmã Dulce

Tenho dormido pouco. Tenho sentido falta de ar. Durmo na espreguiçadeira, recostada. Assim me sinto melhor. Muitas vezes uso o balão de oxigênio para ajudar na respiração.

Frei Hildebrando

Quis a Providência Divina, que há 64 anos quando ainda uma meninazinha de uns 13 e 14 anos, te entregasses a minha Direção Espiritual. Seguiu o noviciado e os votos perpétuos. Como era costume naquele tempo te colocaram uma coroa de espinhos como símbolo. E tu, Irmã Dulce, e eu sabemos como mais tarde esses espinhos tornaram-se profundos, ferindo-te a cabeça, ferindo-te o corpo todo, ferindo-te os pulmões e principalmente o coração. Mas tu não te deixas abater. Não deixas-te deter. Fostes sempre prosseguindo. Embora ferida e tossindo, fostes adiante no teu ideal.

Irmã Dulce

E assim continuarei. É com imensa alegria que vejo a ampliação do hospital. Este é o melhor presente que poderia receber nesta bodas de ouro como missionária.

Frei Hildebrando

Hoje é uma data que não pode ser esquecida. Oito de fevereiro 1983. Serás homenageada. Estarão aqui o governador Antônio Carlos Magalhães, o presidente do Banco Econômico, Ângelo Calmon de Sá, e todos os conselheiros de Administração das Obras Sociais Irmã Dulce, inclusive seu amigo-irmão Norberto Odebrecht.

Irmã Dulce

Eu fico feliz e agora mais segura, pois a capacidade de ajudar aumenta também.

Frei Hildebrando

O seu grito repercutiu em toda a Bahia e envolveu o Brasil.

Irmã Dulce

Que ele se multiplique e atinja o mundo inteiro. Só com amor, fé e dedicação é possível transformar a realidade em que vivemos. Deixe eu ir cuidar de meus filhos.

(Ela sai e entra o Dr. Tarciano)**Dr. Tarciano**

Boa-tarde, frei Hildebrando.

Frei Hildebrando

Boa-tarde, doutor. Como vai a saúde de nossa Irmã?

Dr. Tarciano

Não vai bem. São horas intermináveis de falta de ar, de angústia, seu rosto celestial torna-se lívido, o suor escorre pela testa, as mãos estão frias e roxas, mal consegue falar. É um intenso martírio. Ela aceitou seu sofrimento como Cristo aceitou sua cruz. Ela diz: só um pedido lhe faço, doutor. Quero morrer na triagem, junto com os meus doentes. Não se esqueça, doutor.

Ela sabe que sofre, não por ela, mas porque absorve o carma dos outros. Passa a noite e, por encanto, passa a agonia da morte. Vem o dia, ela é outra pessoa, a mesma de sempre. Levanta-se como se nada tivesse acontecido, alegre e sorridente responde ao médico que lhe pergunta como passou a noite.

Ela diz: passei na boate, doutor. E boate, para quem não sabe, é como ela chama o aparelho de oxigênio, na brincadeira.

(A luz apaga nos dois e acende no narrador)

Narrador

A menina da Lapinha
Percorreu mundo afora
Através de sua obra,
Tendo sido indicada
Ao Prêmio Nobel da Paz.
O papa João Paulo II,
Em suas visitas a Salvador,
Com a Irmã se encontrou,
Expressando com louvor
O trabalho que ela fazia
Pelo povo com tanto amor.
Vontade, fé, decisão
Moviam seu coração
Alimentando seu sonho
De ver na humanidade
Um espírito de união,
Abraçando todo o mundo como se fosse um irmão.
Certa feita, um jornalista
Procurou pra entrevistá-la,
Qual não foi sua surpresa
Ao chegar em um salão
E vê-la de vassoura na mão
E mesmo debilitada,
Contente, limpando o chão.

Jornalista

Bom-dia, Irmã? Estou procurando por Irmã Dulce. Onde fica o gabinete dela?

Irmã Dulce

Sou eu mesmo, filho. Em que posso ajudá-lo?

Jornalista

Irmã, com todos esses anos de trabalho, a senhora acha que tem aumentado ou diminuído o número de pobres em sua porta fazer pedidos?

Irmã Dulce

Tem aumentado. A situação agora é pior, antigamente as coisas eram mais fáceis, tudo era mais barato. Eu já comprei carne seca a cinco cruzeiros para dar aos pobres. A gente dava muitos gêneros – carne

seca, peixe, farinha, arroz, feijão, açúcar – a mais de 500 pessoas por semana. Hoje, a situação é inversa: o número de pobres que nos procura dobrou, e só podemos dar farinha, pão e feijão. Leite só para quem tem criança.

Jornalista

O que a senhora pensa do seu trabalho? A senhora acha que isto resolve o problema social, isto é, acaba com a pobreza?

Irmã Dulce

Jesus disse no Evangelho: “Pobre sempre tereis.” Não se vai acabar com a pobreza. Porém a gente deve empregar todos os esforços possíveis para melhorar a situação. O que aconteceria se a gente cruzasse os braços? Quantos milhares de pessoas saíram daqui curadas, voltaram às suas famílias e hoje estão trabalhando? Quantas centenas de menores abandonados devolvemos habilitados para a sociedade? Se cada um fizer sua parte, se cada um se conscientizar do seu papel, estará concorrendo para a melhoria da situação do povo.

Jornalista

E o que é preciso para realizar este trabalho, Irmã?

Irmã Dulce

É preciso que haja muito amor para um trabalho desse. A gente não tem hora para fazer as refeições, para dormir, para nada. Só temos hora pra rezar, pois a oração é a força, a alavanca que sustenta toda a engrenagem. Nesse trabalho, a gente não vive a nossa vida. A gente vive em função da vida dos pobres. Vivemos os problemas deles. O pobre, o doente, que vai a nossa porta é um outro Cristo que nos procura. E nós devemos recebê-lo de braços abertos, fazendo tudo por ele.

Jornalista

A senhora acolhe a todos que a procuram?

Irmã Dulce

Sim. Quando não há mais leitos disponíveis no hospital, os doentes são acomodados em colchões debaixo das camas, nos corredores, nos sanitários, nos jardins e até mesmo no necrotério. Muita gente condena esse tipo de atendimento. Mas Deus não atende a todos nós? Deus não faz tudo por nós? Ele não nos dá o ar, a luz, o sol, a saúde? Ele recusa alguma coisa quando pedimos com fé, esperança? Como vamos recusar alguma coisa ao nosso semelhante, ao nosso próximo?

Jornalista

O que a senhora acha da juventude atual?

Irmã Dulce

Penso que a agitação do mundo de hoje, a desagregação da família leva o jovem ao desespero, ao vício, à revolta. Porém, conheço muitos jovens que vêm aqui trazer uma palavra de conforto para os doentes, cantam e dançam para eles, distribuem doces, fazem a maior festa, isto não é saudável?

Jornalista

Para a senhora qual a função social da Igreja?

Irmã Dulce

Acredito que seja o que Deus mandou, levar Deus ao povo, fazer o máximo de si em benefício dos outros e procurar despertar no coração de cada um a semente do amor a Deus e ao próximo.

Jornalista

Irmã, quando Deus chamá-la, existe alguém que possa continuar seu trabalho?

Irmã Dulce

Todo dia rezo para achar uma substituta. Já falei até com a madre Tereza de Calcutá, mas ela disse que não, que seu trabalho é diferente. Acho natural que as pessoas tenham receio em assumir a responsabilidade financeira desta obra. Mas Deus nunca faltou e nem vai faltar. É uma questão de fé. Tenho fé em Deus e não me preocupo com o dia de amanhã. A obra é de Deus, e Ele certamente saberá o que fazer.

Jornalista

Os doentes internados no Hospital Santo Antônio tem alguma despesa?

Irmã Dulce

Não. Aqui tudo é inteiramente de graça. O doente aqui tem a pasta de dentes, a escova, o chinelo, o pijama e a sopa quando tem alta. Depois de recuperado, se o doente for do interior, embarcamos para seu ponto de origem. Se for da capital, procuramos fazer o possível para reintegrá-lo à sua vida normal.

Jornalista

Irmã, a quem a senhora atribui o mérito de toda essa obra?

Irmã Dulce

O trabalho é resultado do empenho de toda equipe, entre médicos, enfermeiras, funcionários e colaboradores.

Jornalista

Os médicos recebem salários?

Irmã Dulce

Temos 33 médicos voluntários, que trabalham de corpo e alma, sem nenhuma remuneração. Há uma equipe permanentemente de plantão. No Natal, no Carnaval, temos médicos que prestam assistência despretensiosamente, no anonimato, contribuindo, inclusive com medicamentos e materiais cirúrgicos seus, dando assim de tudo que lhes é possível dar. São médicos de reconhecido valor profissional.

Jornalista

Irmã, qual foi a grande alegria de sua vida?

Irmã Dulce

O dia em que fiz os votos de religiosa.

Jornalista

E o de maior tristeza?

Irmã Dulce

O dia em que perdi meu pai.

Jornalista

Irmã, eu já tomei muito do seu tempo precioso. De que forma posso ajudá-la daqui por diante?

Irmã Dulce

Eu gostaria que você transmitisse a cada pessoa que irá ler o seu artigo esse amor que sinto pelos pobres. Eu gostaria que cada um sentisse no seu coração essa necessidade de doar-se a Deus na pessoa do pobre. Eu gostaria que outras irmãs, outras pessoas, deixassem germinar de seu coração esta semente do amor a Deus na pessoa do pobre. Eu gostaria que quando Deus me chamasse, no coração de alguém fosse colocada esta semente do amor a Deus ao pobre. Eu gostaria que quando eu fechasse os olhos, alguém fosse tomar conta, fosse tomar a frente desse trabalho, com desprendimento, com amor total aos pobres, que tanto sofrem e tanto precisam de amparo.

A minha esperança, depois de ter feito tudo para alguém me substituir quando Deus me chamar, é que Ele faça aparecer alguém para continuar esse trabalho.

Eu gostaria que o Hospital Santo Antônio continuasse por toda vida sendo o Hospital dos Indigentes. Seria uma tristeza para mim ver de lá de cima ser desviada a finalidade dessa obra que é de Deus e para os pobres. Assim não deveria ser introduzido nada de setor pago, nada de previdência. O convênio é com Deus.

Se tivermos fé na Providência Divina, o trabalho continuará. O Hospital Santo Antônio se manterá e o orfanato de Simões Filho também. Se tivermos amor o nosso próximo sobre todas as coisas, como Ele mandou, então tudo continuará. Por isso peço, por favor, quando Deus me chamar, não permitam que o Hospital Santo Antônio seja desviado de sua finalidade.

Tenho certeza que Deus vai conceder a alguma alma generosa essa mesma graça que Ele me concedeu. Eu, que quando era menina só pensava em brincar, em empinar arraia e era feliz, hoje sou mais feliz ainda.

Então, assim como Ele colocou no meu coração de jovem esse amor aos pobres, Ele vai colocá-lo no coração de alguém. E esse alguém vai fazer com que os pobres sejam atendidos com o mesmo amor, com mesmo carinho que são atendidos atualmente.

(Os atores entram com bacias cheias de água, ajoelham e lavam a face. Narrador fala e em seguida Irmã Dulce)

Narrador

O Anjo Bom da Bahia,
 Sua vida dedicou,
 A todos que a procuravam
 Para aplacar a sua dor,
 A todos ela encantava
 Por sua fé e amor.
 Uma noite, outro anjo
 Com ela se encontrou,
 E assim ela partiu

Pelo espaço sem-fim
Que tanto admirou,
Brilhando como uma estrela
A iluminar na terra
Aqueles que sempre amou

Irmã Dulce

Que a água que purifica, deixe suas almas leves, assim como a minha
que parte.

Que a água que faz gerar semente, deixe brotar em vocês o amor.
O amor que deve mover o mundo e os homens.

Que a água que refresca, deixe o nosso coração sempre com a alegria e
a inocência das crianças, para que assim o nosso abraço preencha este
mundo tão carente de afeto.

Que a água do mar e a água do rio movam-se livres, assim como os
homens. Que a água que molha, mate a nossa sede de justiça e gere a
paz que tanto buscamos.

E que sejamos sempre uma fonte, onde o irmão possa estender as
mãos e sentir a presença de Deus, irradiando sua luz e iluminando o
nosso caminho e os nossos sonhos sobre a terra.

FIM



Foto 1 – Ana Carla Lira, Frieda Gutmann e Vítório Emanuel



Foto 2 – Daniel Oliva



Foto 3 – Ana Carla Lira e Ana Cartaxo



Foto 4 – Psiti Mota



Foto 5 – Ana Carla Lira



Foto 6 – Ana Carla Lira e Márcio Bernardes



Foto 7 – Elenco do espetáculo *Irmã Dulce*



Foto 8 – Frieda Gutmann e Ana Carla Lira

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, Manoel de. *Vida, obra e morte de Irmã Dulce a Santa dos pobres*. São Paulo: Luzeiro, 1992. Literatura de Cordel. (Coleção Duzentos)
- BULE-BULE. *Irmã Dulce da Bahia: Santa Irmã de todos nós*. Salvador, 1990. Literatura de Cordel.
- FRAGE, Marcelo; GOUVEIA, Osvaldo. *Irmã Dulce o anjo bom do Brasil: a história de Irmã Dulce em quadrinhos*. Fortaleza: Feedback, 2003.
- GOUVEIA, Osvaldo; BACK JÚNIOR, Waldomiro; AVENDAÑO, Marcela. (Org.). *Sementes de amor: a sabedoria de Irmã Dulce em 85 pensamentos*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.
- PASSARELLI, Gaetano. *Irmã Dulce o anjo bom da Bahia*. Tradução de Regina Cony. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.
- PONTES, Maria Rita. *Irmã Dulce dos pobres*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1999.
- SANTOS, José Manoel dos. *Vida, luta e morte de Irmã Dulce*. Literatura de Cordel.
- CONSULTORIA HISTÓRICA OSVALDO GOUVEIA.
- VELOSO, Mabel. *Irmã Dulce*. São Paulo: Callis, 2005. (Coleção A luta de cada um).

FICHA TÉCNICA

DEOLINDO CHECCUCCI

Autor e Diretor

GIDEON ROSA

Assistente de Direção

LUCIANO BAHIA

Diretor Musical

MANUELA RODRIGUES

Preparação Vocal

EURO PIRES

Cenógrafo e Figurinista

DA 20 SERVIÇOS

Execução de Cenário

ANDRÉ CRUZ / NAHUEL DI RENZO / HUMBERTO GONZAGA / SÉRGIO BATISTA / DENÍLSON ALMEIDA

Equipe

LUCIANO REIS

Iluminação e Operação de Luz

DÉO CARVALHO

Cabelos

GUTO CHAVES

Designer Gráfico

ANA CALAZANS / DAVI LEMOS

Assessoria de Imprensa

DORA MOREIRA

Coordenação e Execução de Costura

LETÍCIA SANTOS / MARILENE CARDEAL / MARIINHA

Costureiras

ROSA RIBEIRO

Fotos

AQUITÊ MORENO

Técnico e Operador de Som

ÁUDIO R

Sonorização

ROGÉRIO LIMA LEITE / ALEXANDRO NASCIMENTO / VALCI SILVA

Montagem de Som

NAHUEL DI RENZO / GERSON CARVALHO

Contrarregra

DEPARTAMENTO DE TÉCNICAS DO ESPETÁCULO DA ESCOLA DE TEATRO DA UFBA

Apoio

MEMORIAL IRMÃ DULCE

Realização

BRUNO MORAIS BORDEREAUX PRODUÇÕES E PROJETOS CULTURAIS /
GABRIEL CHECCUCCI OKÊ ARÔ PRODUÇÕES CULTURAIS

Produção

CATHARINA GRAMACHO

Produção Executiva

GERSON CARVALHO

Assistente de Produção

ANA CARLA LIRA / ANA CARTAXO / BENEDITO VITORIANO / DÉBORA SANTIAGO / DANIEL OLIVA /
FRIEDA GUTMANN / JÚLIA BARRETO / MÁRCIO BERNARDES / PSIT MOTA / VITÓRIO EMANUEL

Elenco

A
Mulher
de
Roxo

SOBRE A MULHER DE ROXO, DE DEOLINDO CHECCUCCI

Nesta peça, Deolindo Checcucci retoma e amplia um tema que percorre toda sua produção teatral: a poderosa engrenagem movida por normas, conceitos e preconceitos, que colhe em suas rodas o sujeito do desejo, destroçando seu sonho de viver um enredo próprio, destruindo suas aspirações a “fazer diferença”.

Este choque entre os desejos individuais e um quadro de valores que impede sua realização surge como conflito nuclear em várias de suas peças, embora se expresse através de diferentes situações e personagens, ao combinar-se com outros motivos dramáticos. Assim é em *Um Corte no Desejo*, em *Maria Quitéria*, em *Raul Seixas – A metamorfose ambulante*, dentre outras. Numa posição de centralidade, temos a figura recorrente de um indivíduo que vive na contracorrente das ideias do seu tempo, seja um jovem homossexual, uma mulher que ingressa numa carreira tradicionalmente masculina ou um artista de atos e palavras libertárias. Todos eles nos fazem lembrar uma personagem de Silveira Sampaio que reclama ao mundo os seus direitos “psico-sexo-sentimentais”.

Em *A Mulher de Roxo*, Deolindo inspira-se na figura já lendária de uma mulher que foi parte do cotidiano das ruas de Salvador, há algumas décadas, e continua habitando o imaginário da cidade, multiplicada em narrativas literárias e audiovisuais. Na tela da memória, revejo sua imagem estranha e imponente, entre lírica e trágica, entre mendiga e louca e rainha, com seu manto roxo que parecia velar uma história de vida fora do alcance de olhares curiosos. Mas o dramaturgo, diferente do historiador, não está interessado em levantar este véu e pesquisar os dados factuais de uma biografia.

A figura inquietante dessa mulher e o possível enredo que a produziu são tratados por Deolindo como referencial simbólico para falar de tantas outras histórias de “enlouquecimento” construído pelo atrito entre as demandas da subjetividade e as rodas dentadas da engrenagem social. A partir daí, o dramaturgo sugere uma biografia possível e provável, criando uma estrutura dramática permeada por momentos líricos, em que a noviça Doralice declara seu amor ao noivo, um Cristo vivo e bem humano. Os diálogos que conduzem a ação, tecendo as relações da personagem com o mundo que a coloca cada vez mais à margem, são pontuados por clássicos da canção popular, e tais músicas por si mesmas instauram o cenário desse espaço-tempo, o clima de uma época em que, mais do que hoje, principalmente para uma mulher, dizer sim ao próprio desejo era sintoma evidente de insanidade.

“Somos o que criamos para estar no mundo”, conclui Doralice, *A Mulher de Roxo*, pouco antes de assumir a rua como seu único abrigo. Rua onde reinará, mendiga e soberana, ex-noviça, ex-amante, ex-pecadora, santificada pela loucura.

Cleise Mendes

Atriz, diretora de teatro, dramaturga e professora da Escola de Teatro da UFBA.

A Mulher de Roxo

Peça em um ato de Deolindo Checcucci

PERSONAGENS

Doralice (A Mulher de Roxo)

O Pai

A Mãe

Dois Irmãos

Duas Irmãs

Antônio (O Namorado)

Maria (Uma Amiga)

João (Namorado de Maria)

Joana (Dona de um Bordel)

Antônio (Filho de Doralice)

Uma Prostituta

Transeuntes

Cristo

Uma Cantora de Cabaré

CENOGRAFIA

Não existe um cenário único para a peça. O espaço do palco deve estar vazio e será preenchido pelo elenco e objetos que trazem, compondo os ambientes necessários para a ação. Ao começar a peça, ouve-se o órgão tocando uma Ave-Maria. Doralice está vestida de noiva, como uma noviça. Ela está só no palco. Tudo se passa como se ela estivesse tendo uma visão, uma alucinação. Enquanto ela anda de um lado para o outro, um Cristo vivo desce numa cruz, que paira no centro do palco. Ela diz trechos do "Cântico dos Cânticos", de Salomão.

“Beija-me com os beijos
de tua boca;
porque melhor é o teu amor
do que o vinho.
Suave é o aroma
dos teus unguentos,
como unguento derramado
é o teu nome;
por isso, as donzelas te amam.
Leva-me após ti, apressemo-nos.
O rei me introduziu
nas suas recâmaras.
Eu estou morena e formosa,
ó filhas de Jerusalém
como as tendas de Quedar,
“como as cortinas de Salomão.
Não olheis para o eu estar morena,
porque o sol me queimou.
Os filhos de minha mãe
se indignaram contra mim
e me puseram por guarda
de vinhas;
a vinha, porém, que me pertence,
não a guardei.
Dize-me, ó amado de minha alma:

onde apascentas o teu rebanho,
onde o fazes repousar
pelo meio-dia.
para que não ande eu vagando
junto ao rebanho
dos teus companheiros?
Enquanto o rei está assentado
à sua mesa,
o meu nardo exala o seu perfume.
O meu amado é para mim
um saquitel de mirra,
posto entre os meus seios.
Como um racimo de flores de hena
nas vinhas de En-Gedi,
é para mim o meu amado.
"Como és formoso, amado meu,
como és amável!
O nosso leito é de viçosas folhas,
as traves da nossa casa,
são de cedro,
e os seus caibros de cipreste.
Eu sou a rosa de Sarom,
o lírio dos vales.
Qual a macieira
entre as árvores do bosque,
tal é o meu amado entre os jovens;
desejo muito a sua sombra
e debaixo dela me assento,
e o seu fruto é doce ao meu paladar.
Leva-me à sala do banquete,
e o seu estandarte sobre mim
é o amor.
Sustentai-me com passas,
confortai-me com maçãs,
pois desfaleço de amor.
A sua mão esquerda
esteja debaixo da minha cabeça,
e a direita me abrace.

Conjuro-vos,
ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e cervas do campo,
que não acordeis,
nem despertais o amor
até que este o queira.
Ouço a voz do meu amado;
ei-lo aí galgando os montes,
pulando sobre os outeiros.
O meu amado é semelhante
ao gamo
ou ao filho da gazela;
eis que está detrás
da nossa parede,
olhando pelas janelas,
espreitando pelas grades.
O meu amado fala e me diz:
Levanta-te, querida minha,
formosa minha, e vem.
Porque eis que passou o inverno,
cessou a chuva e se foi;
aparecem as flores na terra,
chegou o tempo de cantarem
as aves,
e a voz da rola ouve-se
em nossa terra.
A figueira começou a dar seus figos,
“e as vides em flor
exalam o seu aroma;
levanta-te, querida minha,
formosa minha, e vem.
Pomba minha, que andas
pelas fendas dos penhascos,
no esconderijo das rochas
escarpadas,
mostra-me o rosto,
faze-me ouvir a tua voz
porque a tua voz é doce

e o teu rosto, amável.
Apanhai-me as raposas,
as raposinhas,
que devastam os vinhedos,
porque as nossas vinhas
estão em flor.
O meu amado é meu, e eu sou dele;
ele apascenta o seu rebanho
entre os lírios.
Antes que refresque o dia
e fujam as sombras,
volta, amado meu;
faze-te semelhante ao gamo
ou ao filho das gazelas
sobre os montes escabrosos.
De noite, no meu leito,
busquei o amado de minha alma,
busquei-o e não o achei.
Levantar-me-ei, pois,
e rodearei a cidade,
pelas ruas e pelas praças;
buscarei o amado da minha alma.
Busquei-o e não o achei.
Encontraram-me os guardas,
que rondavam pela cidade.
Então, lhes perguntei:
vistes o amado da minha alma?
Mal os deixei, encontrei logo
o amado da minha alma;
agarrei-me a ele
e não o deixei ir embora,
até que o fiz entrar
em casa de minha mãe
e na recâmara
daquela que me concebeu.
Conjuro-vos,
ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e cervas do campo,

que não acordeis,
"nem desperteis o amor,
até que este o queira.
Eu dormia,
mas o meu coração velava;
eis a voz do meu amado,
que está batendo:
Já despi a minha túnica,
hei de vesti-la outra vez?
Já lavei os pés,
tornarei a sujá-los?
O meu amado meteu a mão
por uma fresta,
e o meu coração se comoveu
por amor dele.
Levantei-me para abrir
ao meu amado;
as minhas mãos destilavam mirra,
e os meus dedos mirra preciosa
sobre a maçaneta do ferrolho.
Abri ao meu amado,
mas já ele se retirara
e tinha ido embora;
a minha alma se derreteu
quando, antes, ele me falou;
busquei-o e não o achei;
"chamei-o, e não me respondeu.
Encontraram-me os guardas
que rondavam pela cidade;
espancaram-me e feriram-me;
tiraram-me o manto
os guardas dos muros.
Conjuro-vos,
ó filhas de Jerusalém,
se encontrardes o meu amado,
que lhes direis?
Que desfaleço de amor.
O meu amado é alvo e rosado,

o mais distinguido entre 10 mil.
A sua cabeça é como o ouro
mais apurado,
os seus cabelos, cachos de palmeira,
são pretos como o corvo.
Os seus olhos são
como os das pombas
junto às correntes das águas,
lavados em leite,
postos em engaste.
As suas faces são como um canteiro
de bálsamo,
como colinas de ervas aromáticas;
“os seus lábios são lírios
que gotejam mirra preciosa;
as suas mãos, cilindros de ouro,
embutidos de jacintos;
o seu ventre, como alvo marfim,
coberto de safiras.
As suas pernas,
colunas de mármore,
assentadas em bases de ouro puro;
o seu aspecto, como o Líbano,
esbelto como os cedros.
O seu falar é muitíssimo doce;
sim, ele é totalmente desejável.
Tal é o meu amado,
tal, o meu esposo,
ó filhas de Jerusalém.
O meu amado desceu
ao seu jardim,
aos canteiros de bálsamo,
para pastorear nos jardins
e para colher os lírios.
Eu sou do meu amado,
e o meu amado é meu;
ele pastoreia entre os lírios.
A vinha que me pertence

“está ao meu dispor;
tu, ó Salomão, terás os mil siclos,
e os que guardam o fruto dela,
duzentos.
vinho que se escoa suavemente
para o meu amado,
deslizando entre seus lábios
e dentes.
Eu sou do meu amado,
e ele tem saudades de mim.
Vem, ó meu amado,
saíamos ao campo,
passemos as noites nas aldeias.
Levitemo-nos cedo de manhã
para ir às vinhas;
vejamos se florescem as vides,
se se abre a flor;
se já brotam as romeiras;
dar-te-ei ali o meu amor.
As mandrágoras
exalam o seu perfume,
e às nossas portas há toda sorte
de excelentes frutos,
novos e velhos;
eu tos reservei, ó meu amado.
“Tomara fosses como meu irmão,
que mamou os seios
de minha mãe!
Quando te encontrasse na rua,
beijar-te-ia,
e não me desprezariam!
Levar-te-ia e te introduziria
na casa de minha mãe,
e tu me ensinarias;
eu te daria a beber vinho aromático
e mosto das minhas romãs.
A sua mão esquerda
estaria debaixo da minha cabeça,

e a sua direita me abraçaria.
 Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
 que não acordeis,
 nem desperteis o amor,
 até que este o queira.
 Eu sou um muro,
 e os meus seios,
 como as suas torres;
 sendo eu assim, fui tida por digna
 da confiança do meu amado.
 Vem depressa, amado meu,
 faze-te semelhante ao gamo
 “ou ao filho da gazela,
 que saltam sobre os montes
 aromáticos.”

(À medida que ela diz o poema, a cruz com o Cristo vai subindo até desaparecer. O palco vai sendo tomado por três molduras que ficam ao fundo. À esquerda, duas mulheres, irmãs de Doralice, estão por trás da moldura. Ao centro, o Pai e a Mãe de Doralice ficam atrás da moldura e, à direita, dois homens, seus irmãos. A moldura, onde estão os pais, se destaca mais à frente das outras duas. O Pai fala)

Pai

Ajoelha-te para te redimires dos teus pecados. (*Doralice ajoelha*).
 Tu querias te entregar a Deus e foi em busca de luxúria, te entregando a um homem. Onde ficou tua honra? Em que canto desta cidade tu a abandonastes? Te perderás para sempre nos caminhos que escolheste. A culpa e o arrependimento te acompanharão. Nunca mais nos procure. Nem a mim, nem a tua mãe, a teus irmãos e irmãs. Aqui, agora, começa a tua *via crucis*. Prepara teus pés que a caminhada vai ser longa e penosa. Tens o nosso desprezo. Mas leva contigo os 10 mandamentos para não fiques perdida de todo. A cada queda te erguerás sem qualquer ajuda minha ou dos que foram teus. Lembra bem das minhas palavras hoje, aqui, agora.

(À medida que ele fala, uma fumaça vai tomando o palco. Ela levanta e se desloca, passando por cada moldura. Todos fazem o sinal da cruz à medida que ela passa. Vão saindo levando as molduras. As falas finais do Pai, gravadas, reverberam em eco até que todos saem do palco)

Doralice

O gosto do desejo foi mais forte. Busquei num amante o que minha pele, meus sentidos imploravam. Este é meu pecado. Fundir meu

corpo na pele morena de Daniel; sentir o gosto do prazer por inteiro. Ser penetrada e me entregar ao êxtase, sentindo o gosto de sua saliva e seus dentes marcando minha pele, meus seios carentes, ao mesmo tempo que seu corpo e o meu se moviam com o coração em disparada. O pai me trouxe para o convento, achando que eu renunciaria aos prazeres da carne. Não vim pela minha vontade. Não foi minha a escolha. A minha escolha era Daniel. Mas ele, também, provou do fruto e me deixou. Estou só. Sem família, sem amigos e sem homem. Eu e o mundo. Vamos ver o que a vida me reserva. *(Ela tira o véu, olha e sai dizendo um trecho do “Cântico dos Cânticos”).*

“Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
Pelas gazelas e cervas do campo,
Que não acordeis, nem desperteis o amor,
Até que este o queira.”

(À medida que ela vai saindo, entra um bloco de Carnaval cantando “Pierrô Apaixonado”, de Noel Rosa e Heitor dos Prazeres)

“Um pierrô apaixonado / Que vivia só cantando, / Por causa de uma colombina / Acabou chorando, acabou chorando. / A colombina entrou num botequim / Bebeu, bebeu, saiu assim, assim / Dizendo pierrô cacete / Vá tomar sorvete com o arlequim.”

(Doralice retorna vestida de colombina. A roupa remete ao vestido de noiva, refeito na colombina. À medida que ela entra, o grupo congela como numa foto. Antônio, um marinheiro, se aproxima dela e fala)

Antônio

Aceita uma cervejinha?

Doralice

(Hesita e diz). Por que não?

Antônio

Aqui está. Se importa em tomar no meu copo?

Doralice

Não.

Antônio

Está gostando da festa?

Doralice

Sim.

Antônio

Por que tão séria?

Doralice

É minha maneira de ser.

Antônio

Parece uma rainha!

Doralice

Bondade sua. Sou uma mulher da vida. Você, pelo visto, é um marinheiro. Ou está fantasiado?

Antônio

Sou marinheiro, sim! Meu navio está no porto. Fomos liberados pra brincar o Carnaval.

(Enquanto eles conversam, o bloco em câmera lenta vai saindo do palco, ficando só os dois sob um foco de luz)

Doralice

Navegar, viajar, conhecer outras paragens deve ser bom!

Antônio

Tem um lado bom. A gente está sempre conhecendo terras novas. Mas fica difícil ter alguém pra ver, ouvir, conversar, namorar, casar.

Doralice

Casar?

Antônio

É sim! Deve ser gostoso chegar em casa, ter o carinho de uma companheira, abraçar um filho, brincar com o moleque. Eu acho que todo mundo deve gostar.

Doralice

Não eu.

Antônio

Você parece carregar muita tristeza. Quem te magoou assim?

Doralice

Ninguém. É coisa minha mesmo.

Antônio

Confie em mim. Desabafe.

Doralice

Mulher da vida não pode choramingar quando encontra cliente.

Antônio

Esquece tua profissão. Eu gostei de você, independente do que você faz. Talvez eu, também, me sinta meio abandonado. Meio sem ninguém.

Doralice

Você pode sonhar.

Antônio

Você, não?

Doralice

Uma mulher da vida não tem opção nem pra escolher o homem que leva pra cama.

Antônio

Há quanto tempo você está nessa vida?

Doralice

Cerca de um ano.

Antônio

E o que fazia antes?

Doralice

Prefiro não falar sobre isso.

Antônio

Eu respeito seu silêncio. Mas, independente de qualquer coisa, eu gostei de você.

Doralice

Você é diferente. Conversa, quer saber da gente. Os outros não. Estão sempre bêbados, se queixando de tudo, principalmente das esposas. Dizem que elas não sabem fazer amor como a gente. São cheias de nove-horas.

Antônio

(*Rindo*). Só fazem papai e mamãe. Você é muito bonita, elegante e tem um olhar muito sedutor. Vamos fazer amor?

Doralice

Estou no mundo pra isso.

Antônio

Mas comigo vai ser diferente. Faz de conta que sou teu namorado.

Doralice

Vamos lá.

(Os dois se beijam. A luz vai morrendo nos dois e acende numa cantora, num bordel à esquerda, formado por atores e objetos que trazem. Uma fumaça se espalha no palco, criando um clima propício de sedução. Reacende a luz nos dois que estão seminus, sentados numa cadeira, com Antônio sentado, tendo Doralice em seu colo. A cantora canta a música “Besame mucho”, de Consuelo Velasquez)

“Besa-me, besa-me mucho / como si fuera esta noche la última vez / Besame, besame mucho / que tengo miedo a perderte, perderte despues. / Quiero tenerte muy cerca / mirarme em tus ojos / verte junto a mi / piensa que tal vez mañana, / yo ya estare lejos / mui lejos de aqui / Besame, besame mucho / como se fuera esta noche la ultima vez. / Besame, besame mucho / que tengo miedo a perderte, perderte despues.”

(A luz ilumina e apaga, por várias vezes, a cadeira que no final fica vazia com a saída de Doralice e Antônio. As pessoas que compõem o cabaré vão saindo, ficando só o proprietário e o garçom que vão retirando os objetos. A luz acende em Doralice, vestida com uma camisola, que lê uma carta enviada por Antônio). “Doralice, querida. Estou em alto-mar, vendo as ondas se quebrarem contra a proa do navio e me lembro de você. Foi bonito o nosso encontro. Foi bom te conhecer. Guardo comigo teu cheiro, teu gosto, tua imagem soberana, imponente. Não pareces uma mulher da vida, a não ser que a gente entenda da vida alguém que está firme e forte, lutando para ser feliz. Infelizmente, nossos caminhos se cruzam e impedem um encontro maior. Contudo, gostaria de dizer que a tua lembrança ficará sempre comigo. Eu menti para você. Me perdoa. Tenho uma namorada e pretendo construir uma família com ela. Preciso de alguém que acalente minha solidão e minha dor nas horas difíceis. Quero te ver bem e feliz. Sei o quanto é difícil. Mas vale a pena tentar. E eu sei que você tentará. Tenho certeza. Não posso te prometer nada. Mas espero que a vida possa proporcionar outros encontros meus com você. Sonhos, acredite neles. Se não acreditarmos, a vida não vale a pena. Beijos. Antônio.”

(A luz apaga em Doralice e acende na moldura em que se encontram o Pai e a Mãe de Doralice. Frente à moldura, está Neusa, irmã de Doralice. O Pai fala)

Pai

Todos já devem saber o que a Doralice fez da vida.

Mãe

Sei e fico sentida. Gostaria de ajudá-la a retornar ao nosso convívio.

Neusa

Não podemos abandoná-la. É nosso sangue, nossa carne. É parte de nós. Abandoná-la é entregá-la a um mundo cruel e desumano. Pai, reflète, dê uma nova chance para ela.

Pai

É imperdoável o que ela fez. Nada me fará voltar atrás.

Mãe

É tua filha. Nós a concebemos.

Pai

E ela se desencaminhou. Cedeu às tentações, fez um pacto com o demônio. É uma perdida.

Neusa

É minha irmã e eu sinto falta dela.

Pai

Te desconjuro. Não se pode amar alguém que não respeita os seus limites e mancha a honra dos seus.

Mãe

Você está sendo muito severo. Errar é humano, perdoar é divino.

Pai

Quando foi que ela pediu perdão? Tudo que aconteceu, para ela, foi obra do destino. É uma pessoa sem fé. Sem consideração.

Neusa

O senhor a obrigou na ida para o convento.

Pai

Tinha que ser. Ela obedecia mais às suas vontades que às virtudes.

Neusa

O desejo move a gente no mundo.

Pai

E se não tivermos controle sobre ele, ele nos destrói. Foi isso o que aconteceu com tua irmã.

Mãe

São coisas da juventude. Amolece teu coração e perdoa. É nossa filha.

Pai

Nunca! Jamais! Que o mundo dê a ela o que merece. Ela não existe mais para mim. A Doralice que nós concebemos é outra. Está morta no meu coração e na minha mente.

Neusa

Ela fez o que fez para se sentir amada.

Pai

O amor tem regras e tudo mais que a vida oferece.

Mãe

Dê uma nova chance para ela.

Neusa

Não seja tão radical.

Pai

No dia em que ela perder a arrogância e quiser de novo estar conosco, eu vou repensar sobre a minha decisão.

Neusa

Pai, ela é tua filha! Não seja tão duro!

Pai

Ela pensou em mim e vocês quando fez o que fez?

Mãe

Ela foi movida pelo instinto. Não tinha consciência do que fazia.

Pai

A vida é a soma dos nossos atos. Que pague pelo que fez.

(A Mãe faz o sinal da cruz e Neusa chora. A luz apaga na família e acende em Doralice, que vê o resultado de um exame)

Doralice

O exame deu positivo. Eu estou grávida do marinheiro. De Antônio! É o fruto da semana que passamos juntos, como dois amantes em férias, vivendo um grande amor. Ele era diferente dos homens que deitavam comigo. Era doce, gostoso e amigo. O que posso fazer? É mais um desafio, pra minha vida sem rumo, sem direção. Mas um filho é um filho! Eu tenho que amar ele. Cuidar. Não foi à toa que ele entrou em meu ventre e vai sair. Vai sair belo, atraente, poderoso. E que eu vou amar muito. Mais do que a mim e todas as pessoas que me prometeram amor. É um pedaço de mim que vem ao mundo. É a redescoberta do amor! Um amor diferente! É a lembrança dos dias felizes que ficaram do encontro com o homem do mar.

(Enquanto ela fala consigo mesma num foco de luz, o elenco traz objetos criando o ambiente do bordel. A Cantora canta “Esses moços, pobres moços”, de Lupiscínio Rodrigues)

Esses moços pobres moços / Ah! Se soubessem o que eu sei / Não amavam... / ão passavam aquilo que eu já passei. / Por meus olhos, / Por meus sonhos, / Por meu sangue tudo enfim. / É que eu peço a esses moços / Que acreditem em mim. / Se eles julgam / Que a um lindo futuro / Só o amor nesta vida conduz / Saibam que deixam o céu por ser escuro / E vão ao inferno /

*À procura de luz / Eu também tive nos meus belos dias / Essa mania que muito me custou /
E só as mágoas eu trago hoje em dia / E essas rugas o amor me deixou!*

(Doralice entra e senta numa mesa. Uma colega senta ao lado dela e elas conversam)

Maria

Estou deixando a vida.

Doralice

Vai viver de quê?

Maria

Vou casar. Quem sabe, eu posso retomar os estudos e fazer um curso de enfermagem, conseguir um trabalho e ajudar em casa.

Doralice

Você merece melhor sorte.

Maria

E você, não?

Doralice

Minha vida se complica a cada dia que passa. Estou grávida!

Maria

Eu queria ter um filho também.

Doralice

Eu não escolhi. Aconteceu. Mas eu vou fazer de tudo para ele crescer bem, ter estudo e ser gente. Coisa que eu não sei mais o que é.

Maria

Quem é o pai?

Doralice

Antônio, um marinheiro que conheci no Carnaval.

Maria

Ele sabe?

Doralice

Nem vai saber. O filho é meu. Vai ser uma cria minha.

Maria

E a patroa, vai permitir criança aqui?

Doralice

Vou deixar com alguém que cuide dele e que me permita estar com ele, sempre que possa.

Maria

Por que não conversa com o pai?

Doralice

É coisa do passado, já foi. Depois, ele vai casar também. Um filho é como um alento pra minha solidão. É alguém que posso amar por inteiro.

Maria

Eu invejo você.

Doralice

Você vai casar. Terá os seus.

Maria

Não. Eu sou estéril. Eu e João fazemos amor há um bom tempo e eu nunca empenhei. Peguei um filho uma vez de um cliente e abortei. Daí pra cá, nunca mais fiquei prenha. Quer deixar o teu comigo? Eu cuido direitinho. Tu é uma pessoa do bem. A gente consegue ser amiga nesse inferno que a gente vive. Vai ser uma forma também da gente estar junta.

Doralice

É. A gente se gosta. Pode ser. E teu marido? Será que vai gostar da ideia?

Maria

A gente já tava pensando em adotar um. Ele vai gostar de saber que é um filho teu.

Doralice

(Abraçando Maria). Fico mais aliviada, sabendo que ele fica contigo. Vai ser bom pra eu ficar em paz.

Maria

Fique tranquila. Eu vou cuidar dele como se fosse meu.

Doralice

Eu sei, eu confio em você.

(A luz abre e foca na cantora que canta "El Reloj", de Roberto Rodrigues Cantoral, enquanto os atores saem com os objetos, ficando só ela no palco)

Reloj, no marqué las horas / Porque voy a enloquecer / Ella se irá para siempre / Quando amanezca outra vez. / No mas no queda esa noche / Para vivir nuestro amor / E tu tic-tac me recuerda / Mi irremediable dolor / Reloj, detém tu camino / Porque mi vida se apaga / Ella es a

estrella que alumbra mi ser / Yo sin tu amor no soy nada / Detén el tiempo em tu manos / Hás esta noche perpetua / Para que nunca se vayas de mi / Para que nunca amanezca

(Apaga a luz na Cantora e acende em Doralice e Joana, dona do bordel)

Joana

Eu tô sabendo que tu emprenhou!?

Doralice

É verdade.

Joana

É por isso que tu não vai pra janela como as outras?

Doralice

Nunca fui de me oferecer na janela. Não é agora que vou fazer isso.

Joana

Quantos meses já tem?

Doralice

Três.

Joana

Ainda dá pra fazer o atendimento.

Doralice

Dá, sim!

Joana

Se quiser tirar também eu conheço uma parteira que sabe fazer o serviço.

Doralice

Não. Eu quero muito ter esse filho.

Joana

Se fosse qualquer outra, eu mandava embora. Mas, pode contar comigo. Eu tenho dois. Tudo homem. Eu pago um colégio interno. Quero os dois doutor.

Doralice

Eles sabem da tua profissão?

Joana

Sabem que eu tenho um bar. Nos domingos, eu saio com eles. A gente vai a praia, vai tomar sorvete e comer num restaurante de uma amiga.

Doralice

E o pai?

Joana

Não quer saber. É casado. É doutor.

Doralice

E eles não perguntam pelo pai?

Joana

Eu digo que já morreu. É melhor pra eles.

Doralice

É verdade! O pai do meu é marinheiro. Eu escrevo sempre pra ele e ele pra mim. Mas não vou dizer nada, não. O filho é meu. É filho da alegria. Foi feito no Carnaval. Lembra que eu fiquei uma semana fora?

Joana

Lembro, sim.

Doralice

Eu estava com ele. Foi bonito.

Joana

Eu sei como é, quando a gente encontra o amor. O ruim é que passa.

Doralice

Passou, mas ficou esse pedaço em mim. É como se tivesse vivo.

Joana

E como tu vai criar?

Doralice

Maria vai cuidar. Ela vai casar, tu sabe né?

Joana

Sei, sim. Ela me disse.

Doralice

Pois é! Eu vou dar uma ajuda e sempre que puder vou lá ver ele, conversar, abraçar e brincar.

Joana

Conte comigo. Eu conheço uma parteira. Ela faz teu parto.

Doralice

Obrigada! Ainda bem que tem gente como tu nesse mundo!

Joana

Nós somos da vida, gente que todo mundo despreza. Mas a gente tem que se ajudar. Qualquer coisa, fale comigo e eu vou fazer o que posso pra tudo caminhar bem.

(A luz apaga nas duas e acende em João e Maria que trazem uma criança no colo)

Maria

Antônio é o nome que ela escolheu, em homenagem ao pai.

João

Deve ser triste pra ela ter a criança e não poder ficar com ela.

Maria

É. Mas com a gente, ele fica mais protegido e ela vem todo dia amamentar. Quando não pode, eu amamento. Dizem que o leite da mãe é bom pra criança crescer forte, sadia. Ela está feliz. É uma alegria só quando vê o bebê.

João

O bitelo é bonito, sadio!

Maria

E não incomoda. Dorme a maior parte do tempo.

João

Tu tá feliz?

Maria

E como! Você, o garoto... É tudo que eu quero pra esquecer o que eu passei naquele mundo-cão.

João

A gente ainda tem muito que viver e aproveitar.

(Beija Maria. Doralice entra muito alegre e fala com os dois)

Doralice

Bom-dia! Bom-dia! Como é que está meu tesouro? *(Pega o bebê no colo)*.

Maria

Bom-dia, Dora! Antônio está ótimo. Dorminhoco que só ele!

João

Bom-dia, Dora! O garoto está forte, vai ficar um rapagão!

Doralice

Como o pai! Alto, bonito, galante!

Maria

E você?

Doralice

Eu estou feliz. Penso no Toninho o tempo todo. Às vezes fico meio triste, mas quando vejo a foto dele, parece que tudo muda. O mundo perde o cinza e fica cheio de cor. A alegria toma conta de mim e a vontade de viver se renova. Todo mundo diz que eu voltei a sorrir. (*Beija o bebê*).

Maria

Você, que era sempre tão sisuda!

João

Quando a vida sorri pra gente, a gente também se alegra.

Doralice

Com certeza. (*Canta*):

Como pode um peixe vivo, / Viver fora d'água fria. / Como poderei viver, / Como poderei viver. / Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?"

(A luz apaga nos três e acende num bloco de Carnaval, que canta a música "Colombina", de Armando Sá e Miguel Brito)

"Colombina, eu te amei, mas você não quis. / Eu fui para você, um pierrô feliz. / O confetes dourado, que alguém lhe atirou / Não fui eu quem jogou, não fui eu quem jogou."

(Trazem lança-perfume, confetes, serpentina e estão fantasiados. Eles começam com movimentos soltos e aos poucos a música entra num ritmo mais lento. Os atores fazem uma mímica e em câmara lenta vai congelando no centro do palco. Doralice vestida de colombina, entra. Está visivelmente mais velha e tomada pela emoção)

Doralice

Dezoito anos. O tempo passou, mas eu ainda guardo você no coração. Nosso filho cresceu. Está na Marinha, também. E hoje, a gente vai se ver. Por coincidência, um dia de Carnaval, também. Está bonito como você. Escrevo sempre pra ele, e ele me mandou muitas fotos que guardo comigo, em meu quarto, no espelho da penteadeira. Perto do teu. Perto do nosso, que ficou como lembrança daquele Carnaval. Ele tá chegando. Eu consegui. Eu, João e Maria. Eles também vêm. Vamos celebrar, comemorar, ser feliz. (*Aparecem os três, João, Maria e Antônio. João está vestido de pirata; Maria de princesa e Antônio de pierrô*). Eles estão chegando, estão vindo. (*Ela corre e abraça Antônio. João e Maria*

observam). Meu filho, que saudade! Como você está bonito nesta fantasia de pierrô!

Antônio

Você também, mãe. Parece uma rainha!

João

A gente já tomou umas duas e quer se divertir.

Maria

Brincar até o dia raiar!

Antônio

Com certeza!

(A música volta e o grupo vai descongelando e dançando. Os quatro se integram e saem. A luz morre aos poucos, enquanto acende na Cantora de cabaré que canta “Ansiedad”, de José Enrique Sarapia)

“Ansiedad / De tener en mis brazos / Musitando palabras de amor... / Ansiedad / De tener tus encantos / Em la boca volverte a besar... / Tal vez está llorando mi pensamiento / Mis lágrimas son perlas que caen al mar / El eco adormecido de este lamento / Hace que estés presente em mi soñar / Quizás estes llorando al recordarme / Y estreches mi retrato com frenesi / Hasta tu oído llegue la melodía salvaje / Del eco de la pena de estar sin ti...”

(Aos poucos, o cabaré vai tomando forma. Doralice está sentada, sozinha, numa mesa. Antônio, seu filho, entra com uma mulher. Está visivelmente embriagado. Assusta-se ao ver Doralice e fala)

Antônio

Mãe! Você por aqui? (**Doralice se assusta e fica em silêncio**). Então, a senhora é...

Doralice

Uma prostituta.

Antônio

Pai João e mãe Maria me disseram que você trabalhava num hotel. Isso aqui é um bordel.

Doralice

Eu proibi que eles dissessem qualquer coisa a você sobre a minha profissão.

Antônio

Profissão?

Doralice

Sim. Como todas as outras. Foi aqui que eu consegui o dinheiro necessário para te criar, te dar condição de crescer na vida.

Antônio

Fazendo vida?!

Doralice

Eu quis te poupar de saber a verdade. Queria te proteger porque tinha medo que você não me aceitasse como eu sou! Me perdoe. Fiz tudo pensando no seu bem.

Antônio

Foi pior. Eu respeito a sua escolha. Mas eu vou cair no mundo e não quero mais te ver.

Doralice

Se esta é a tua vontade, que assim seja! Só quero te afirmar uma coisa: tudo que fiz, fiz por amor!

Antônio

Você ao menos sabe quem é meu pai?

Doralice

Alguém muito especial. Alguém que soube amar. Marinheiro, como você.

Antônio

E onde anda?

Doralice

Navegando.

Antônio

Te amou tanto e te largou aqui na vida?

Doralice

Sempre fui só. Amei e desamei quando tinha que ser.

Antônio

Ele sabe que eu existo?

Doralice

Não.

Antônio

Melhor assim! Quando quiser notícias minhas, procure pai João e mãe Maria.

Doralice

Está bem, que assim seja! Você está sendo cruel comigo. Se rejeita tanto uma prostituta, por que está com uma?

Antônio

Quero me divertir, gozar e dar o fora. E ela sabe disso.

Doralice

Todas nós sabemos. Isto não quer dizer que somos malditas. Nós também temos sentimentos e merecemos respeito.

Antônio

Mas não soube respeitar a mim e a meu pai.

Doralice

Respeitei dentro das minhas possibilidades. Preservei você de um mundo perverso e preconceituoso, buscando te fazer feliz.

Antônio

Pensou em ti. Na tua vontade, nos teus planos. Foi egoísta e mentirosa. Isso, sim!

Doralice

Menti sim e insisto, menti pra te preservar. Egoísta, não fui. Tu teve o pai e a mãe que eu não pude ser.

Antônio

Não fosse o acaso e eu seria enganado por toda uma vida. Eu vou-me embora. Que Deus te proteja... de qualquer jeito. Eu não tenho pai, não tenho mãe. Sou filho do mundo, como você.

(Ele vai saindo. Doralice interrompe)

Doralice

Pelo menos, deixe eu te dar um abraço.

(Ele para e age friamente. Sai. Doralice chora. José, irmão de Doralice, entra e se apresenta)

José

Eu sou José, teu irmão!

Doralice

Eu não tenho família.

José

O pai morreu. A mãe quer te ver.

Doralice

(Entrando num processo alucinatório). Diz pra ela que eu também morri. Há muito tempo e ela esteve no meu enterro. Eu estava vestida de noiva, noiva de Cristo. E que, agora, eu estou com Ele. Só Ele me entende, me compreende e me ama. Que o céu e o inferno não são muito diferentes; anjos e demônios vivem em perfeita harmonia. O que não presta é essa criação de Deus que chamam de humanos. De humanidade não têm nada. São bestas feras abrindo feridas que jamais cicatrizam, estão sempre expostas, sangrando e alimentando a dor, a agonia do dia-a-dia. Mas meu amado é para mim e eu sou para meu amado. Como és formoso, amado meu. Como és amável. O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. *(Ela começa a andar pelo espaço enquanto fala. José, seu irmão, vai se afastando, assustado com o que vê e ouve).* Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado que está batendo; já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez?

(Doralice vai saindo e a luz acende em João e Maria)**Maria**

Dora está enlouquecendo, desde que Antônio descobriu tudo. Foi na casa de Joana e encontrou com ela lá.

João

Ele foi muito cruel. Dora não merecia...

Maria

Com certeza. Ela foi mais mãe do que muitas por aí que se dizem mãe. Tudo que fazia era pensando em Antônio.

João

Pois é. E não adiantou a gente conversar com ele. Quem sabe, mais adiante, ele volta atrás.

Maria

A vida vai mostrar pra ele o que ele perdeu com a atitude que tomou.

João

Com certeza.

Maria

Eu estive lá. Você não reconhece a Dora que a gente conhecia. Diz coisas à toa, sem sentido, e não quer ver ninguém.

João

É triste que tudo tenha acabado assim. Tanto esforço que ela fez e ter o desprezo como recompensa?

Maria

Mas é impressionante. Apesar de tudo que está passando, parece feliz. Parece estar em outro mundo. Fora da realidade. Como num sonho ou num pesadelo. Ela mistura tudo. Joana não quer mais ela lá. E ela quer ir pra rua. Andar à toa, sem rumo, sem destino.

(A luz apaga em João e Maria e acende em Doralice que está vestida com uma túnica roxa, tem na cabeça um manto e um crucifixo pendurado no pescoço. Ouve-se a Ave-Maria tocada pelo órgão no início da peça)

Doralice

Eu não espero mais nada de ninguém. Dizem que Deus fez tudo para vivermos em harmonia. Vai ver eu não soube aprender os ensinamentos Dele. Mas, de qualquer forma, é Ele que me resta. Neste baú tem tudo que ficou de ruim e de bom em minhas andanças. *(Retirando coisas do baú)*. Isto não tem mais nenhuma importância para mim. O que Deus quer é a entrega, o desmoronamento de tudo que é supérfluo. A partir de agora, tudo que tenho é um resto de corpo, uma história sem rumo e uma vida sem glórias. A roupa que eu visto é minha abdicação de tudo. Essa é minha glória. *(Ela tira do baú roupas e pertences que vai mostrando, enquanto fala)*. Não posso sair nua. O calor e o frio precisam ser cobertos. Meu hábito é a minha proteção. É com ele que eu vou enfrentar o mundo. Santificada. A santificação é a última oportunidade de ser respeitada. Perdi tudo. A família, os amores, meu filho. Vou estar no mundo envolta em mistério. Quem é esta mulher? Perguntarão os que passam. E eu vou inventar mil histórias para dizer quem sou eu. O que é que eu ganhei todo esse tempo? As ruas, os que passam e a liberdade de ir e vir sem dar satisfação a ninguém. Loucura? Pode ser. Mas, eu me pergunto: Quem é louco? Aquele que vive se sufocando ou quem dá voz a sua imaginação e à liberdade? Obedecer às regras ou viver o sonho? Nada mais me importa. Tudo que eu quero é ser reconhecida, apesar de brincar com a verdade e ter o imaginário como guia. Inventar, inventar, inventar. É tudo que eu quero. E acreditar nas minhas invenções. Viverei enquanto alguém se apiede de mim e seja solidário à minha agonia. Não tenho mais teto. Tenho a rua como abrigo. O olhar do passante que dirá: deixa eu dar uma ajuda, é uma pobre coitada. Não sabendo eles que sou uma rainha, uma soberana,

única nesse labirinto que chamam vida. Se me apedrejarem, eu saberei escapar da mesma forma que soube no caminho percorrido. Quem sou eu? Quem é você? Será que sabemos? Somos o que criamos para estar no mundo.

(Doralice sobe no baú de onde tirou as roupas, jóias e sapatos, fotos e outros objetos. Transeuntes entram e se colocam em torno de Doralice. Se perguntam)

Transeunte I

Quem é esta mulher de roxo que não sai da Rua Chile?

Transeunte II

Ela diz que nasceu em cima do altar da Igreja de São Francisco.

Transeunte III

É uma pobre coitada. Dizem que perdeu o marido na guerra e ficou assim.

Transeunte IV

Dizem que esta pose de pedinte é só fachada. Ela tem um grande tesouro escondido.

Transeunte V

Nada disso. Ela era professora em Paripe, mas os alunos deram um calote nela e ela enlouqueceu. (*Doralice pega um esparadrapo e rasga, colando em seu corpo*).

Transeunte VI

Dizem que ela está escrevendo a história de vida dela num caderno que traz sempre com ela, para ser mostrado nas rádios e televisões do mundo inteiro.

Transeunte VII

Pede esmola, mas não agradece. Dizem que é a forma de resgatar sua nobreza perdida.

Transeunte VIII

Dizem que foi abandonada no altar pelo noivo.

Transeunte IX

A gente vê e não esquece. Ela é meio santa, meio freira, meio louca, a gente tem medo, respeito, pena e carinho.

Transeunte X

Todos que a ouvem sabem de histórias, mas não acreditam. Após algum tempo se fechou no silêncio. Não fala, não dá entrevistas, nem

se deixa fotografar. Enclausurou-se em si mesma no roxo que encobre o seu mistério.

(A luz morre nos transeuntes e fica só em Doralice. Ela fala)

Doralice

Silêncio! Já é noite alta e o bebê quer dormir. Eu, também. Ele é lindo, lindo como um Deus. Silêncio, é hora de sonhar. Que a paz de Deus esteja convosco.

(A música cresce e a luz vai morrendo aos poucos, ficando o palco no escuro)

FIM



Nascido a 15 de novembro de 1948, Deolindo Checucci Neto é baiano, tendo começado sua carreira artística em 1970 com a montagem do espetáculo *O Futuro Está nos Ovos* de Eugéne Ionesco. Deolindo tem montado ao longo de sua carreira textos para crianças, adolescentes e adultos, não só de sua autoria, como também de autores internacionais e nacionais como Mário Vargas Llosa, Bertolt Brecht, Paulo César Coutinho, Cleise Mendes, Haydil Linhares e outros. Professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, onde leciona a disciplina direção teatral. O professor é mestre pela Universidade de Lawrence KS, Estados Unidos.

	COLOFÃO
Formato	<i>19,5 x 27 cm</i>
Tipologia	<i>Myriad Pro 10,5/16 (texto)</i> <i>A Massa Falida (título)</i>
Papel	<i>Ecomillennium 75 g/m² (miolo)</i> <i>Kraft 300 g/m² (capa)</i>
Impressão	<i>Edufba</i>
Capa, páginas coloridas e acabamento	<i>Cian Gráfica</i>
Tiragem	<i>500</i>



São inumeráveis os aspectos que referenciam o teatro baiano. Suas montagens, seus artistas, seus palcos, são características que se destacam no cenário nacional e internacional.

A *Coleção Teatro Baiano*, de Deolindo Chechucci, premiado diretor e professor de Faculdade de Teatro da UFBA é uma iniciativa que visa atender a amantes e estudiosos dessa área contribuindo assim para sua consolidação. Os livros dessa coleção contam histórias através de roteiros belíssimos, que emocionaram plateias de públicos diversos, das mais variadas gerações.

978-85-232-0749-6



9 788523 207496